

6º CINE-FÓRUM UEMS: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate

CADERNO DE RESUMOS

Evento Científico Internacional

Orgazinadores

Valdon Breno da Silva Maia

Marcus Vinicius Diniz de Lima

Renan da Silva Dalago



ISBN: 978-65-83315-16-8

Câmara Brasileira do Livro (CBL)

Organizadores

Valdon Breno da Silva Maia
Marcus Vinicius Diniz de Lima
Renan da Silva Dalago

Editor-Chefe

Renan da Silva Dalago

Diagramação e CopyDesk

Valdon Breno da Silva Maia

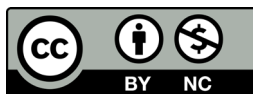
Conselho Editorial

Editora Coletivo Cine-Fórum
Disponível em
www.editoracoletivocineforum.com.br

As opiniões expressas pelos autores pertencem a eles e não refletem necessariamente a opinião do Conselho Editorial ou da Editora.

**Direitos reservados a
EDITORA COLETIVO CINE-FÓRUM**

marca registrada
Goiânia, Goiás
editora@coletivocineforum.com
www.editoracoletivocineforum.com.br



Esta obra é de acesso aberto.
É permitida a reprodução parcial ou total desta obra,
desde que citada a fonte e autoria e respeitando
a Licença Creative Commons indicada.

O CONTEÚDO DESTA PUBLICAÇÃO, SEU TEOR, SUA REVISÃO E SUA NORMALIZAÇÃO SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES.

CADERNO DE RESUMOS - EVENTO CIENTÍFICO INTERNACIONAL

Publicação digital da Editora Coletivo Cine-Fórum. A seleção da obra foi realizada pelo Conselho Editorial e Comitê Científico do
Evento Científico Internacional 6º Cine-Fórum da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate,
realizado em 20, 21 e 22 de maio.
Avaliação cega por pares sem uso de Inteligência Artificial.



EVENTO INTERNACIONAL

6º CINE-FÓRUM UEMS: CINEMA, LETRAS, ARTE, SOCIEDADE E DEBATE

COORDENAÇÃO GERAL

Dr. Altamir Botoso – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dr. André Rezende Benatti – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Me. Renan Dalago – Universidade Federal de Goiás, Brasil
Me. Murilo de Castro – Universidade Estadual do Paraná, Brasil

PROFESSORES RESPONSÁVEIS

Dr. Altamir Botoso – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dr. André Rezende Benatti – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

COMISSÃO ORGANIZADORA

Dr. Altamir Botoso – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dr. André Rezende Benatti – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Dra. Angela Maria Meili – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Aline Saddi Chaves – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil
Me. Murilo de Castro – Universidade Estadual do Paraná, Brasil
Me. Renan Dalago – Universidade Federal de Goiás, Brasil
Me. Victor Finkler – Universidade Federal do Paraná, Brasil

COMITÊ CIENTÍFICO

Dra. Adriana Kivanski de Senna – Universidade Federal do Rio Grande
Dra. Adriana dos Reis Silva – Universidade Estadual de Minas Gerais
Dra. Andreia Oliveira – Universidade de Aveiro
Dra. Alessandra Gomes da Silva – Instituto Nacional De Educação de Surdos (INES)
Dr. Adail Ubirajara Sobral – Universidade Federal do Rio Grande – FURG
Dr. Adair Marques Filho – Universidade Federal de Goiás
Dra. Alejandra Bottinelli Wolleter – Departamento de Literatura, Universidad de Chile
Dra. Alessandra Avila Martins – Universidade Federal do Rio Grande
Dr. Aldo Victorio Filho – Instituto de Artes da UERJ
Dr. Alessandro Felipe – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Dra. Aline Saddi Chaves – Aliança Francesa / French Alliance
Dr. Altamir Botoso – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Dr. Alex Sandro Martoni – PUC Minas
Dr. André Rezende Benatti – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Dr. André Fontan Köhler – Universidade de São Paulo
Dra. Ana Beatriz Barbosa de Souza – Universidade Federal de Goiás (UFG)
Dra. Ana Maria da Silva – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Dra. Ana Valéria de Figueiredo – Instituto de Artes (UERJ)
Dr. Antonio Marcio da Silva – University of Essex, Reino Unido
Dra. Bianca Sena Gomes – Universidade Federal de Viçosa
Dr. Carmem Gessilda Burgert Schiavon – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Dra. Clara Raquel Gonçalves Pinto – Universidade de Lisboa
Me. Cristiano de Oliveira Sousa – Universidade Federal de Goiás (UFG)
Dra. Daniela de Paula Gomes – Universidade de São Paulo (USP)
Dr. Diego Paleólogo – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Dr. Divina Mendes Chagas – Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)
Me. Dyone Alves de Oliveira – Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Dr. Eduardo Ferraz Felipe – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Dra. Elaine Cristina Rodrigues Aguiar – Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Dr. Eliana da Silva Tavares – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Dra. Eliane Marquez da Fonseca Fernandes – Universidade Federal de Goiás (UFG)
Dra. Elisa Mattos – Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Dr. Ernani Cesar de Freitas – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Dra. Francieli Matzenbacher Pinton – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Dr. Francisco Pereira Smith Júnior – Universidade Federal do Pará
Dr. Freddy Studart de Souza Brasil – Universidade Estácio de Sá
Dr. Guilherme Alves da Silva – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Haydeé Bascopé Guzmán – Universidad Mayor de San Andrés (UMSA), La Paz, Bolívia

Dra. Jessica Falconi – Universidade de Lisboa
Dr. João Luis Pereira Ourique – Universidade Federal de Pelotas (UFPeI)
Dr. João Pedro Wizniewsky Amaral – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Dr. José Carvalho Vanzelli – Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Dra. Juara Castro da Conceição – Universidade Federal de Goiás (UFG)
Dra. Julia Barroso da Silveira – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Dra. Julia Carolina do Nascimento Ourique – UERJ / Université Paris 8
Dra. Julia Merino – Universidad Autónoma de Madrid
Dr. Juliana Maria Lanzarini – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Dra. Juliana Santana de Almeida – Universidade Federal do Tocantins (UFT)
Dra. Lara Lima Satler – Universidade Federal de Goiás (UFG)
Dr. Lucius Provase – Universidade de São Paulo
Dra. Lis Yana de Lima Martinez – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Dr. Luciana Ferrari Montemezzo – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Dr. Luciana Paiva Coronel – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Msc. Luciana Uhren Meira Silva – Docente na Faculdade do Litoral Sul Paulista (FALS)
Dra. Luzia Gomes Ferreira – Universidade Federal do Pará
Dra. Mar Garrido Román – Universidad de Granada, Espanha
Dra. Maria Luisa Jimenez – Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Dr. Marcelo de Tróia – Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP)
Dra. Mariana de Almeida Ferreira – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Dra. Marina Chiara Legroski – Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Dra. Marina Mapurunga de Miranda Ferreira – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
Dra. Marilande Martins Abreu – Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
Dra. Mayara Roberta Martins – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Me. Murilo de Castro – Universidade Estadual do Paraná
Dr. Monica Chagas da Costa – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Dra. Márcia Farsura de Oliveira – Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Dra. Natália Gonçalves de Souza Santos – Universidade Federal de Viçosa (UFV)
Dr. Nélcio Ribeiro Moreira – Universidade Federal do Pará
Dra. Niura Aparecida Legramante Ribeiro – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Dra. Patrícia Marcuzzo – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)
Dr. Pedro Henrique Cremonez Rosa – Universidade Estadual de Londrina (UEL)
Dr. Rejane de Souza Ferreira – Porto Nacional
Dra. Regina Pires de Brito – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Me. Renan Dalago – Universidade Federal de Goiás, Brasil
Dra. Rita de Cássia Greco dos Santos – Universidade Federal do Rio Grande
Dr. Rodrigo Daniel Levoti Portari – UEMG / UFMG
Dra. Rosane Maria Cardoso – Universidade de Caxias do Sul / Universidade de Santa Cruz do Sul
Dr. Samuel Ponsoni – Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)
Dra. Sandra Mara Stroparo – Universidade Federal do Paraná
Dra. Sara Regina Scotta Cabral – Universidade Federal de Santa Maria
Dra. Silvana Schwab do Nascimento – Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
Dra. Tatiana Keller – Universidade Federal de Santa Maria
Dra. Teresinha Barachini – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Me. Victor Finkler – Universidade Federal do Paraná, Brasil
Dr. Vilso Junior Santi – Universidade Federal de Roraima (UFRR)
Dr. Welton Pereira e Silva – Universidade Federal Fluminense
Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)
Me. Ítalo José de Medeiros Dantas – Universidade Feevale e UEMG

EQUIPE E MONITORES

Me. Layla de Oliveira Vasconcellos – PPGLetras – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Me. Rian Sousa Oliveira Bispo – PPGCOM – Universidade Federal de Ouro Preto
Me. Ícaro Ricarte – PPGCOM – Universidade Federal de Pernambuco
Me. Victoria Nantes Marinho Adorno – PPGLetras – Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

REALIZAÇÃO

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS
Núcleo de Ensino de Línguas da UEMS
Coletivo Cine-Fórum
Revista PELICULA

PALESTRAS E MINICURSOS DO EVENTO

20 de maio de 2026

- **13h30 | Abertura e Bate-Papo**
Mia Couto, sob mediação de **Andre Rezende Benatti** (PPGLetras UEMS).
- **14h30 | Minicurso**
Análise do artifício da Mise en Abyme em três romances contemporâneos, ministrado por **Altamir Botoso e Ana Paula Almeida Mendes** (UEMS).
- **18h00 | Palestra**
Um intervalo entre fotografia e literatura em Annie Ernaux e Sophie Calle, proferida por **Bruna Fontes Ferraz** (CEFET-MG).
- **19h15 | Palestra**
Nos trilhos da modernidade: fronteiras culturais e imaginário em Mad Maria (1980), de **Márcio Souza**, ministrada por **Fernando Simplicio** (UNIR/UFAC).

21 de maio de 2026

- **13h00 | Minicurso**
Stranger Things: divergências entre ficção científica e fantasia, ministrado por **Rodrigo Gasparini** (roteirista | HBO Max).
- **15h00 | Minicurso**
O Horror em Stephen King: da literatura para o cinema, ministrado por **Rita Ribeiro** (UEMG).
- **18h00 | Palestra**
O processo criativo nas artes em geral e no cinema em particular, proferida por **Manuela Penafria** (Universidade da Beira Interior – Portugal).
- **19h30 | Palestra**
Queer horror: nós viemos do armário, apresentada por **Diego Paleologo** (UERJ).
- **20h30 | Palestra**
A transmídia em Soundtrack (2017): roteiro e filme, ministrada por **Camila Figueiredo** (UFMG).

22 de maio de 2026

- **14h00 | Minicurso**
Personagens sob Suspeita: Agatha Christie entre a Literatura e o Cinema, ministrado por **Jean Pierre Chauvin** (USP).
- **15h30 | Minicurso**
Literatura e Escravidão no Brasil, ministrado por **Fernando Breda** (USP).
- **18h00 | Palestra**
O Brasil na Guerra: uma genealogia da "democracia racial", proferida por **Felipe Botelho Correa** (King's College London - Reino Unido).
- **19h10 | Palestra**
A língua portuguesa em movimento: diversidade e pluricentrismo, ministrada por **Regina Brito** (Universidade Presbiteriana Mackenzie).

apresentação

O Coletivo Cine-Fórum vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e ao Colégio de Humanidades (CAPES), com apoio do Núcleo de Ensino de Línguas da UEMS, organizam o 6º Cine-Fórum UEMS: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate.

O evento reúne pesquisadores brasileiros e estrangeiros a fim de ampliar discussões temáticas feitas no âmbito do cinema, da literatura, da linguística, das artes e da comunicação social.

Este documento reúne e organiza os resumos dos trabalhos submetidos e apresentados durante o evento, constituindo-se como registro das pesquisas e discussões realizadas nesta edição.

Por fim, consideramos que esta edição tenha apresentado trabalhos de significativa relevância acadêmica e científica, contribuindo para o fortalecimento do diálogo entre diferentes áreas de conhecimento das ciências humanas.

Os organizadores

LITERATURA E INTERTEXTUALIDADES

A FOME DE CAROLINA: O CINEMA, A MÚSICA E O CARNAVAL

Renan Assunção de Matos¹

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise da representação do corpo negro no corpus literário e audiovisual brasileiro, bem como as maneiras com que estes são associados a conotação de fome e violência. Partindo da trajetória e das memórias de Carolina Maria de Jesus, o trabalho investiga as tentativas de inserção desses corpos na memória cultural, em oposição ao silenciamento histórico. Por meio de uma abordagem interdisciplinar e qualitativa, que conecta literatura, música e produções cinematográficas contemporâneas, como o curta-metragem *O papel e o mar* (2020) e o filme *Ainda estou aqui* (2024), a pesquisa fomenta-se no conceito de memória coletiva, compreendendo-a como um processo construído de modo que confronte o imaginário popular estigmatizado. Nesse sentido, o trabalho amarra-se ao pensamento de Frantz Fanon para demarcar a emergência do corpo “colonizado”, discutindo como a assimilação dos valores da metrópole atua no apagamento da identidade cultural local. Complementarmente, a utilização do referencial de Michel Foucault busca denunciar as marcas do autoritarismo e as estratégias de higienismo social as quais, historicamente, investem contra corpos negros por meio da relação de poder, vigilância e subalternidade. A análise examina como a convergência entre essas artes evidencia a resistência negra frente às estruturas de hegemonia e violência institucionalizadas, discutindo a estética original de Carolina como uma forma de “escrever o vivido”. Uma vez que a promoção de novas narrativas é vital para a construção de uma memória coletiva que estimule escritores, artistas e demais corpos negros a ocuparem espaços de prestígio e protagonismo intelectual na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Racismo estrutural. Higienismo social. Memória coletiva. Literatura negra.

¹ Mestrando em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Graduado em Letras pela UEMS e Filosofia pela UCDB.

A IMPORTÂNCIA DE DEBATER RITOS DE PASSAGEM EM SALA DE AULA: *VIVA, A VIDA É UMA FESTA*

Halina Bagano Gonçalves²
Fabianna Simão Bellizzi Carneiro³

RESUMO

A animação *Viva, a vida é uma festa* narra a história do personagem Miguel, que entra no mundo dos mortos, estando vivo, sem intenção, através de uma cena que mistura o lúdico, o imaginário infantil e os artifícios filmicos, logo os efeitos estilísticos mimetizam a morte através do olhar de uma criança. Dessa forma, Miguel vive uma aventura emocionante entrelaçada ao debate acerca da morte, com proximidade do fim da vida da sua bisavó, bem como, os ritos de passagem, com o fim da sua “criança” e a proximidade com a adolescência, além da possibilidade de encontro com seus antepassados. Nota-se, ao longo do filme, que o luto, enquanto rito de passagem, coloca-nos defronte com a finitude humana. Nessa história, os artifícios usados – cenas muito coloridas, luzes piscantes, esqueletos com pinturas faciais e vestidos de trajes típicos da festa do Dia dos Mortos no México (que é o pano de fundo de todo o filme) – almejam capturar a atenção dos espectadores de todas as faixas etárias, principalmente o infantil que é sobre o qual a narrativa lança luz. Este presente trabalho, portanto, tem como objetivo investigar as potencialidades do cinema enquanto semiose artística e como mediador simbólico para a abordagem da morte em contextos escolares. A pesquisa se desenvolverá metodologicamente com base em uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória com um levantamento bibliográfico devidamente referenciado. Parte-se do pressuposto de que falar sobre a morte, frente a percepção da finitude da vida, sob o qual todos os seres humanos estão submetidos, é importante para uma vida cheia de significados, aí está a importância de se debater esse tema de uma forma ampla. Convém mencionar que este trabalho faz parte do projeto de pesquisa ainda em andamento: *Viva - A vida é uma festa: a importância de se debater a morte em sala de aula através de uma produção fílmica*, do Programa de Licenciaturas/Iniciação à Docência, financiado pela Universidade Federal de Catalão (UFCat), sob orientação da Profa. Dra. Fabianna Simão Bellizzi Carneiro.

Palavras-chave: Ritos de passagem. Morte. Cinema. Lúdico. Artifícios filmicos.

² Bolsista do Programa das Licenciaturas (PROLICEN) e aluna de graduação de Letras Português Inglês na Universidade Federal de Catalão (UFCat).

³ Professora adjunta do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Catalão.

A LEITURA HISTORICISTA DE CARTAS CHILENAS E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NO SÉCULO XIX

Mateus Araújo Santos⁴
Carmelinda Carla Carvalho e Silva⁵

RESUMO

O século XIX, período de construção de uma identidade nacional, buscou em *Cartas Chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga, elementos que contribuíssem, via literatura, para a construção do ideário de nação. O trabalho investiga elementos que possibilitaram a interpretação desse escrito no século XIX sob um viés estritamente histórico e fidedigno à realidade, em detrimento dos aspectos estéticos. A recepção oitocentista se apropriou dessa sátira a fim de instituir uma identidade nacional para a nação, a exemplo das instruções dadas por Veríssimo José do Bonsucesso Júnior em *Artes e Letras no Brasil* (1874), para consolidar uma literatura que valorizasse a pátria brasileira. A crítica da época encontrou em *Cartas Chilenas* aspectos que remetesse à rejeição do território colonial à monarquia. Os desmandos e abusos de poder de Fanfarrão Minésio em ‘Santiago no Chile’, pseudônimo utilizado para a capitania de Minas Gerais, foram lidos como um relato de um acontecimento histórico, sem levar em conta o gênero sátira, a exemplo da declaração de Francisco Adolfo de Varnhagen, no século XIX, ao afirmar que a obra seria o “corpo de delito do orgulhoso Cunha Meneses [...]” (Varnhagen, 1850, p. 515 apud Furtado, 1999, p. 57). A sátira utiliza, segundo Hansen (2004), a hiperbolização como recurso da exacerbação da realidade; logo, os episódios narrados em *Cartas Chilenas* não devem ser lidos como um reflexo fiel da sociedade, mas sim como uma narrativa que constrói cenas satíricas inspiradas em práticas da sociedade colonial. Assim, a obra requer uma leitura cuidadosa que não exclui os aspectos literários em sua composição, e dessa forma, não restrinja a análise a um plano puramente histórico e documental. Para tanto, o trabalho faz uso de uma metodologia qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada em pesquisas e documentos que haviam explorado a obra. Dessa forma, o estudo constitui-se como uma análise de fontes preexistentes sobre o tema, utilizando, dentre outros, os postulados de Barbosa (2018), Furtado (1999), Lapa (1958), Nicodemo (2004), Pereira (2013). Conclui-se que a obra exige uma crítica pautada em uma análise para além dos aspectos históricos, para que dessa forma, não suprima a complexidade literária desta produção.

Palavras-chave: *Cartas Chilenas*. Crítica oitocentista. Identidade nacional. Sátira. Século XIX.

⁴ Graduando em Letras Português pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI.

⁵ Mestra em Literatura, Memória e Cultura - UESPI (2020). Especialista em Linguagens e suas Tecnologias e o mundo do trabalho (2022). Graduada em Letras Português - UESPI (2015). Pós Graduada em Língua Portuguesa e Literatura (2016).

A LITERATURA INFANTIL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Aline Pelissari Kravos⁶

RESUMO

O estudo analisa como a literatura infantil está presente no cotidiano das crianças da Educação Infantil, considerando os três grupos etários — bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas — e compreendendo de que maneira esses sujeitos, reconhecidos como históricos e de direitos, constroem conhecimentos por meio de experiências literárias mediadas no ambiente escolar. O objetivo central consiste em refletir sobre o papel da literatura infantil no desenvolvimento integral das crianças, verificando como ela se manifesta na prática pedagógica e quais sentidos produz no cotidiano educativo. Para isso, a pesquisa buscou identificar práticas docentes, compreender a presença da literatura nas rotinas e analisar a relação entre mediação, planejamento e protagonismo infantil. A metodologia adotada caracteriza-se como pesquisa qualitativa, aplicada e exploratória, fundamentada em três abordagens: bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa bibliográfica contemplou autores que discutem literatura infantil, Educação Infantil e cotidiano, enquanto a pesquisa documental abrangeu legislações e orientações oficiais, como LDB, DCNEI e BNCC. A pesquisa de campo foi realizada por meio de questionários on-line, preservando o anonimato das participantes e investigando concepções, práticas e formas de inserção da literatura no cotidiano das crianças, o qual obteve 44 respostas. Os dados foram analisados com base na Análise Textual Discursiva (ATD), seguindo as etapas de unitarização, categorização e metatextos, permitindo a construção de sentidos a partir das respostas. Os resultados preliminares evidenciam que, embora a literatura infantil esteja presente na maioria das instituições, sua utilização ainda é marcada por práticas tradicionais, muitas vezes associadas a atividades engessadas ou a uma visão utilitarista voltada à alfabetização. Observou-se também que professores reconhecem o valor formativo da literatura, porém enfrentam desafios relacionados à formação, planejamento intencional e compreensão do protagonismo infantil. Destaca-se que ambientes que valorizam a leitura cotidiana favorecem a ampliação de repertório, a expressão de ideias, o desenvolvimento da imaginação e a construção de hipóteses pelas crianças. Conclui-se que a literatura infantil possui papel central na Educação Infantil ao contribuir para o desenvolvimento integral, cultural e social das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Cotidiano. Literatura Infantil.

⁶ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Profissional de Educação e Pedagogia pela UFFS/Campus Erechim-RS. Membro e pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação, Formação Docente e Processos Educativos e do Grupos de Estudos em Alfabetização do Município de Erechim. Professora de Educação Básica do Município de Erechim.

A NARRATIVA DENTRO DA NARRATIVA: A *MISE EN ABYME* EM *SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO*, DE ITALO CALVINO

André Luiz Aguirre Martinez⁷

André Luiz do Amaral⁸

RESUMO

Em seu romance *Se um viajante numa noite de inverno* (1979), Italo Calvino constrói uma narrativa marcada pela presença de múltiplas histórias inseridas em uma narrativa principal, configurando um meta-romance, uma vez que a obra tematiza o próprio ato de leitura e a elaboração ficcional. Esse procedimento foi relacionado pela crítica ao conceito de *mise en abyme*, e o objetivo deste estudo é analisar essa técnica e demonstrar como ela se manifesta na composição do romance, articulando diferentes narrativas e níveis de leitura. O enredo acompanha a trajetória de um leitor que tenta dar continuidade à leitura de um romance, mas é sucessivamente interrompido por novos começos narrativos, cada qual pertencente a universos ficcionais distintos. Essas narrativas se articulam à história principal e possibilitam múltiplas interpretações por parte do leitor. Dessa forma, a técnica de espelhamento presente na obra reflete a própria condição da ficção e pode constituir uma referência ao processo de leitura e ao próprio autor empírico. Comparada a outras técnicas, a particularidade da fragmentação sucessiva produz um fenômeno singular de reduplicação narrativa. Como embasamento teórico, pautar-nos-emos pelos estudos de Dällenbach (1979, 1991), Goulet (2006), Alonso (2011, 2015), Antunes (1982), Camargo (2008), Cardoso (2016), Todorov (2006). Em termos mais claros e objetivos, pode-se afirmar que o procedimento da *mise en abyme* refere-se à repetição de um elemento no interior de outro que lhe é semelhante ou equivalente. Nesse sentido, buscaremos evidenciar a maneira pela qual o romance problematiza elementos próprios da ficção, tais como a figura do leitor, a construção narrativa, a fragmentação textual e a elaboração de histórias inacabadas, revelando um processo meta-ficcional no qual a narrativa discute a si mesma e o próprio ato de construir e ler literatura.

Palavras-chave: *Mise en abyme*. Italo Calvino. Meta-romance. Espelhamento. Narrativas.

⁷ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, campus de Campo Grande-MS.

⁸ Doutor em Letras pela UNESP/São José do Rio Preto. Professor efetivo do magistério na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul/Campus de Três Lagoas. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

A OBRA EM NEGRO EM CENA: DO ROMANCE DE YOUTCENAR AO CINEMA DE DELVAUX

Amanda Fievet Marques⁹

RESUMO

Esta comunicação propõe uma análise comparativa entre o romance *A Obra em Negro*, de Marguerite Yourcenar, e sua adaptação cinematográfica realizada por André Delvaux. Publicado em 1968, o romance reconstrói o itinerário intelectual de Zénon Ligre no contexto do século XVI europeu, período marcado por profundas tensões religiosas, políticas e científicas. A narrativa articula um amplo panorama histórico e cultural, no qual reflexões filosóficas, teológicas e médicas se entrelaçam à trajetória do personagem, construindo uma obra de grande densidade e, fundamentalmente, marcada pela multiplicidade de vozes, eventos e figuras históricas. Na adaptação cinematográfica, lançada em 1988, essa estrutura narrativa é reorganizada. O filme concentra-se sobretudo na figura de Zénon, apresentado como um indivíduo errante e perseguido por suas ideias em um ambiente dominado pela vigilância religiosa e pela repressão intelectual. Ao privilegiar a dimensão dramática da perseguição e do isolamento do protagonista, a adaptação reduz a rede de personagens e de perspectivas presente no romance, enfatizando o percurso solitário de um pensador em conflito com as instituições de seu tempo. A partir de uma leitura comparativa entre o texto e o filme, a comunicação examinará os procedimentos de adaptação que conduzem a essa transformação narrativa. Busca-se compreender como a linguagem cinematográfica traduz e reorganiza um romance de forte teor histórico e reflexivo, convertendo-o em uma narrativa centrada na experiência individual e no embate entre pensamento livre e poder institucional. Desse modo, pretende-se investigar de que maneira o cinema reinterpreta o universo intelectual elaborado por Yourcenar, conferindo nova forma e ritmo à trajetória de Zénon.

Palavras-chave: Marguerite Yourcenar. André Delvaux. Literatura francesa. Adaptação cinematográfica.

⁹ Doutora e Mestra em Teoria e História Literária pela Unicamp. Atualmente, realiza Pós-Doutorado no Depto. de Letras Modernas do IBILCE/UNESP com financiamento da FAPESP.

A POESIA NO CURTA-METRAGEM VER-O-PESO

Ireane Ferreira Melo¹⁰
Josiclei de Souza Santos¹¹

RESUMO

Rancière nos mostra que uma marca da produção artística contemporânea, que ele classifica como pertencente ao regime estético, é a mistura entre linguagens e a quebra com os espaços instituídos de circulação da arte. Essas características estão no curta-metragem *Ver-o-peso*, um marco do cinema paraense, dirigido por Januário Guedes e realizado em 1984. Trata-se de um símbolo de retomada do audiovisual na região, com uma equipe envolvendo criadores locais. O filme tem um caráter experimental ao quebrar com a relação sintagmática comum ao cinema narrativo e adotar uma estrutura paratática próxima da linguagem poética. A película evoca a figura do *flâneur*, categoria formulada por Walter Benjamin, a partir da leitura da obra poética de Charles Baudelaire, observando a relação deste com a cidade. O filme insere nas falas da personagem *flâneur* passagens de alguns poemas do livro *Altar em Chamas* (1983) do escritor João de Jesus Paes Loureiro, que mostra o poeta como aquele capaz de fazer a *flanerie* principalmente no centro antigo de Belém. A obra cinematográfica apresenta as andanças de uma pessoa em situação de rua que observa a cidade e seus eventos, e que, a partir dessa observação lírica, declama seus versos. *Ver-o-peso* se apresenta, portanto, como uma obra de caráter híbrido, por misturar o gênero lírico literário e a linguagem do cinema, propiciando uma conexão entre essas linguagens, trazendo nessa poética uma reflexão sobre a multitemporalidade pós-colonial do espaço urbano na Amazônia. Para a leitura da obra em questão, serão utilizados os estudos de Walter Benjamin sobre a aura e a *flanerie*, a pesquisa de Neide Gondim sobre a invenção da Amazônia, as reflexões de Roland Barthes sobre texto e imagem e os estudos de Stuart Hall sobre a categoria pós-colonialidade.

Palavras-chave: Poesia. Curta-metragem. Amazônia.

¹⁰ Discente de graduação em Letras da Universidade Federal do Pará.

¹¹ Professor doutor em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará.

DE MURNAU A EGGERS

Fiama Pereira da Silva¹²

RESUMO

O presente trabalho propõe uma investigação acerca da transposição da figura do monstro na obra *Nosferatu* (1922; 2024), tomando o romance *Drácula* (1897), de Bram Stoker, como objeto literário e ponto de articulação para a análise fílmica. A pesquisa fundamenta-se na premissa de que o horror possui um caráter alegórico, capaz de expressar temores sociais, políticos, econômicos e psicológicos que afligem a sociedade. Através da obra de Noël Carroll, *A Filosofia do Horror: ou paradoxos do coração*, busca-se compreender por que nos familiarizamos e nos sentimos atraídos por figuras que, a princípio, deveriam causar apenas medo ou repulsa, investigando a curiosidade cognitiva e o fascínio que o monstruoso exerce sobre o sujeito. Essa familiaridade é aprofundada pelo diálogo entre o conceito de "O Infamiliar" (*Unheimlich*), de Sigmund Freud, e a teoria da abjeção, de Julia Kristeva. Propõe-se que o monstro atua como o retorno de conteúdos recalcados que, embora causem angústia, revelam-se como extensões dos desejos da própria protagonista, Ellen. Sob o prisma do Expressionismo, definido por Dante Tringali como um neo-romantismo que não hesita diante do bizarro e do fantasmagórico, a pesquisa analisa a fragmentação da alma por meio da estética. A metodologia, de natureza qualitativa e bibliográfica, foca na análise da estética expressionista, observando o uso do *chiaroscuro*, dos cenários distorcidos e do onirismo como veículos de uma subjetividade em crise. O objetivo final é comparar as construções de Ellen e do monstro nas versões de 1922 e 2024, demonstrando como o abjeto evolui de uma ameaça externa e coletiva no pós-guerra de Murnau para uma sombra psíquica e um duplo da solidão moderna na releitura de Eggers.

Palavras-chave: Expressionismo. Horror. *Drácula*. *Nosferatu*.

¹² Professora, pesquisadora e artista. Dedicar sua pesquisa ao Horror e ao Insólito existencial.

DO CONTO AO PALCO: INTERTEXTUALIDADE E FORMAÇÃO JUVENIL A PARTIR DE “TORTA DE BANANAS” NA 1ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO

Dirchely Samara de Lima Farel¹³

RESUMO

O presente trabalho propõe uma prática pedagógica voltada à formação leitora e ao desenvolvimento socioemocional de estudantes da 1ª série do Ensino Médio, por meio das aulas de Literatura, a partir da leitura do conto “Torta de bananas”, de Socorro Acioli, antologia organizada por Joselia Aguiar. Considerando a literatura como espaço de reflexão sobre a experiência humana, a proposta busca explorar, junto aos estudantes, temáticas pertinentes à juventude contemporânea, como escolhas pessoais, amadurecimento, responsabilidade, relações interpessoais, planejamento de vida e construção da autonomia. O trabalho fundamenta-se na compreensão de que a leitura literária, quando articulada a práticas criativas e dialógicas, amplia a capacidade interpretativa dos alunos e favorece processos de identificação com conflitos e dilemas presentes nas narrativas. Nesse sentido, a intertextualidade manifesta-se por meio da transposição do conto para a linguagem teatral, possibilitando que os estudantes reinterpretem a obra, atribuam novos sentidos ao texto e expressem, corporal e discursivamente, suas leituras de mundo. Metodologicamente, a proposta organiza-se em etapas: leitura orientada do conto, rodas de conversa sobre os temas suscitados pela narrativa, análise das personagens e de seus conflitos, elaboração coletiva de roteiro dramático, adaptação cênica e apresentação teatral para a comunidade escolar. Durante o percurso, pretende-se incentivar a argumentação, a escuta sensível, o trabalho colaborativo e a autoria juvenil, transformando a sala de aula em espaço de criação e protagonismo. Como base teórica, dialoga-se com Bakhtin (2011), ao compreender a leitura como encontro de vozes sociais e produção de sentidos, e com Candido (1995), ao reconhecer a literatura como direito formativo e experiência humanizadora. Espera-se demonstrar que a articulação entre literatura e teatro constitui estratégia potente para aproximar os jovens da leitura, promover reflexões sobre seus projetos de vida e fortalecer vínculos entre escola, arte e formação integral.

Palavras-chave: Intertextualidade. Ensino de literatura. Juventude. Teatro escolar. Formação leitora.

¹³ Graduada em Letras pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e pós-graduanda – Mestrado em Estudos Literários – na mesma Universidade.

DO MITO AO CINEMA: O TRÁGICO EM *MEDEA* (1988) DE LARS VON TRIER

Dayana Mendes Lopes¹⁴

RESUMO

Neste trabalho, analisa-se o filme *Medea* (1988), de Lars von Trier, compreendendo-o não só como uma releitura de uma peça trágica clássica, mas também como um ponto de transformação no estilo de enredo desenvolvido por Trier nos anos seguintes. O objetivo deste estudo é analisar de que modo a adaptação do mito de Medeia — mediada pelo roteiro não filmado de Carl Theodor Dreyer e, em última instância, pela tragédia homônima de Eurípides, encenada em 431 a.C. — reconfigura e reinsere uma tradição trágica no interior da linguagem cinematográfica contemporânea. Passados tantos séculos, o mito deixa os palcos helênicos e reaparece, no audiovisual contemporâneo, em um longa marcado pela rarefação dos diálogos e pela presença marcante da natureza nórdica. Nesse sentido, parte-se da hipótese de que *Medea* inaugura uma inflexão decisiva na filmografia de Trier ao deslocar o eixo da violência das estruturas histórico-institucionais para o corpo feminino, convertendo o trágico em uma experiência sensorial, afetiva e imanente, influenciando as obras seguintes do diretor e roteirista. Como metodologia, a pesquisa articula análise fílmica — com ênfase na dilatação temporal, na economia dos diálogos, na análise cromática e na construção da paisagem e da fotografia — à análise discursiva das relações intertextuais que articulam mito, tragédia, trágico e cinema. Conclui-se, assim, que von Trier não apenas adapta o mito, mas o reinscreve como dispositivo estético-discursivo capaz de atualizar o trágico sob as condições da modernidade, deslocando-o do plano do destino divino para o campo das estruturas sociais e da experiência sensível.

Palavras-chave: Trágico. Intertextualidade. Medeia. Lars von Trier.

¹⁴ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Ciências da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGCL/UFRJ) e mestre em Estudos Literários pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. O presente trabalho e pesquisa foi realizado com o apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico — Brasil.

FALA, DISSENSO E ENUNCIÇÃO COLETIVA EM *WOMEN TALKING*

Letícia Rodrigues de Oliveira¹⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta um recorte de pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS) e investiga as formas de enunciação coletiva das mulheres no romance *Women Talking*, de Miriam Toews, considerando a linguagem como prática situada em um contexto de violência, silenciamento e restrição da palavra. O recorte privilegia uma cena de deliberação, na qual diferentes formas de enunciação, marcadas por ruptura e desacordo, tornam visíveis as tensões do grupo e evidenciam a materialidade da narrativa, construída por vozes, interrupções e modulações discursivas. O problema de pesquisa consiste em compreender como a fala, produzida em condições de trauma e silenciamento, pode ultrapassar formas convencionais de resistência e atuar como força capaz de desestabilizar normas e reconfigurar relações coletivas. O objetivo é demonstrar que, nesse contexto, a linguagem atua performativamente na reorganização do campo do dizível, instaurando formas de dissenso e modos de ação que operam tanto no plano coletivo quanto no sensível. A pesquisa adota abordagem qualitativa, de natureza interpretativa, baseada na análise textual. O procedimento metodológico identifica três movimentos discursivos: (1) a ruptura enunciativa protagonizada por uma das personagens; (2) as respostas coletivas que articulam escuta, contenção e cuidado; e (3) a emergência do dissenso como condição de sustentação do coletivo. A análise mobiliza aportes de Judith Butler (2021), J. L. Austin (1990), Jacques Rancière (1996), Suely Rolnik (2018) e Gayatri Spivak (2013). Os resultados indicam que a fala analisada constrói um espaço de deliberação no qual a linguagem se manifesta como campo de disputa e de intervenção. A explosão discursiva que rompe com normas religiosas e morais não leva à desagregação do grupo, mas desencadeia uma série de respostas corporais, afetivas e sonoras que reconfiguram as formas de convivência e escuta. Por fim, evidencia-se a potência da prática discursiva capaz de produzir novos modos de relação e existência no contemporâneo.

Palavras-chave: Linguagem. Dissenso. Enunciação coletiva. Performatividade. *Women Talking*.

¹⁵ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Mestra em Estudos de Linguagens (2026) e graduada em Letras - Português e Inglês (2021) pela mesma instituição.

FILM (1964) E AS PEÇAS PARA TELEVISÃO DE SAMUEL BECKETT: CHEIOS DE SOM E IMAGEM, SIGNIFICANDO NADA

Daniel Padilha Pacheco da Costa¹⁶

RESUMO

Publicados originalmente em inglês, os seis textos de Samuel Beckett para tela incluem um roteiro cinematográfico e cinco peças para televisão. Em seus dois ensaios críticos sobre o escritor irlandês, Gilles Deleuze se interessou particularmente por esses textos. Ao invés de desvinculá-los entre si, como fez o filósofo francês, esses dois grupos de textos são, nesta pesquisa, reunidos em torno de sua finalidade comum. Procura-se, assim, situar as cinco peças para televisão como o desdobramento tardio de seu trabalho sobre essa nova modalidade de imagem iniciado com o roteiro cinematográfico *Film* (1964). Assim, *Film* constituiria o texto programático da concepção beckettiana sobre a imagem audiovisual que, mais tarde, foi aplicada às cinco peças para televisão, acrescidas, sobretudo, de *voice-over*.

Palavras-chave: Samuel Beckett; Peças para televisão; Roteiro cinematográfico; Imagem audiovisual; Gilles Deleuze.

¹⁶ Daniel Padilha Pacheco da Costa é professor de literaturas em língua francesa do Departamento de Letras Modernas (DLM) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). É membro do Programa de Pós-Graduação em Letras Estrangeiras e Tradução (LETRA) do DLM-FFLCH-USP.

GÊNERO DISCURSIVO RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESCRITA, INTERAÇÃO E AUTORIA NO ENSINO FUNDAMENTAL II

Michelle Alves Soares¹⁷

Silvelena Cosmo Dias¹⁸

RESUMO

Esta pesquisa, vinculada ao ensino de Língua Portuguesa, desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS (UFMS/Câmpus de Três Lagoas), investiga o desenvolvimento da escrita de alunos do 6º ano do ensino fundamental por meio de uma proposta interventiva centrada no gênero discursivo relato de experiência. Fundamentado nas perspectivas interacionista, dialógica e discursiva da linguagem, com base em Bakhtin (2003), Geraldi (1997), Koch (2002) e Coracini (2010), o estudo compreende a escrita como prática social, histórica e subjetiva. O objetivo geral consistiu em analisar de que maneira práticas contínuas de leitura, escrita e reescrita contribuem para o desenvolvimento das competências discursivas e autorais dos estudantes. Como objetivos específicos, buscou-se: (i) rastrear o envolvimento dos alunos nas atividades interacionistas propostas; (ii) discutir a relação entre a aplicabilidade do gênero relato de experiência e o desenvolvimento das habilidades discursivas; e (iii) analisar os desafios enfrentados pela professora-pesquisadora na implementação da intervenção pedagógica. A metodologia caracteriza-se como pesquisa-ação qualitativa e discursiva (Denzin & Lincoln, 2006; Franco, 2005; Thiollon, 2009), alinhada à Linguística Aplicada indisciplinar. O *corpus* constituiu-se de produções textuais desenvolvidas em etapas de diagnóstico, leituras, debates, reescritas orientadas e publicação final. Os resultados evidenciaram avanços significativos na organização discursiva, na autoria, na expressão da subjetividade e na compreensão do leitor como interlocutor social, além de maior engajamento e autonomia dos estudantes. Conclui-se que práticas pedagógicas interacionistas, centradas em gêneros vinculados às vivências pessoais, constituem estratégia potente para fortalecer a escrita como prática dialógica, crítica e transformadora no contexto escolar.

Palavras-chave: Escrita. Relato de Experiência. Gênero Discursivo. Interação. Pesquisa-Ação.

¹⁷ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professora da rede pública de ensino em Água Clara - MS.

¹⁸ Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP/IEL. Professora-Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL).

HISTÓRIA E MEMÓRIA NO ROMANCE *A CASA DAS SETE MULHERES*

Paulo Rinaldo Fines¹⁹

RESUMO

O objetivo desta comunicação é analisar a história e a memória no romance histórico *A casa das sete mulheres*. A Revolução Farroupilha (1835-1845) foi uma guerra civil ocorrida no sul do Brasil. O romance da escritora gaúcha Leticia Wierchowshi recupera esse fato histórico mesclando ficção com a historiografia. A partir da crítica literária muitas discussões surgiram sobre a relação entre a história e ficção. Dessa forma, para contribuir no debate sobre a construção do romance histórico é importante resgatar alguns conceitos sobre a concepção de um romance histórico. As reflexões de Weinhardt (1994) afirmam que a matéria do romance histórico é o passado, no entanto, esse retorno não precisa ser acabado ou fechado. O romance histórico permite que o romancista faça uma nova revisão do que foi ou como teria sido determinado acontecimento histórico. A obra de Wierchowski retoma uma parte importante da história do Rio Grande do Sul. Porém o diferencial está na perspectiva da guerra pelo olhar de uma mulher. O general Bento Gonçalves, líder da revolução, reúne a família e outros parentes da Estância da Barra, um lugar seguro e afastado dos combates mortais que poderiam acontecer. O romance coloca as mulheres para contar como foi o longo período bélico no sul do país. É a memória da personagem Manuela que conduz a narrativa e as lembranças coletiva e individual da guerra. A obra é dividida em dez capítulos (um para cada ano da guerra) e entre esses capítulos encontramos os “Cadernos de Manuela”. De certa maneira, os cadernos funcionam como um diário da personagem que narra os principais acontecimentos da guerra, da vida cotidiana na estância, dos amores, mortes e a paciência por esperar pelo fim da revolução. A narrativa percorre o caminho da história e da ficção para recontar essa história que foi povoada com heróis e imaginação. Para Cosson e SCHWANTES (2005) no romance histórico há um intenso intercâmbio entre a história e a literatura. Já Lucena (1999) afirma que a memória é uma construção social e pode ser constantemente elaborada. Dessa forma, o romancista tem a liberdade para completar e reinterpretar as lacunas das pesquisas históricas.

Palavras-chave: A casa das sete mulheres. Romance histórico. Memória.

¹⁹ Graduado em Letras e mestre (2020) em Letras pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

INTERTEXTUALIDADE EM *OS SERTÕES*, *PEDRA BONITA*, *CANGACEIROS E DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL*

Maria Cláudia Bachion Ceribeli²⁰

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar, através de leitura cotejada, duas obras literárias da década de 1930 e um filme, todos ambientados no sertão nordestino brasileiro, identificando a intertextualidade que permeia tais obras, considerando *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, como texto de partida. A pesquisa bibliográfica permite identificar a construção de uma forma de narrar o território sertanejo, fatos ali ocorridos e comportamentos e modos de ser dos seus habitantes, que encontram eco no texto euclidiano. Após a leitura comparada entre *Os sertões*, *Pedra Bonita* e *Cangaceiros*, de José Lins do Rêgo, e o filme *Deus e o diabo na terra do sol*, de Glauber Rocha, é possível afirmar que, a partir do texto euclidiano, criou-se um horizonte de expectativas (termo advindo da Estética da recepção) para narrativas que abordem aqueles espaços. Essa hipótese se confirma quando se investiga como textos anteriores a *Os sertões*, escritos por Machado de Assis (1892) e Sílvio Romero (1888; 1897), por exemplo, tratavam aquele território, fatos ali ocorridos e seus habitantes. Percebe-se a intertextualidade nas obras a que este trabalho se dedica, reforçando a narrativa construída por Euclides. Por outro lado, a pesquisa conduz à observação de que não se pode deixar de perceber como o texto de *Os sertões* parece ter delineado uma imagem para o sertão nordestino, seus habitantes e fatos ali ocorridos, que se arraigou na memória dos indivíduos. Tal imagem, muitas vezes negativa, pode contribuir para a manutenção da ideia, preconceituosa, de sertão e sertanejo posteriormente construída em obras literárias, filmes, músicas, pinturas, entre outros.

Palavras-chave: Os sertões. Literatura e cinema. Intertextualidade. Deus e o diabo na terra do sol. José Lins do Rêgo.

²⁰ Doutora e Mestre em Letras, na área de concentração dos Estudos Literários (Universidade Federal do Espírito Santo), Especialista em Ciências da Educação, e com Licenciatura plena em Educação Artística. Docente EBTT do Instituto Federal do Espírito Santo, atuando ainda na Coordenação de projetos de extensão e no Núcleo de Arte e Cultura do Ifes campus Piúma.

INTERTEXTUALIDADE NA OBRA *O FANTÁSTICO MISTÉRIO DE FEIURINHA*, DE PEDRO BANDEIRA

Maria Eduarda Padilha Peixoto²¹

Paulo Henrique Pressotto²²

RESUMO

O presente trabalho busca discutir o livro infantojuvenil *O fantástico mistério de Feiurinha* (2009), do escritor brasileiro Pedro Bandeira. O objetivo é analisar a intertextualidade presente na obra, observada na utilização de personagens de contos de fadas clássicos, e discutir a importância da leitura como ferramenta de humanização e compreensão da própria vida, visto que o leitor se identifica com as personagens e encontra respostas nos livros. A pesquisa fundamenta-se em uma análise bibliográfica. Os contos de fadas representam a primeira ferramenta de contato da criança com a literatura, auxiliando-a a construir sua visão de mundo e a relacionar suas vivências com o objeto lido. Nesse contexto, o autor quebra paradigmas dos contos de fadas tradicionais, rompendo padrões estéticos por meio da personagem Feiurinha, inserida em um cenário distópico dentro do universo fabular. Na obra, também é evidente a importância da tradição oral, pois as princesas não se lembravam da personagem, apenas a "empregada" do autor, que havia escutado a história durante sua infância. A justificativa para a realização deste trabalho dá-se pela narrativa, que gera curiosidade e senso crítico, mostrando-se uma ferramenta de emancipação dos padrões sociais e um instrumento de discussão em sala de aula. Para isso, utilizaram-se como referenciais teóricos Bruno Bettelheim (2012), Nelly Novaes Coelho (2000), Ângela Kleiman (2004), Marisa Lajolo (1993), Hans Dieckmann (1986) e Paulo Freire (2001), que abordam a importância da leitura, a função dos contos de fadas na formação integral das crianças e como o texto literário permite ao indivíduo penetrar o âmbito da singularidade, sem perder de vista sua subjetividade e história.

Palavras-chave: Contos de fadas. Literatura e ensino. Intertextualidade. *O fantástico mistério de Feiurinha*.

²¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Letras Habilitação Português/Espanhol.

²² Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. Docente da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul- UEMS, atuando no Curso de Licenciatura em Letras Habilitação Português/Espanhol e na Pós-Graduação.

MEMÓRIA E ALTERIDADE: UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE PAULO HONÓRIO, DE *SÃO BERNARDO*, E RAIMUNDO GAUDÊNCIO, DE *A PALAVRA QUE RESTA*

Fábio Augusto Gomes Lima²³

RESUMO

Este trabalho investiga a construção identitária das personagens Paulo Honório, de *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, e Raimundo Gaudêncio, de *A palavra que resta*, de Stênio Gardel, tomando como eixo analítico as relações entre memória e alteridade. O problema de pesquisa consiste em compreender de que modo os discursos de memória e a presença do outro influenciam a constituição dessas identidades ficcionais, situadas no contexto sertanejo nordestino. Parte-se da hipótese de que tais identidades são moldadas por tensões entre autoimagem e discursos alheios, sendo atravessadas tanto por processos de organização retrospectiva da experiência quanto por irrupções afetivas e fragmentárias da memória. O objetivo geral é examinar como a memória influencia o construto identitário dessas personagens, considerando também a incidência de discursos estereotipados, especialmente aqueles vinculados à tradição euclidiana. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico, fundamentada na análise textual das obras literárias selecionadas e no diálogo com aportes teóricos de autores como Volóchinov, Stuart Hall, Paul Ricoeur e, principalmente, Mariana Luz Pessoa de Barros, além de críticos da cultura e da literatura brasileira. A investigação mobiliza conceitos como memória do acontecido e memória-acontecimento, identidade narrativa e estereotipia discursiva. Como resultados parciais, observa-se que Paulo Honório constrói sua identidade por meio de uma memória predominantemente organizada e retrospectiva, enquanto Raimundo Gaudêncio apresenta uma constituição identitária marcada pela fragmentação e pela emergência afetiva do passado. Em ambos os casos, a alteridade desempenha papel central, evidenciando que o “eu” se constitui em constante diálogo com vozes externas e com discursos socialmente cristalizados.

Palavras-chave: Memória. Alteridade. Identidade. Sertão. Literatura Brasileira.

²³ Mestrando em Letras (bolsista Funcap) na Universidade Regional do Cariri (Urca – Crato-CE) com o projeto de pesquisa "Memória e alteridade: uma análise da construção identitária de Paulo Honório, de *São Bernardo*, e Raimundo Gaudêncio, de *A palavra que resta*". Licenciado em Letras e pós-graduado em Letras: Português e Literatura.

OS ESPAÇOS DRAMÁTICOS EM CONSUELO DE CASTRO: UMA ANÁLISE SEMIOLÓGICA

Mariana de Oliveira Arantes²⁴

RESUMO

A comunicação tem como fundamento apresentar os resultados da pesquisa em nível de doutorado intitulada “Urgência e ruptura: a configuração dos espaços dramáticos em Consuelo de Castro”, cujo objetivo é analisar semiologicamente os lugares cênicos (Ubersfeld, 2005) nas obras *Caminho de volta*, *O grande amor de nossas vidas*, *A cidade impossível de Pedro Santana* e *Only you*. O estudo da obra dramaturgica de Consuelo de Castro centraliza o olhar na disposição das espacialidades, o espaço dramático da casa, do trabalho e do apartamento. Em comum, portanto, as quatro peças teatrais empregam um único espaço. Baseando-se nessa premissa inicial, a pesquisa objetiva verificar a construção textual dos lugares cênicos e também contemplar a dinâmica entre as estruturas de microcosmo e macrocosmo. Para tanto, foi feito um levantamento do corpus de análise referenciado nas estipulações de Anne Ubersfeld (2005). As delimitações da autora para um estudo semiológico do espaço no texto dramático perpassam o “campo de determinação de lugar”, “campo semântico-sintático” e “campo dos objetos”. Como resultado da pesquisa, verifica-se uma justaposição entre as estruturas e objetos (Barthes, 1987) do espaço que cerceiam os ambientes onde as personagens agem e as questões sociais que envolvem cada espacialidade das quatro dramaturgias. O que ressalta não um isolamento dos espaços íntimos, mas o contato com o espaço do mundo (Sarrazac, 2013). Essa pesquisa de fôlego sobre a obra dramática de Castro e que não deixa de olhar para a perspectiva histórica de sua produção nas artes e cultura brasileira também resulta como relevante ao marcar a presença da autoria de mulheres na produção do texto teatral no Brasil. Por fim, considerando a extensão das análises, a comunicação veiculará um recorte desse estudo, centrando-se na exposição do drama *O grande amor de nossas vidas*, sua análise e os resultados discutidos.

Palavras-chave: Consuelo de Castro. Espaço dramático. Texto teatral. Teatro brasileiro.

²⁴ Professora e pesquisadora. Doutora em Estudos literários pela Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (UNESP), com financiamento da FAPESP.

O HORROR LOVECRAFTIANO E O GROTESCO BAKHTINIANO NOS MANGÁS DE JUNJI ITO

Kleber Wilson Bezerra²⁵

RESUMO

Este resumo integra a estética de Junji Ito às teorias do horror cósmico de H.P. Lovecraft (Silva, 2017) e ao realismo grotesco de Mikhail Bakhtin (2025), revelando um universo onde o corpo humano é o palco de uma disputa entre a biologia indomável e a insignificância existencial. A obra de Junji Ito estabelece um diálogo direto com o horror cósmico de H.P. Lovecraft ao explorar o fatalismo absoluto; assim como nos mitos de Cthulhu, os personagens de Ito são destituídos de agência, reféns de forças vastas e indiferentes que transcendem a compreensão humana. O *corpus* desta pesquisa consiste em recortes de diferentes obras do autor que demonstram que o terror não reside no mal moral, mas na indiferença do universo como em *Hellstar Remina*; assim como a humanidade é apenas um detalhe diante de entidades astronômicas ou padrões geométricos inevitáveis em *Uzumaki*. Essa conexão manifesta-se no colapso da sanidade e na percepção de que o conhecimento da "verdade" leva inevitavelmente à loucura ou à aniquilação. Simultaneamente, o impacto visual de Ito pode ser lido através do realismo grotesco de Mikhail Bakhtin. Enquanto Lovecraft frequentemente sugeria o "indescritível", Ito materializa o horror através de um detalhamento obsessivo do corpo. Segundo a teoria bakhtiniana (Bakhtin, 2025), o grotesco é o corpo que rompe seus próprios limites, um organismo em perpétua metamorfose. Ito subverte a carnavalização de Bakhtin transformando-a em um pesadelo onde o cotidiano é invadido pelo bizarro. A fertilidade monstruosa de *Tomie* e as fusões corporais em *Gyo* exemplificam o "corpo aberto" de Bakhtin: uma massa de orifícios e protuberâncias que recusa a forma estática e clássica. Em suma, Ito une o niilismo existencial lovecraftiano à estética da abjeção bakhtiniana. Ele retira o horror do plano puramente literário e o fixa na carne, demonstrando que o maior medo humano não é apenas o que habita as estrelas, mas a traição da nossa própria forma física diante de um cosmos indiferente.

Palavras-chave: Junji Ito. Lovecraft. Bakhtin. Mangá.

²⁵ Graduado em Pedagogia pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo – UNIVESP. Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá – UNESA.

O TEMPO E A GLÓRIA, DE JOAQUIM PEDRO DE ANDRADE: DIÁLOGOS ENTRE CINEMA, LITERATURA E MEMÓRIA

Meire Oliveira Silva²⁶

RESUMO

A marca autoral e crítica do cinema de Joaquim Pedro de Andrade destaca-se como um traço distintivo de sua obra. Junto a esse estilo, recriações ficcionais da memória e a literatura, também figuram como problemáticas importantes, como no filme de 1987, *O tempo e a Glória*. Nesse curta-metragem, é o autor mineiro memorialista Pedro Nava que figura centralmente como protagonista. Realizado a partir de roteiro de Rachel Jardim e Cláudia Jaguaribe, esse documentário desenvolve-se por meio de uma caminhada pelas ruas do bairro da Glória, no Rio de Janeiro, articulando espaço urbano, literatura e reminiscências pessoais e literárias, entrelaçando linguagem e ficção. Ao longo do percurso, o cineasta carioca orienta as ações de Nava, cujos gestos e relatos cotidianos se mesclam à evocação de memórias, retomando a obra *Galo das Trevas* (1981), que se estende entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro. Sendo assim, a obra constrói um profícuo dialogismo entre a experiência vivida e a elaboração estética das memórias e histórias. Logo, a presente comunicação se propõe a analisar as dimensões memorialísticas e discursivas desta obra fílmica em relação às narrativas pessoais e ficcionais, portanto, repletas de literariedade, de Pedro Nava, por meio de abordagem teórica e metodológica atrelada aos estudos comparatistas que estejam atentos às especificidades de cada linguagem, buscando contribuir para os estudos interartes e para as reflexões histórico-culturais sobre as relações entre memória e literatura no Brasil, através das lentes dessa filmografia.

Palavras-chave: O tempo e a Glória, Pedro Nava, Joaquim Pedro de Andrade, Memória, Literatura.

²⁶ Pós-doutoranda Mestrado em Literatura Brasileira pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Doutorado e Mestrado pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Docente no curso de Letras na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA).

PALAVRA E IMAGEM: A ESTÉTICA IMPRESSIONISTA NA POESIA DE E.E CUMMINGS

Laura Moreira Teixeira²⁷

RESUMO

Este trabalho objetiva analisar o poema "*Impressions II*", de E. E. Cummings, sob a ótica das intersecções entre a literatura e as artes visuais. Tal análise se justifica, pois Cummings, afora sua carreira de poeta, foi também um ativo pintor, conjugando sua prática pictórica com sua literatura. Deste modo, não é estranho observar técnicas de um campo sendo exploradas em outro. Escrito na década de 1910, revisto e retrabalhado, e, por fim, publicado em *Tulips & Chimneys* em 1923, o poema é frequentemente associado pelos críticos da obra cummingsiana, especialmente Rushworth Kidder (1979) e Milton Cohen (1987), às vanguardas Cubista e Futurista, devido à sua fragmentação tipográfica e estrutural que emula as formas geométricas trabalhadas nas artes plásticas. No entanto, a presente investigação tenciona propor uma análise que privilegia perceber aspectos característicos do Movimento Impressionista na obra. Como sabemos, a luminosidade atmosférica que transfigura os objetos é o grande tema das obras impressionistas (Ostrower, 1983). Nas telas tanto de paisagens quanto de figuras humanas os contornos inexistem, assim como as superfícies definidas e caracterizações de corporeidade da matéria. No Impressionismo as formas decompõem-se em cor, como afirma Ostrower (1983). No entanto, Cummings trabalha essencialmente com a palavra e, por conseguinte, devemos analisar sua obra a partir de suas características intrínsecas. Segundo Laude (2000), para comparar duas artes distintas se torna necessário criar ferramentas capazes de especificar os níveis de comparação registrados no funcionamento das obras. Sendo assim, para observar o modo como a transfiguração da paisagem urbana pelo pôr do sol em "*Impressions II*" dialoga com técnicas do impressionismo pautar-nos-emos tanto nos aspectos sonoros e semânticos, como na estrutura tipográfica do poema de modo a perceber como Cummings propõe a descrição da cena mimetizando a experiência sensorial de uma tela impressionista. Para tanto, observar-se-á ambas as versões do poema, pois foi notado um maior refinamento do trabalho de Cummings na segunda, que evolui de uma preocupação rítmico-sonora para uma composição visual complexa com o uso dos espaços em branco. ("O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.").

Palavras-chave: E.E. Cummings. Poesia. Pintura. Impressionismo. Literatura comparada.

²⁷ Doutoranda e Mestra em Estudos Literários pela UNESP/FCL-CAr (Bolsa CAPES), e Bacharel em Letras - Estudos Literários pela UFMG. Pesquisa a obra de E.E. Cummings a partir de diferentes vertentes. Atualmente, sua pesquisa explora as afinidades entre a poética de Cummings e as técnicas visuais das Vanguardas Artísticas europeias.

PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS DE RESISTÊNCIA NA LITERATURA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DE “ALMA”, CONTO DE ITAMAR VIEIRA JUNIOR

Jhucyane Pires Rodrigues²⁸

RESUMO

Este estudo apresenta uma análise do conto “Alma” (2021), de autoria do escritor brasileiro Itamar Vieira Junior, sob a luz do conceito de resistência levantado por Bosi (2002) e, posteriormente, discutido por estudiosos pós-colonialistas e contracolonialistas. Nesse viés, observa-se que a literatura contemporânea brasileira vem demonstrando uma crescente produção de escritas engajadas ao viés político-social e racial do país, denunciando problemas modernos e trazendo às histórias coloniais uma perspectiva contracolonialista, que ressalta a luta e a resistência dos povos afrodescendentes e indígenas. Diante disso, a pesquisa tem como objetivo principal identificar a presentificação da noção de resistência, nos moldes descritos acima, tendo como objeto o referido conto. Como hipótese de pesquisa, considera-se que a resistência, na contemporaneidade, manifesta-se de forma ampliada, extrapolando o campo literário e assumindo outros campos de produção de saberes. Para isso, ter-se-á como aporte teórico os estudos de Spivak (2010), para problematizar a representação do sujeito subalterno; Gonçalves e Bonnici (2005), para elucidar a construção do outro no discurso colonial; e Conceição (2015), para se pensar a noção de escrevivência no conto, dentre outros nomes. No que se refere à metodologia, trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, de caráter interpretativo, com base em análise literária e revisão bibliográfica. Diante da análise, a qual foi dividida em quatro atos de resistência, pode-se constatar que resistir, nos tempos atuais, está diretamente associado à reparação e, portanto, transborda para o nível político, simbólico, cultural e social, confirmando a hipótese levantada e evidenciando a relevância da literatura como espaço de ressignificação histórica e de afirmação de vozes subalternizadas.

Palavras-chave: Alma. Denúncia. Literatura contemporânea. Resistência.

²⁸ Mestranda em Linguística e Literatura pela Universidade Federal de Alagoas (PPGL/UFAL), especialista em Linguagens e Práticas sociais pelo Instituto Federal de Pernambuco (IFPE – Campus Garanhuns) e graduada em Letras pela Universidade de Pernambuco (UPE- Campus Garanhuns).

RELEITURA DO MITO DE ORFEU E EURÍDICE EM *RETRATO DE UMA JOVEM EM CHAMAS* (2019), DE CÉLINE SCIAMMA

Maíra Aparecida Reis Costa²⁹

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma leitura acerca da releitura contemporânea do mito de Orfeu e Eurídice realizada pela diretora francesa Céline Sciamma no longa-metragem *Retrato de uma Jovem em Chamas* (2019). A partir de diálogos intertextuais, a obra reinscreve a narrativa mítica sob o ponto de vista de mulheres, ao mesmo tempo em que articula referências narrativas (Brandão, 2015; Ovídio, 2015), pictóricas e audiovisuais. Tomando como base os conceitos de discurso cinematográfico (Xavier, 2005) e intertextualidade (Kristeva, 2005; Samoyault, 2008), analisa-se como o filme mobiliza diferentes linguagens para (re)construir uma poética do olhar centrada no protagonismo feminino em uma narrativa de época. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo, fundamentada na análise fílmica, articulada ao diálogo com a teoria literária e cinematográfica. Como resultado, propõe-se que *Retrato de uma Jovem em Chamas* não apenas retoma o mito de Orfeu e Eurídice, mas o reconfigura a partir de uma perspectiva feminina e contemporânea. Assim, o filme estabelece um paralelo entre arte e memória, sugerindo que aquilo que se perde no plano da experiência pode ser preservado no plano estético.

Palavras-chave: Intertextualidade. Cinema. Mito. Memória. Protagonismo Feminino.

²⁹ Doutoranda em Estudos Literários pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (Unesp) - Câmpus de Araraquara - com pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Atua como docente (Língua Portuguesa) na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG).

SERÁ SIGMUND FREUD REAL? COMO O CINEMA TRANSFORMOU O PAI DA PSICANÁLISE EM UM PERSONAGEM DE FICÇÃO

Marceli Menegat³⁰

Gerson Luís Trombetta³¹

RESUMO

O presente trabalho faz parte da pesquisa de doutorado da autora junto com seu orientador e busca investigar em fontes audiovisuais, literárias e bibliográficas as representações do psicanalista Sigmund Freud. Para isso elegeu-se, como corpora, dez obras cinematográficas, a saber: Segredos de uma alma (Geheimnisse einer Seele) - 1926 do diretor Georg Wilhelm Pabst; Freud além da alma (Freud, the secret passion) - 1962 do diretor John Huston; O Homem dos Ratos (The Rat Man) – 1973 do roteirista Bruce Norman; Freud (minissérie de televisão) – 1984 da BBC; Freud: Análise de uma mente (Sigmund Freud: Analysis of a Mind) – 1995 da produtora Io. The Biography Channel; Princesse Marie – 2004 do diretor Benoît Jacquot; Mahler no Divã (Mahler auf der Couch) – 2010 do diretor Felix O. Adlon, Percy Adlon; Um método perigoso (A Dangerous Method) – 2011 do diretor David Cronenberg; A tabacaria (Der Trafikant) – 2019 do diretor Nikolaus Leytner e A última sessão de Freud (Freud's Last Session) – 2023 do diretor Matthew Brown. A pesquisa pretende analisar como o médico neurologista, que viveu entre 1856 e 1939, tornou-se um personagem de ficção através da representação cinematográfica. A hipótese que conduz a pesquisa é que, por contribuição fundamental do cinema, a imagem tornada popular de Freud fica distante do sujeito histórico e, como consequência, transforma-o em múltiplos personagens, mostrando-o como diferente em cada uma das obras citadas. A investigação irá explorar os conceitos de narrativa e representação, biografias de Sigmund Freud, literaturas contendo relatos de pacientes e linguagem cinematográfica, sendo, esse último, o eixo que irá unir os elementos comparados. Como metodologia de pesquisa serão utilizadas, conjuntamente a teoria de análise fílmica proposta por J.M. Caparrós e o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg.

Palavras-chave: Psicanálise. Sigmund Freud. Cinema.

³⁰ Possui graduação em Psicologia pela UPF. Psicanalista em formação pelo PROJETO-Associação Científica de Psicanálise e Humanidades de Passo Fundo. Mestre e Doutoranda em Letras pela Universidade de Passo Fundo, na linha de pesquisa de produção e recepção do texto literário, professora do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera Passo Fundo.

³¹ Possui graduação em Filosofia - UPF, doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006) e pós-doutorado em Filosofia na UFMG. Atualmente é professor titular e pesquisador da Universidade de Passo Fundo no Programa de Pós-Graduação em História e no Programa de Pós-Graduação em Letras.

SUBVERSÃO E ORDEM: A SOCIEDADE VITORIANA E SUAS REPRESENTAÇÕES EM *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*

Maíra Aparecida Reis Costa³²

RESUMO

Este trabalho apresenta como tema a relação entre “Alice no País das Maravilhas” (1865), de Lewis Carroll, e a sociedade do período vitoriano. Conforme afirmam Georg Lukács (2007) e Lucien Goldmann (1979), a literatura está intrinsecamente ligada às estruturas sociais e históricas. Partindo desse pressuposto, é possível apontar que Lewis Carroll utilizou-se de metáforas e alegorias para realizar críticas ao período em que viveu (regido pela Rainha Vitória). A metodologia adotada é de caráter qualitativo baseada em pesquisa bibliográfica e análise interpretativa da obra literária, articulando-a com estudos teóricos sobre literatura e sociedade, além de contextualização histórica do período vitoriano. Também são analisados trechos específicos da narrativa que evidenciam a presença de sátira e crítica social. Por meio desta, o objetivo é investigar de que maneira uma narrativa aparentemente lúdica e fantástica pode expressar críticas à sociedade vitoriana, mesmo sem referências explícitas ao contexto histórico. A pesquisa nos permite verificar que *Alice no País das Maravilhas* não se limita ao entretenimento infantil, mas funciona como uma crítica velada à rigidez moral, à estratificação social e aos padrões educacionais da era vitoriana. Os resultados indicam que Carroll constrói, por meio de personagens e situações absurdas, uma representação crítica da sociedade vitoriana. A figura da Rainha, por exemplo, evidencia o autoritarismo e o medo presentes nas relações sociais, enquanto episódios envolvendo a Duquesa e a educação de Alice revelam críticas ao moralismo excessivo e ao ensino baseado na memorização. Dessa forma, conclui-se que a obra, embora revestida de fantasia, funciona como um instrumento de reflexão sobre as contradições e limitações da sociedade de seu tempo.

Palavras-chave: Alice no País das Maravilhas. Período Vitoriano. Subversão.

³² Mestre e Doutoranda em Teoria Literária pela UNESP/Ibilce.

TRAMAS EM REDE: A POÉTICA MULTIMODAL DA ESCRITA INDÍGENA FEMININA

Juliete Antônia Figueiredo da Mata³³

RESUMO

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre a pluralidade e a representatividade feminina na literatura indígena contemporânea no Brasil examinando essa criação como uma forma artística que desafia os cânones literários tradicionais. O estudo dá ênfase à análise da autoria feminina indígena, entendida não apenas como uma expressão artística, mas também como um ato de resistência política, valorização e revitalização da memória, usando como base a atuação do coletivo “Mulherio das Letras Indígenas”. O foco principal da discussão reside na multimodalidade das plataformas utilizadas pelas autoras para fazer circular seus trabalhos, observando como o grupo articula a divulgação de suas vozes de maneira colaborativa e estratégica. A pesquisa investiga como essas mulheres disponibilizam suas obras em plataformas digitais, como Instagram, YouTube e a produção escrita disponibilizada via e-books. Essa presença diversificada permite que a literatura indígena alcance novas audiências e desafie as normas editoriais que historicamente marginalizaram as vozes originárias. Examina-se como a utilização de diferentes linguagens — visual, oral e escrita — enriquece a criação de uma literatura dinâmica e diversa, em que o ato de escrever se conecta intimamente à defesa dos territórios e ao empoderamento feminino. As tecnologias digitais são vistas como instrumentos que fortalecem a identidade coletiva, transformando as plataformas digitais em espaços de reafirmação artística. A atuação dessas autoras demonstra que a literatura indígena feminina contemporânea é um campo em constante movimento de transformação e consolidação, repleto de reinterpretações e reinvenções que se adaptam ao ambiente virtual. Conclui-se que a presença estratégica dessas artistas/escritoras em várias plataformas digitais representa uma renovação da produção literária nacional, fundamentada na coletividade e na formação de novos ecossistemas de leitura. Assim, a multimodalidade surge como um conector entre saberes ancestrais e a comunicação global, assegurando a visibilidade de narrativas que resistem ao silenciamento e reafirmam a força das mulheres.

Palavras-chave: Literatura indígena feminina. Plataformas digitais. Diálogo intercultural.

³³ Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, professora na Secretaria do Estado de Educação de Minas Gerais SEE-MG e na Secretaria Municipal de Educação de Betim – MG.

TRAMAS MATEMÁTICAS: A LITERATURA INFANTIL COMO ELO INTERTEXTUAL E DIÁLOGOS NOS ANOS INICIAIS

Darleni Catarina Barbosa Lima Ribeiro de Castro³⁴

Ana Carolina Faustino³⁵

RESUMO

O presente trabalho aborda a intertextualidade entre a literatura infantil e o ensino de matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O tema central é a utilização de obras literárias como mediadoras pedagógicas para a construção de conceitos matemáticos. O problema de pesquisa reside na predominância de um ensino tradicional e mecânico da matemática, que frequentemente ignora a linguagem natural e a contextualização cultural, dificultando a atribuição de sentido pelos estudantes. O objetivo geral é analisar as potencialidades da literatura infantil para a criação de um ambiente problematizador, sobre o ensino e aprendizagem de matemática, na formação inicial de professores. A metodologia caracteriza-se como um relato de experiência de cunho qualitativo, desenvolvido no âmbito da disciplina “Fundamentos e Metodologias do Ensino da Matemática II” no curso de Pedagogia de uma universidade pública. A prática docente utilizou obras paradigmáticas como “...E eles queriam contar”, “A Zeropéia” e “Poemas problemas” para introduzir temas como o Sistema de Numeração Decimal, a resolução de problemas não convencionais e a percepção e generalização de padrões. Os principais resultados apurados indicam que a articulação intertextual permitiu aos estudantes da graduação refletir criticamente sobre o “paradigma do exercício” meramente técnico, e reconhecer a importância de integrar a matemática à cultura e à vida social. Observou-se que a leitura compartilhada atuou como disparadora para o “fazer matemática”, incentivando verbos de ação como explorar, investigar e justificar. Além disso, o uso da literatura possibilitou aos licenciandos o registro – escrito e pictórico – como ferramenta essencial de comunicação e argumentação, revelando a evolução do raciocínio lógico e a subjetividade do aprendiz. Conclui-se que o diálogo entre textos literários e discursos matemáticos contribuiu para um multiletramento e para a criação e fortalecimento de uma relação positiva entre os futuros pedagogos e a matemática, transformando a sala de aula em um espaço democrático de negociação de significados, essencial para a formação de sujeitos reflexivos e capacitados para agir criticamente.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Intertextualidade. Educação Matemática. Formação de Leitores. Metodologia de Ensino.

³⁴ Mestranda em Educação, pelo Programa de Mestrado Profissional em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

³⁵ Docente do Departamento de Matemática no Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC) da Universidade de São Paulo (USP); Professora Doutora, do Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

VIRGINIA WOOLF EM PROSA CURTA: CURTAS-METRAGENS EXPERIMENTAIS NO PAPEL

Katleen Hack da Silva³⁶

RESUMO

O século XX foi um período de transformações tecnológicas e culturais que marcaram o mundo. Na Europa essas modificações se entrecruzaram com fatores políticos e sociais que foram concluídos com as destruições decorrentes das guerras. Permeada nesse contexto, Virginia Woolf produziu na literatura contos e romances que dialogaram com os processos de rememoração e retratação desse período em paralelo com as outras artes em vigência, destacando-se a então em ascensão: o cinema. Com isso, esse trabalho intitulado *Virginia Woolf em prosa curta: curtas-metragens experimentais no papel* observa uma camada intermediária da obra da autora que se apresenta dentro da dimensão experimental do conto. Analisando quatro deles: *Objetos sólidos* (1919), *A marca na parede* (1919), *Uma casa mal-assombrada* (1921) e *A dama no espelho* (1929), objetiva-se perceber as relações que se estabelecem entre arte e sociedade e a possibilidade de visualização da vida sob a ótica da ficção por meio dos recursos da imagem em movimento, possibilitada pelo cinema. Com efeitos ópticos que entrelaçam também seus romances, esses contos emergem ferramentas da linguagem cinematográfica que envolvem o cinema moderno, mas também preveem métodos que seriam conceituados anos mais tarde. Assim, considerando os conceitos de Rajewsky (2012), de referência intermediária, e as investigações sobre cinema e literatura em Woolf, de Marcus (2007), investiga-se a transição entre os diferentes espaços, os deslocamentos de luz e a focalização de objetos e corpos que são utilizados para a percepção de estados da consciência individual e da civilização, por meio de uma apresentação justaposta pela montagem. Com isso, conclui-se que elementos da prosa curta woolfiana trabalham como o movimento da câmera para a construção de uma estética que redefine a relação entre as artes e as posiciona como mediadoras da exposição da vida comum do período e de seus conflitos interiores, sugestionando pelos cortes e pontos de vista um afastamento do sujeito para com a realidade.

Palavras-chave: Contos de Virginia Woolf. Intermedialidade. Literatura. Cinema.

³⁶ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES). Graduada em Letras Português-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR).

A POESIA SEM LICENÇA DE TÂNIA SOUZA À LUZ DA AURÉOLA DO ANJO DE VÁRIAS FACES E DE OUTROS POETAS

Letycia Vitória Lopes da Silva³⁷
Rosana Cristina Zanelatto Santos³⁸

RESUMO

Trata-se de uma análise feita com o objetivo de explorar a intertextualidade do "Poema de Sete Faces", de Carlos Drummond de Andrade, que estabelece a sina do "anjo torto," com três respostas poéticas: Adélia Prado, Chico Buarque e Tânia Souza. O estudo revela que a adesão ou a recusa a essa predestinação reflete um profundo debate sobre o gênero na poesia. Drummond e Buarque, com a sina do "gauche" e do "anjo safado", respectivamente, têm um destino imperfeito como ponto de partida, seja para chegar à angústia, seja para chegar à resistência. Adélia Prado, por sua vez, opera uma resignificação: aceita a sina imposta pelo "anjo esbelto" como um "fardo pesado," mas imediatamente o subverte, transformando-o em um poder de reinvenção feminina que "funda reinos" e inaugura linguagens. O ato mais radical é o de Tânia Souza em "Gauche, eu?". Ela nega sumariamente a existência de qualquer anjo ou sina. Essa ausência não é um vazio, mas a própria condição de sua liberdade, na qual a "poesia do experimento" substitui todo e qualquer decreto divino ou social como guia. Essa recusa se alinha à crítica de Ana Cristina César ao "código marcado de feminino" na tradição literária. Ao abolir o destino, Souza rejeita o enquadramento de gênero e a idealização da mulher-poeta, afirmando a autonomia do sujeito lírico para abraçar o caminho do risco e da invenção fora das balizas predeterminadas.

Palavras-chave: Intertextualidade. Poesia brasileira. "Poema de Sete Faces". Tânia Souza.

³⁷Graduada em Letras – habilitação Português/Espanhol pela UFMS – Campus de Campo Grande. Cursa o Mestrado no Programa em Estudos de Linguagens da UFMS. Docente da rede pública de ensino de Campo Grande. E-mail: letyciaallice6@gmail.com

³⁸Doutora em Letras (USP). Pesquisadora Sênior da UFMS e da UEMS. Bolsista de Produtividade em Pesquisa – CNPq. Pesquisadora da FUNDECT-MS. E-mail: rosana.santos@ufms.br

LINGUÍSTICA E ESTUDOS DE LINGUAGENS

A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA EM QUADRINHOS NO PROCESSO DE LETRAMENTO VISUAL

Fernando Henrique Barboza de Alencar³⁹

RESUMO

O estudo tem como tema o desenvolvimento do letramento visual no ensino de Língua Portuguesa, com foco no uso das histórias em quadrinhos (HQs) nesse processo. O problema da pesquisa consiste em compreender de que maneira a produção de HQs, a partir de um texto proposto e ditado pelo professor, pode contribuir para o desenvolvimento do letramento visual dos estudantes do Ensino Fundamental II, especialmente em turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo geral é investigar como essa prática pedagógica favorece a construção de sentidos multimodais e qual a função do elemento articulador entre linguagem verbal e visual. Parte-se do pressuposto de que as HQs, por sua natureza multimodal, potencializam o desenvolvimento do letramento visual, e que desempenham papel fundamental nesse processo ao promoverem uma experiência sinestésica e significativa de leitura. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa a partir das produções realizadas, de natureza aplicada e caráter interventivo, fundamentada nos pressupostos do programa de mestrado Profletras. A investigação será realizada em uma turma da fase intermediária da EJA, correspondente ao 6º e 7º anos do Ensino Fundamental, por meio de uma sequência didática composta por dez aulas, envolvendo conceitos das HQs, leitura, análise e produção de HQs a partir de um texto-base ditado. Os dados serão narrativa, uso dos elementos visuais, articulação entre linguagem verbal e não verbal e criatividade. Os resultados apontam que práticas pedagógicas que integram diferentes linguagens favorecem o desenvolvimento de competências leitoras mais amplas, promovendo o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes. Conclui-se que o trabalho com HQs constitui uma estratégia eficaz para ampliar os letramentos, alinhando-se às demandas contemporâneas de ensino e aprendizagem da linguagem, analisados com base nas produções dos alunos, considerando aspectos como coerência.

Palavras-chave: Quadrinhos. Multiletramento. Letramento visual.

³⁹ Mestrando no Programa de Mestrado Profissional em Letras.

A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS: CONTRIBUIÇÃO DE CLIFFORD GEERTZ PARA INTÉRPRETES DE LIBRAS NA EDUCAÇÃO

Douglas Pereira dos Santos⁴⁰

RESUMO

Este trabalho insere-se no âmbito do Programa de Qualificação de Servidores Técnicos-Administrativos da Educação da Universidade Federal de Mato Grosso (PQSTAE/UFMT) e analisa, de forma reflexiva, a atuação dos Tradutores e Intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (TILS) no contexto universitário. O objetivo da pesquisa consiste em compreender os desafios enfrentados por esses profissionais na mediação de conteúdos acadêmicos, destacando a importância da dimensão cultural para além da competência linguística. A problemática centra-se nas dificuldades inerentes à interpretação de discursos especializados em diferentes áreas do conhecimento, especialmente diante da ampliação do acesso de estudantes e docentes surdos à UFMT a partir de 2014. A pesquisa justifica-se pela crescente demanda por práticas inclusivas no ensino superior e pela necessidade de qualificação da mediação comunicacional voltada à comunidade surda. O aporte teórico fundamenta-se na antropologia interpretativa de Clifford Geertz, especialmente nos conceitos de “teia de significados” e “descrição densa”, que compreendem a cultura como elemento estruturante da comunicação e da produção de sentidos. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com abordagem teórico-reflexiva, baseada em revisão bibliográfica e observação participante das práticas interpretativas no ambiente universitário ao longo de doze anos. Os resultados evidenciam que os desafios enfrentados pelos TILS extrapolam aspectos terminológicos, envolvendo principalmente dimensões culturais e contextuais que influenciam diretamente a construção de sentidos nos processos interpretativos. Conclui-se que a eficácia da mediação comunicativa depende da articulação entre competências linguísticas e culturais, posicionando o intérprete como agente de tradução simbólica entre diferentes universos discursivos. Dessa forma, o estudo reforça a necessidade de formação continuada dos TILS, orientada por referenciais culturais, a fim de promover práticas mais éticas, qualificadas e alinhadas aos princípios da inclusão e da equidade no ensino superior.

Palavras-chave: Interpretação. Cultura. Intérpretes.

⁴⁰ Mestrando na Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem (PPGEL)

A LEITURA DO MUNDO PELO OLHAR DA CRIANÇA: CONTRIBUIÇÕES FREIREANAS PARA UMA ALFABETIZAÇÃO EMANCIPADORA

Eline Lira Oliveira Sampaio⁴¹

RESUMO

O presente trabalho analisa as contribuições do referencial freireano para a alfabetização de crianças, com ênfase naquelas em contextos de privações socioeconômicas. O estudo tem como pressuposto freireano que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, enfatizando que considerar o olhar da criança sobre sua realidade é o ponto de partida para a construção de conhecimentos críticos e emancipadores. Derivada de pesquisa de mestrado, a investigação adotou uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, realizando um levantamento sistematizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) buscando responder à seguinte questão: Quais as contribuições do pensamento de Paulo Freire para a alfabetização de crianças, em especial, para aquelas em situação de vulnerabilidade social? Constituem objetivos deste trabalho: caracterizar os elementos da concepção freireana de alfabetização crítica, bem como mapear e selecionar produções acadêmicas que discutem essa temática; analisar como os princípios freireanos são ressignificados e implementados em práticas de alfabetização de crianças, considerando os contextos de extrema pobreza, situações de violência, bem como outras violações de direitos. As bases teóricas são amparadas por autores como Paulo Freire (1996, 2000, 2012), Sonia Kramer (1982, 2007) e Maria Helena Souza Patto (1996, 2022). Os procedimentos metodológicos para realização da pesquisa bibliográfica incluem a organização e análise de teses e dissertações, situando-as no contexto da produção científica atual na área da Educação, a partir de uma busca sistematizada. Os resultados evidenciam que a alfabetização crítica, ao assumir um compromisso político com a autonomia, viabiliza a transformação social por meio da conscientização e da ação reflexiva dos sujeitos. Embora o pensamento de Paulo Freire esteja vinculado à Educação de Jovens e Adultos, sua releitura no contexto da alfabetização infantil configura uma ressignificação que estabelece uma abordagem inovadora. Espera-se que esta investigação ofereça subsídios ao campo da alfabetização crítico-emancipatória, fomentando reflexões sobre as potencialidades dessa perspectiva para crianças, principalmente as que se encontram em situação de vulnerabilidade social. Almeja-se que este estudo possa inspirar políticas de formação docente e práticas pedagógicas comprometidas com a construção de uma educação mais justa, democrática e pautada na autonomia dos sujeitos.

Palavras-chave: Paulo Freire. Alfabetização Crítico-Emancipatória. Infância. Vulnerabilidade Social. Autonomia.

⁴¹ Mestra em Educação pela Universidade Católica de Santos (UniSantos), com bolsa CAPES. Graduada em Pedagogia pela PUC-Campinas. Professora de Educação Básica I na rede municipal de Santos/SP. Desenvolve pesquisas com foco em práticas pedagógicas de referencial freireano e alfabetização sob a perspectiva psicogenética.

DA EXECUÇÃO À REACENTUAÇÃO VALORATIVA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO EM “MINEIRINHO”, DE CLARICE LISPECTOR

Larisse Marques Domingues⁴²

RESUMO

Nesta comunicação, propomos uma leitura da crônica “Mineirinho”, de Clarice Lispector. Publicada em 1962 no *Jornal do Brasil*, a construção discursiva da crônica é baseada a partir da execução de um bandido com treze tiros, pela polícia do Rio de Janeiro. Partindo da concepção bakhtiniana do enunciado como forma inseparável das condições extraverbais da história social, a análise considera a crônica como resposta dialógica a um conjunto de discursos contemporâneos que naturalizaram a morte da figura criminalizada de Mineirinho como restabelecimento da ordem pública. Assim, o objetivo é examinar de que modo a organização discursiva da crônica transforma esse acontecimento em um espaço de elaboração ética e histórica sobre a violência autoritária do Estado brasileiro, de maneira que a comunicação também busca demonstrar como “Mineirinho” exemplifica a potência da crônica brasileira como gênero híbrido — situado entre jornalismo, literatura e história. Para tanto, baseados nos pressupostos teórico-metodológicos dos escritos do Círculo de Bakhtin, especialmente Volochínov e Bakhtin (1926; 2014), e em pesquisas contemporâneas sob o escopo da Análise Dialógica do Discurso (ADD), como Brait (2012) e Franco, Acosta Pereira e Costa-Hübes (2019), apresentamos uma reflexão a partir das valorações dialógicas que se concretizam estilístico-composicionalmente no gênero, de movimentos discursivizados, cujas funções consistem em reenunciar discursos sociais hegemônicos que naturalizam a violência estatal, produzindo um deslocamento axiológico pelo qual a morte de Mineirinho deixa de aparecer como fato policial isolado e passa a figurar como sintoma histórico de uma lógica estrutural de exclusão e gestão da morte no Estado brasileiro. Por isso, no plano histórico-social, a leitura mobiliza ainda discussões sobre violência, criminalização da pobreza e hegemonia cultural a partir de Chalhoub (1996), Oliveira (2019) e Williams (2011), além da reflexão crítica contemporânea proposta por Motta e Safatle (2025).

Palavras-chave: Clarice Lispector. Crônica Brasileira. Análise Dialógica do Discurso. Violência de Estado; História e Classes Subalternas.

⁴² Mestranda em Letras na área de Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Maringá - PLE/UEM.

DA LINGUÍSTICA ESTRUTURAL À CRÍTICA CULTURAL: INTERTEXTUALIDADES EPISTEMOLÓGICAS PARA PENSAR O LETRAMENTO RACIAL

Juliana da Costa Neres⁴³
Elenilda Moreira de Sá Costa⁴⁴

RESUMO

O presente trabalho discute as contribuições da linguística estrutural de Ferdinand de Saussure para a constituição epistemológica da Crítica Cultural e para o desenvolvimento de pesquisas voltadas ao letramento racial. A pesquisa parte do seguinte problema: de que maneira o pensamento saussuriano e seus desdobramentos nas ciências humanas contribuem para a construção de abordagens críticas e decoloniais no campo dos estudos culturais? O objetivo geral consiste em analisar a influência do método estrutural de Saussure na formação da Crítica Cultural, observando suas reverberações em diferentes áreas do conhecimento e suas possibilidades de ressignificação em pesquisas contemporâneas sobre raça, cultura e educação. Como hipótese, considera-se que, embora o estruturalismo tenha sido fundamental para a consolidação das ciências humanas, seus limites interpretativos exigiram reformulações teóricas que possibilitaram o surgimento de perspectivas pós-estruturalistas e críticas voltadas aos sujeitos historicamente marginalizados. A metodologia utilizada caracteriza-se como pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa e abordagem interpretativa, fundamentada na leitura e análise de obras de autores como Claude Lévi-Strauss (2008), Roland Barthes (2012), Jacques Derrida (1967), Gilles Deleuze (1995) e Osmar Moreira dos Santos (2019), além das discussões desenvolvidas no Programa de Crítica Cultural. Os resultados apontam que a linguística saussuriana ultrapassou os limites do campo da linguagem e influenciou decisivamente diferentes áreas das ciências humanas, fornecendo bases para a formulação de métodos críticos de interpretação. Verificou-se ainda que a Crítica Cultural, ao dialogar com o pós-estruturalismo e com perspectivas rizomáticas e decoloniais, propõe deslocamentos epistemológicos importantes, permitindo que temas periféricos, como o letramento racial Ferreira (2015), ocupem centralidade nas pesquisas acadêmicas e educacionais contemporâneas.

Palavras-chave: Crítica Cultural. Letramento racial. Estruturalismo. Linguística.

⁴³ Doutoranda em Crítica Cultural, UNEB Campus II. Coordenadora na Rede Estadual de Educação da Bahia.

⁴⁴ Doutoranda em Crítica Cultural, UNEB Campus II. Gestora e coordenadora pedagógica da Rede Municipal de Salvador-BA.

DISCURSO DE RESISTÊNCIA NEGRA: IDENTIDADE E ARGUMENTAÇÃO NO ENSINO MÉDIO

Daniele Teixeira⁴⁵
Silvelena Cosmo Dias⁴⁶

RESUMO

Este trabalho, vinculado ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS (UFMS/Câmpus de Três Lagoas), propõe investigar de que maneira a inserção de discursos de resistência negra na produção de artigos de opinião atravessa a escrita dos estudantes nos modos de dizer, produzindo efeitos de sentido na argumentação, nos efeitos de autoria e na constituição identitária dos estudantes de ensino médio. A pesquisa, de natureza qualitativa, será desenvolvida por meio de uma pesquisa-ação e contempla leituras problematizadoras de discursos de resistência negra e escrita autoral a partir da implementação de uma sequência de atividades. Considerando, como um dos objetos de análise da pesquisa, o material didático de Língua Portuguesa, compreendido como espaço de legitimação e/ou exclusão de discursos, delineiam-se os seguintes objetivos específicos: a) promover práticas pedagógicas de leitura e escrita que envolvam os discursos de resistência negra em diferentes gêneros discursivos, analisando seus efeitos nas práticas discursivas e nos modos de enunciação dos estudantes; b) estimular a produção de artigos de opinião, por meio de leituras problematizadoras, que surjam marcas de autoria, posicionamento crítico e apropriação dos discursos de resistência por parte dos estudantes; c) analisar os textos produzidos com foco no posicionamento argumentativo, nas marcas de autoria estudantil na constituição da identidade e; d) investigar como as ações mediadoras do professor e o desenvolvimento de práticas pedagógicas pautadas no diálogo podem favorecer o reconhecimento e a circulação de discursos de negritude no espaço da escrita escolar. Fundamentado nos estudos de Bakhtin (2011), Brait (2005), Foucault (1995, 2008), Coracini (1999, 2003, 2005, 2010) e Mascia (2005), bem como em Hooks (2013) e Gomes (2008), o trabalho insere-se na perspectiva da linguagem como prática social e discursiva e, em diálogo com a abordagem discursivo-desconstrutiva, compreende o sujeito e a identidade como efeitos históricos atravessados por relações de poder e por movimentos de (re)significação. Nessa direção, a linguagem é tomada como espaço de produção de subjetividades e como instância constitutiva da identidade, buscando contribuir para o fortalecimento de práticas educativas comprometidas com a pluralidade cultural e o protagonismo estudantil.

Palavras-chave: Escrita Autoral. Artigo de Opinião. Material Didático.

⁴⁵ Pós-graduanda do Curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS/UFMS.

⁴⁶ Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP/IEL. Professora-Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

“E O QUE ISSO QUER DIZER?” UMA ANÁLISE DE MANCHETES SOBRE A EDUCAÇÃO COM ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Marcel Medeiros Mata Ribeiro⁴⁷

Álvaro Augusto de Souza Mandú da Silva⁴⁸

RESUMO

Este trabalho visa apresentar percepções acerca da habilidade BNCC *Efeitos de Sentido* (EM13LP06) por alunos do ensino médio. O *corpus* é uma aula de cinquenta minutos que foi ministrada em outubro de 2025 por dois acadêmicos de Letras da UEMS, com atuação na educação básica pelo PIBID. No encontro foram analisadas três manchetes de diferentes jornais eletrônicos que traziam informações sobre a paralisação que docentes de todo o Brasil fizeram em 23 de abril de 2025. Esta mobilização marcou o início da 26ª Semana Nacional em Defesa da Educação Pública, com alerta contra a privatização e em defesa do concurso público, piso salarial, gestão democrática e valorização dos profissionais da educação. As três manchetes escolhidas — que abordavam o tema cada uma a um modo — foram discutidas com 35 alunos do 2º ano do ensino médio de uma escola pública estadual com apenas oito salas de aula e próxima ao centro urbano em Campo Grande/MS, o que torna o corpo discente formado por adolescentes com mais possibilidades de acesso à cultura e à utilização dos espaços públicos do que educandos de regiões mais periféricas, em um ambiente escolar com considerável cuidado de direção e coordenação — características importantes ao se analisar os discursos produzidos pelos educandos. A discussão abordou a redação das manchetes selecionadas e a presença de intencionalidade nestas a partir das escolhas linguísticas de seus responsáveis; a possibilidade de uma neutralidade na escrita; e as impressões dos discentes sobre o que foi chamado em sala de aula de “guerra de narrativas”. O tema geral da paralisação (defesa da educação) também foi definidor para as trocas feitas com e entre os alunos. O planejamento desta aula foi apoiado em autores como Ingedore Villaça Koch, com suas publicações sobre coerência e coesão textual, e Alessandra Rodrigues, com suas discussões sobre mídia e narrativas digitais. Esta comunicação pretende, então, apresentar os alicerces dessa aula e conclusões produzidas pelos educandos.

Palavras-chave: Efeitos de sentido. Escolhas linguísticas. Educação. Sala de aula.

⁴⁷ Acadêmico do quarto ano de Letras Português/ Espanhol e suas Literaturas na UEMS; bolsista PIBIC com pesquisa em Literatura Latino-americana; bolsista PIBID em sala de aula desde março de 2025.

⁴⁸ Acadêmico do quarto ano de Letras Português/ Espanhol e suas Literaturas na UEMS; bolsista PIBID em sala de aula desde março de 2025.

EM NOME DO BEM COMUM: ANÁLISE MATERIALISTA DA ECO-DESTRUIÇÃO CAPITALISTA NO VIÉS ARTÍSTICO

John Kevin Lopes de Araújo da Silva⁴⁹

Emmyle Bruna Arcoverde Araújo⁵⁰

Ozana Marinho Barros da Silva⁵¹

RESUMO

Esta pesquisa inscreve-se na Análise Materialista do Discurso e tem como objetivo analisar como a ideologia naturaliza o controle sobre os sujeitos e dissemina uma anti-ecologia. O corpus é composto por dois recortes discursivos da exposição Minerva Cuevas, apresentada no MASP, em São Paulo (SP). O primeiro recorte discursivo consiste no enunciado: “Ser governado significa que a cada movimento, operação ou transação, alguém é anotado, registrado, incluído em um censo, taxado, carimbado, precificado, avaliado, patenteado, licenciado, autorizado, recomendado, advertido, reformado... explorado, monopolizado, extorquido, pressionado, enganado, roubado; tudo em nome da utilidade pública e do bem comum” do filósofo Pierre-Joseph Proudhon. O segundo recorte refere-se a uma pintura de uma paisagem cuja borda inferior está coberta e excedendo o quadro com petróleo de Minerva Cuevas. A justificativa provém da necessidade de des-evidenciarmos e desnaturalizarmos o modo operante do sistema capitalista que suprime a vida e as subjetividades dos indivíduos e justifica a destruição do meio ambiente como necessária para o crescimento de uma nação. Os procedimentos de análise que guiam esta pesquisa partem inicialmente da leitura do senso comum que desconsidera a existência da ideologia atravessando essas relações sociais e ecológicas; em seguida, realizamos o estudo das condições de produção dentro da exposição do museu, para, posteriormente realizarmos o batimento entre a teoria e o gesto analítico e assim descristalizar a aparente neutralidade que dissemina que o controle, a destruição e a exploração são não motivadas. Como referencial teórico mobilizados os estudos de Pêcheux (2014) e Orlandi (2015) acerca da teoria do discurso, as percepções de Ailton Krenak (2019) sobre capitalismo e meio ambiente, como também as contribuições de Althusser (1998) sobre a ideologia e Belmont (2023) em suas discussões do racismo ambiental e emergências climáticas. Nos resultados parciais, compreendemos que é necessário romper a lógica da dominação e da exploração da vida e da natureza, o que implica questionar e desestabilizar a própria estrutura do sistema capitalista.

Palavras-chave: Análise Materialista do Discurso. Artes plásticas. Ideologia. Opressão e exploração no Capitalismo. Ecologia.

⁴⁹ Graduado em Letras - Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE). Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/UFAL). Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Análise do Discurso (GepAD/UPE). Bolsista CAPES.

⁵⁰ Graduada em Letras - Língua Portuguesa e suas Literaturas pela Universidade de Pernambuco (UPE). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, na área de Linguística da Universidade Federal de Alagoas- UFAL. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPEAL.

⁵¹ Formada em Letras pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas (PPGLL/FALE). Professora de linguagem da rede estadual na Secretaria de Educação do Estado de Alagoas (SEDUC).

ENTRE O GÊNERO E O SILENCIAMENTO: A INVISIBILIDADE RACIAL NO DISCURSO MIDIÁTICO SOBRE FEMINICÍDIO

João Victor Bitencourt⁵²
Francieli Matzenbacher Pinton⁵³

RESUMO

O feminicídio, tipificado pela Lei nº 13.104/2015, constitui a forma mais extrema de violência de gênero e representa uma grave violação dos direitos humanos das mulheres. No Brasil, esse fenômeno atinge de maneira significativa as mulheres negras, evidenciando como o racismo estrutural e o sexismo se entrelaçam na produção e na reprodução de vulnerabilidades sociais, conforme indicam os dados da Agência Patrícia Galvão e do Atlas da Violência. Apesar dessas desigualdades, os registros e as narrativas midiáticas frequentemente silenciam a dimensão racial, contribuindo para o apagamento simbólico dessas vítimas. Nesse contexto, a presente pesquisa analisa como os jornais Folha de São Paulo (nacional) e Gaúcha Zero Hora (regional) noticiam feminicídios de mulheres negras. O corpus, composto por 30 manchetes, foi constituído mediante busca sistemática no Google, realizada entre fevereiro de 2024 e agosto de 2025, utilizando os descritores “mulher negra morta”, “feminicídio de mulher negra” e “feminicídio mulher negra”. Foram selecionadas reportagens publicadas nos dois veículos referentes a casos de feminicídio consumado cujas vítimas foram identificadas como mulheres negras, excluindo-se notícias duplicadas, textos opinativos e matérias sobre tentativas de feminicídio ou outros tipos de homicídio. A investigação fundamenta-se na Análise Crítica do Discurso (ACD) e na Análise Crítica de Gênero (ACG), articuladas ao conceito de interseccionalidade formulado por Crenshaw (1989), que possibilita compreender como raça e gênero operam conjuntamente na produção e na representação da violência. Além disso, dialoga com as Diretrizes Nacionais do Feminicídio (ONU Mulheres/Ministério da Justiça, 2016), que ressaltam a importância do registro qualificado das vítimas, incluindo raça/cor, como etapa essencial para a formulação de políticas públicas. Os resultados parciais indicam que nenhuma manchete explicita a identidade racial das vítimas e que a identificação de mulheres negras ocorre em apenas sete casos, exclusivamente por meio de imagens, revelando um padrão de invisibilidade discursiva em que o gênero aparece como marcador central, enquanto a raça é sistematicamente apagada, reforçando narrativas universalizantes que obscurecem desigualdades estruturais e contribuem para a manutenção da marginalização histórica das mulheres negras no espaço midiático.

Palavras-chave: Feminicídio. Violência de Gênero. Mulheres Negras. Interseccionalidade.

⁵² Graduando de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Bolsista do NEPELIN, desenvolve pesquisas em Análise Crítica do Discurso, gênero e raça. Atua na área de Língua Portuguesa e formação docente.

⁵³ Professora Associada do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Mestre, doutora e pós-doutora em Letras, coordena o NEPELIN desde 2015. Desenvolve pesquisas em formação de professores, Educação Linguística Crítica e ensino de Língua Portuguesa.

LIBRAS RPG: PROPOSTA DE ELABORAÇÃO DE GLOSSÁRIO DE SINAIS-TERMOS EM LIBRAS PARA O CONTEXTO DE RPG DE MESA

Bruna Cristina Alfenas⁵⁴

Ernani Cesar de Freitas⁵⁵

RESUMO

Decretada como língua cooficial no Brasil desde 2002, é percebida a diminuta presença da Língua Brasileira de Sinais (Libras) nos diferentes espaços, o que a torna, para além de minoritária, carente de glosa para termos específicos em múltiplas áreas do conhecimento. O projeto Libras RPG, iniciado em 2022, busca facilitar o aprendizado através de gamificação, atendendo à dificuldade de abstração de uma parte da comunidade surda escolar em Rio Grande, RS. Desafios com relação ao encontro de termos específicos na língua, portanto, dão origem a uma necessidade pela criação e pela formalização de um glossário digital em conjunto com estudantes surdos, na esperança de, para além de estimular o imaginário, empoderá-los com relação a sua língua natural e, consequentemente, à própria identidade. Este trabalho tem como objetivo elaborar e aprovar, ante a comunidade surda riograndina, um glossário de sinais-terms em libras para atender ao vocabulário específico ao RPG de mesa. A fundamentação teórica baseia-se na obra autobiográfica de Emmanuelle Laborit (2000), bem como em Huizinga (2000), Krieger e Finatto (2019) e Terra-Fernandes (2018). Este estudo desenvolve-se com base na metodologia do tipo aplicada através de uma pesquisa exploratória, documental, de campo/ação, com abordagem qualitativa de análise e interpretação de dados conforme o Paradigma Indiciário (Ginzburg, 2007). O corpus de pesquisa se configura pela materialidade de dados coletada no âmbito do Projeto Libras RPG, que é voluntário, executado em parceria com a Escola Municipal de Educação Bilíngue Carmem Regina Teixeira Baldino, de Rio Grande/RS, em uma turma de oito estudantes, visando um momento de troca e de aprendizagem descontraído e lúdico para os alunos e que explora elementos de gamificação para a explicação dos mais diversos assuntos. O Projeto está em andamento; buscará refletir sobre a pesquisa e a produção de conhecimento em um contexto marginalizado, visando atender parte essencial das necessidades da comunidade surda: o acesso a uma rica forma de entretenimento e potência pedagógica ainda não popularizada ou amplamente explorada – RPG de mesa para surdos.

Palavras-chave: Terminologia da Libras. Expansão de Vocabulário. Gamificação do Aprendizado. RPG de Mesa.

⁵⁴ Bacharela em Artes Visuais com ênfase em História, Teoria e Crítica de Arte e Mestranda em Letras na área de Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

⁵⁵ Doutor em Letras (PUCRS); professor visitante do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG/RS).

O DISCURSO RETÓRICO NOS JULGAMENTOS MIDIÁTICOS: O CASO JOHNNY DEPP X AMBER HEARD

Rayssa Fonseca Custódio⁵⁶
Maria Silvia Rodrigues Alves Barbosa⁵⁷

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise do caso judicial envolvendo os atores Johnny Depp e Amber Heard, ocorrido em junho de 2022, à luz da retórica e dos processos de construção narrativa presentes nos julgamentos midiáticos. O conflito, amplamente exposto nas plataformas digitais e acompanhado em tempo real por milhares de espectadores ao redor do mundo, evidenciou o poder dos discursos na formação da opinião pública e na possível influência sobre o desfecho jurídico. A partir do documentário Johnny Depp x Amber Heard (Netflix) e dos fundamentos teóricos do Tratado da Argumentação, de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca, busca-se compreender de que modo as narrativas produzidas por advogados, testemunhas, imprensa e usuários das redes sociais constituíram um embate retórico que ultrapassou os limites do tribunal. Parte-se da hipótese de que a transmissão do julgamento se configurou como estratégia discursiva de gestão da imagem e de persuasão social, transformando o processo judicial em um grande espetáculo público. O digital, nesse contexto, atua como amplificador e reproduzidor das paixões coletivas, instaurando uma espécie de “júri paralelo” que redefine as fronteiras entre ética, persuasão e verdade. A análise do trabalho se organiza segundo a *dispositio* retórica — exórdio, narração, argumentação e peroração —, de modo a ordenar os argumentos e revelar o percurso de construção de sentido no entrelaçamento entre discurso jurídico e discurso midiático. Assim, a *dispositio* opera como princípio estruturante da leitura, articulando o percurso entre a exposição do caso, a argumentação das partes e a catarse social intensificada nas redes digitais.

Palavras-chave: Retórica. Narrativa. Julgamento Midiático. Opinião Pública. *Dispositio*.

⁵⁶ Mestranda em Linguística, graduada em Letras e Pedagogia pela Universidade de Franca (UNIFRAN).

⁵⁷ Pós-Doutorado em Linguística, docente e pesquisadora da Universidade de Franca (UNIFRAN).

O SERIADO TELEVISIVO COMO GÊNERO DISCURSIVO: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DE *THE WHITE LOTUS*

Felipe Eduardo Canuto Bonini⁵⁸

Neil Franco⁵⁹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender como o seriado televisivo se adequa ao gênero discursivo secundário em suas dimensões social e verbal. Tal busca por compreender o referido gênero discursivo se fundamenta na teoria dialógica de gêneros do círculo de Bakhtin, e também de alguns de seus comentadores, como Fiorin (2011), Machado (2005) e Pisa (2013). Deste modo, o trabalho é uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, que se vale do estudo de caso do seriado “The White Lotus” (2021). Nota-se que o seriado televisivo integra o grandioso leque de gêneros discursivos existentes na medida em que se enquadra nas definições do Círculo de Bakhtin, configurando-se como uma forma relativamente estável de interação. Além do que, nos últimos anos, passou a ocupar um espaço de destaque no consumo de produções audiovisuais, tornando-se tão relevante e popular quanto o cinema e as telenovelas. O seriado escolhido é um representante contemporâneo desse fenômeno, “The White Lotus” (2021) é produzido pelo canal a cabo HBO e transmitido tanto na televisão quanto no streaming, por meio do serviço HBO MAX. Criada e roteirizada por Mike White, o seriado televisivo conta atualmente com 21 episódios, divididos em 3 temporadas antológicas. Ademais, ressaltamos brevemente como o gênero se transformou dentro do espaço-tempo nas últimas décadas, propondo um retrato histórico desde a década de 1950 até os dias atuais. Em suma, queremos concluir que o seriado televisivo “The White Lotus” (2021) se enquadra como um gênero discursivo, na medida em que suas características dialógicas se manifestam na obra.

Palavras-chave: Gênero discursivo. Seriado televisivo. The White Lotus.

⁵⁸ Mestrando do programas de Pós-graduação de Letras da Universidade Estadual de Maringá (PLE-UEM).

⁵⁹ Professor doutor no PLE-UEM, Orientador.

PARA ALÉM DE UM ESTUDO DE LINGUAGEM: O DOCUMENTÁRIO EM SALA DE AULA

Fernanda Fernandes Pimenta de Almeida Lima⁶⁰

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar uma proposta de estudo sobre variação linguística para as aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, com base na exibição e interpretação do documentário *A Cidade* (2012). Para tanto, fundamentamo-nos teoricamente na Sociolinguística Variacionista e no postulado bakhtiniano dos gêneros do discurso, uma vez que, por meio deste, podemos estudar as práticas sociais e o cotidiano linguístico dos sujeitos em interação, para entendermos como a variação linguística faz parte das identidades sociais, culturais e regionais dos falantes brasileiros. Assim, a proposta é instaurar um diálogo entre essas duas teorias, para embasarmos um olhar sobre a linguagem e sua multimodalidade no gênero documentário. Em uma perspectiva metodológica empírica, de base documental, analisamos um recorte das falas de alguns figurantes de *A Cidade* (2012), gravado no interior do Rio Grande do Sul, e observamos o sotaque de seus falantes. O tema desse curta metragem, em sua transversalidade, aborda o drama do isolamento vivido por essas pessoas no passado, quando, ao serem diagnosticadas com hanseníase, foram segregadas do convívio social. Embora seja um estudo de variação linguística, o tema, por sua complexidade e pelo modo como se apresenta no referido documentário, se abre a outras questões que podem ser exploradas em sala de aula, que vão além de um estudo de linguagem e tocam nos sentidos da exclusão/inclusão social e dos direitos humanos. Para além, estudar esse gênero multissemiótico é possibilitar a empatia para com diversas vivências, é promover, por meio de sua técnica audiovisual, o debate sobre temas sociais complexos que devem conectar o currículo escolar com realidades, historicamente situadas, e com suas demandas coletivas.

Palavras-chave: Documentário. Variação linguística. Ensino de Língua Portuguesa.

⁶⁰ Professora Pós-Doutora do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG-UNUINHUMAS).

REDUÇÃO E APAGAMENTO DAS VOGAIS POSTÔNICAS FINAIS [ɪ] E [ʊ] NA FALA DE IGUATU-CE: UMA ANÁLISE FONÉTICO- EXPERIMENTAL DE CONDICIONAMENTOS ACÚSTICOS, ESTILÍSTICOS E SOCIAIS

Francisco Alerrandro da Silva Araújo⁶¹

RESUMO

Este estudo, ancorado na agenda da Fonética Experimental, conforme os pressupostos clássicos de Fant (1960) e as discussões de Barbosa e Madureira (2015), investiga características fonéticas relacionadas à redução e ao apagamento das vogais médio-altas em sílabas postônicas finais na fala de moradores de Iguatu, no Ceará. A pesquisa busca compreender como fatores acústicos, estilísticos, segmentais e sociais condicionam a realização das vogais finais [ɪ] e [ʊ] no português brasileiro. O corpus foi constituído por oito participantes, sendo quatro homens e quatro mulheres, com idades entre 39 e 59 anos. Quanto à escolaridade, dois homens e duas mulheres possuíam Ensino Fundamental II, enquanto os demais apresentavam formação superior completa. A amostra incluiu 102 palavras paroxítonas, das quais 51 terminavam em [ɪ] e 51 em [ʊ]. As gravações foram realizadas em estúdio acústico, com base em um protocolo formado por palavras-alvo inseridas na frase veículo “Digo _____ baixinho” e em dois textos corridos, permitindo a comparação entre fala controlada e fala mais espontânea. A análise dos dados ocorreu em duas etapas: inicialmente, foi realizada a análise acústica no PRAAT, conforme Boersma e Weenink (2019); em seguida, procedeu-se ao tratamento estatístico no RStudio (2021.09.0). As variáveis dependentes examinadas foram os valores de F1, a frequência de apagamento das vogais postônicas finais, a duração bruta e relativa da vogal final, os valores médios de F0, o desvio padrão de F0 e a ênfase espectral, tomada como correlato do esforço vocal, segundo Traunmüller e Eriksson (2000). Entre as variáveis independentes, consideraram-se o número de sílabas, o contexto consonantal precedente e seguinte, além de sexo e escolaridade. As interações foram examinadas por testes de ANOVA e Wilcoxon. Os resultados mostram que os homens apresentam maior duração bruta das vogais finais e maior variação melódica nos textos corridos. O estilo espontâneo favoreceu maior duração vocálica, maior variação tonal e menor ênfase espectral em relação à frase isolada. Participantes com menor escolaridade exibiram maior duração e maior ênfase espectral, enquanto os de nível superior demonstraram maior controle vocal. A vogal [ʊ] apresentou maior ênfase espectral que [ɪ]. Conclui-se que a redução e o apagamento dessas vogais são significativamente condicionados por fatores sociais, estilísticos e segmentais.

Palavras-chave: Fonética Acústica. Vogais Médio-Altas Finais. Redução e Apagamento.

⁶¹ Professor efetivo da Educação Básica do Estado do Ceará desde 2004, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Inglesa. Mestre em Linguística pela UFC e doutor em Linguística pela Unicamp.

REFLEXÕES SOBRE O MITO DO FALANTE NATIVO A PARTIR DA PERSPECTIVA PÓS-COLONIAL: IDEOLOGIAS, HIERARQUIAS E OUTREMIZAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Larisse Marques Domingues⁶²

RESUMO

Nesta comunicação, propomos uma problematização do chamado “mito do falante nativo” a partir de uma perspectiva pós-colonial, compreendendo-o como um efeito de discursos historicamente vinculados à expansão colonial e à produção de hierarquias culturais e linguísticas. Nosso interesse pelo tema surge da recorrência, no ensino e na circulação de línguas adicionais, de uma idealização do falante nativo como instância de autoridade linguística plena, em contraste com a deslegitimação sistemática do chamado “não-nativo”. Partindo da formulação de Rajagopalan (2003), segundo a qual a natividade constitui um mito sustentado por crenças interdependentes — como a ideia de domínio pleno da língua e de autoridade normativa —, buscamos refletir de que modo tal noção ultrapassa o campo estritamente linguístico, inscrevendo-se em uma lógica mais ampla de produção de diferenças e desigualdades. O problema de pesquisa consiste em compreender de que modo o mito da natividade opera como dispositivo de outremização, produzindo sujeitos em posições assimétricas e naturalizando diferenças como desigualdades. Tendo isso em vista, desenvolvemos uma análise teórico-discursiva de caráter crítico, articulando a noção de mito (Rajagopalan, 2003) às categorias de estereótipo e identidade cultural (Hall, 1997) e ao conceito de hibridismo (Bhabha, 1983), com ênfase na ideia de cultura como processo dinâmico, heterogêneo e atravessado por relações de poder. A fundamentação teórica ancora-se ainda no conceito de outremização (Spivak; Ashcroft, 1998), entendido como o processo pelo qual o discurso colonial produz seus “outros”, instituindo oposições hierárquicas que sustentam regimes de dominação. Os resultados apontam que o mito do falante nativo, ao naturalizar um padrão idealizado de língua, reforça processos de inferiorização que afetam diretamente a relação do aprendiz com a língua inglesa, produzindo sentimentos de inadequação e ilegitimidade. Por isso, acreditamos que a incorporação de uma perspectiva pós-colonial no ensino de língua inglesa contribui para desnaturalizar hierarquias, promover uma educação linguística crítica e favorecer processos de subjetivação menos subordinados, nos quais o aprendiz possa reinscrever-se como agente ativo na produção de significação.

Palavras-chave: Ensino de língua inglesa. Mito do falante nativo. Pós-colonialismo. Outremização. Identidade linguística.

⁶² Mestranda em Letras na área de Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual de Maringá - PLE/UEM.

(SEM) ANISTIA: RELAÇÕES DE SENTIDO DAS CHARGES DE HENFIL NAS FORMAÇÕES DISCURSIVAS DA DITADURA CIVIL-MILITAR (1964-1985) E ATOS GOLPISTAS (2023) SOBRE UMA PERSPECTIVA PECHEUTIANA

Viviane Guimarães⁶³

RESUMO

O enunciado “anistia” esteve presente na memória coletiva dos brasileiros em dois contextos sócio-históricos distintos, fazendo emergir, em cada um deles, sentidos diferentes. Dessa forma, ancorados nos estudos da Análise de Discurso de linha francesa, especialmente em Michel Pêcheux, e em autores que dialogam com sua perspectiva, como Eni Orlandi e Freda Indursky, propomos analisar como os sentidos do enunciado “anistia” se constituem e se atualizam discursivamente em diferentes condições sócio-históricas, como o período da Ditadura Civil-Militar brasileira, que compreende os anos de 1964 a 1985, e os atos golpistas de 2023. O estudo tem como tema as relações entre discurso, memória discursiva e produção de sentidos, partindo do seguinte questionamento: como um mesmo enunciado pode produzir efeitos de sentido distintos quando mobilizado em diferentes formações discursivas e posições ideológicas? Para este estudo, analisaremos a materialização do enunciado “anistia” em uma charge do cartunista Henfil, publicada originalmente em 1979 e retomada em uma versão modificada em 2025, buscando compreender de que forma as condições de produção interferem na construção dos sentidos. A análise busca evidenciar o deslizamento de sentidos, por meio do qual aquilo que antes se vinculava à ideia de justiça e liberdade passa a ser interpretado como injustiça e impunidade. Tal movimento indica que os sentidos não estão presos às palavras, mas são produzidos de acordo com as condições históricas, ideológicas e contextuais em que o enunciado é formulado. Ao final, observa-se que as charges mobilizam sentidos distintos para o enunciado “anistia”, apontando como a memória discursiva constitui um espaço de disputa, no qual os sentidos retornam tensionados e modificados, ativando novas redes de significação.

Palavras-chave: Anistia. Análise do Discurso. Charge. Pêcheux.

⁶³ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina. Possui graduação nos cursos de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda e em Marketing.

SOCIOLINGUÍSTICA E QUADRINHOS: UM ESTUDO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM TIRAS DA TURMA DO XAXADO

Layla de Oliveira Vasconcellos⁶⁴

Regina Brito⁶⁵

RESUMO

As histórias em quadrinhos (HQs) vêm sendo estudadas a partir de diferentes perspectivas teóricas. A Sociolinguística, embora centrada na língua falada, pode oferecer contribuições relevantes para a leitura e a compreensão de HQs, uma vez que esse hipergênero (Ramos, 2009) frequentemente recria traços da oralidade e revela a variação linguística, como ocorre na Turma do Xaxado. Formada por personagens tipicamente brasileiras – cada uma com seu jeito próprio de falar, pensar e agir, representando as diversas classes econômicas e os distintos níveis de escolaridade –, a Turma do Xaxado é a principal criação de Antonio Cedraz (1945-2014), um dos maiores quadrinistas da Bahia e Mestre do Quadrinho Nacional. Posto isto, este trabalho tem como objetivo estudar a variação linguística presente nas falas das personagens da Turma do Xaxado, examinando, especialmente, as variações diatópica e diastrática. Como corpus desta investigação, escolhemos 1000 Tiras em Quadrinhos (2012), o quarto livro-álbum comemorativo dos dez anos da Turma do Xaxado. Para atingirmos o objetivo desta pesquisa, recorreremos à teoria da variação linguística, conforme apontada por Preti (2003), Mollica e Braga (2004), Bortoni-Ricardo (2005), Calvet (2007), Bagno (2012) e Cezario e Votre (2012). Como apoio sociológico, utilizamos Ribeiro (1995). Em relação à metodologia empregada na análise de 1000 Tiras em Quadrinhos (2012), selecionamos algumas personagens da Turma do Xaxado e, em seguida, realizamos um levantamento quantitativo, a fim de verificarmos a presença dessas personagens. No que tange à investigação da variação diatópica, descrevemos e analisamos os regionalismos presentes na expressão verbal das personagens Zé Pequeno, Tião e Genuíno Gabola. Quanto à pesquisa da variação diastrática, consideramos e contrastamos os modos de expressão das personagens pertencentes a diferentes estratos sociais: Zé Pequeno (e Marieta, como seu contraponto), Tião, Genuíno Gabola (e, eventualmente, Arturzinho). Os resultados deste estudo de variação linguística permitem-nos concluir que nenhuma personagem segue a norma-padrão da língua portuguesa em todas as tiras nas quais aparece. Outro resultado que a análise nos leva é a constatação de que os fatores extralinguísticos são os principais causadores da variação linguística nas falas das personagens da Turma do Xaxado, em 1000 Tiras em Quadrinhos (2012).

Palavras-chave: Sociolinguística. Variação Linguística. Quadrinhos. Turma do Xaxado. Antonio Cedraz.

⁶⁴ Doutoranda e Mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Graduada (Bacharelado/Licenciatura) em Letras (Português/Inglês) pela UPM. Representante Titular da Comunidade Acadêmica Discente da Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UPM, junto ao Conselho de Administração do MackPesquisa.

⁶⁵ Doutora e Mestre em Linguística pela FFLCH-USP, com estágio pós-doutoral na Universidade do Minho (Portugal). Professora Adjunto III da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Coordenadora de Programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, junto à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da UPM.

UM ESTUDO SOCIOFUNCIONALISTA DAS OCORRÊNCIAS DAS FORMAS ORAIS 'E, AÍ, DAÍ, ENTÃO' EM REDAÇÕES ESCOLARES

Eduardo da Costa Freires⁶⁶
Emmanuel da Cunha Nogueira⁶⁷

RESUMO

A presente proposta, a partir da temática "Um estudo sociofuncionalista das ocorrências das formas orais 'e, aí, daí, então' em redações escolares", tem como objetivo geral levar os participantes do evento a compreenderem como os registros orais se apresentam nas redações dos estudantes da educação básica, a partir da análise da relação entre oralidade e escrita no ensino de Língua Portuguesa. Como objetivo específico, pretende-se promover o estudo dessas marcas sob um olhar sociofuncionalista, baseado nas subfunções retroativo-propulsoras preconizadas por Tavares (2003), a partir da comparação entre resultados de pesquisas com falas de florianopolitanos (SC) e um corpus composto por 22 redações de estudantes do 7º ano do Ensino Fundamental. Diante disso, questiona-se de que modo as formas orais em análise se manifestam nas redações e que funções semântico-pragmáticas assumem no contexto da escrita escolar. A investigação adota metodologia de pesquisa aplicada, de natureza quantitativa e descritiva, buscando quantificar a frequência das ocorrências das formas orais e descrever como essas marcas se manifestam em diferentes contextos discursivos. Os resultados preliminares mostram que essas formas, a partir do processo de gramaticalização, assumem na escrita importantes papéis semântico-pragmáticos por meio das funções de sequenciação discursiva, apontando para a necessidade de práticas de ensino que, em vez de estigmatizar as marcas de oralidade, as compreendam como parte do processo de letramento e como manifestações legítimas das variedades linguísticas dos estudantes. Na contramão da gramática tradicional, que concebe tais formas como categorias homogêneas e imutáveis, a corrente sociofuncionalista aponta que os marcadores discursivos devem ser observados em seu processo histórico e funcional, especialmente sob a ótica da gramaticalização. As análises são sustentadas por Tavares (2003-2004), Barreto (1999), Bechara (2014), Cezário, Marques e Abraçado (2016), Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), Marcuschi e Dionísio (2005-2007), Mollica e Braga (2004), Santos (2013) e Silva (2013). Espera-se que a proposta contribua para um ensino de língua portuguesa que valorize a diversidade linguística e compreenda a oralidade como parte integrante do processo de ensino-aprendizagem da produção escrita.

Palavras-chave: Sociofuncionalismo. Sequenciadores discursivos. Oralidade e escrita. Mudança linguística. Gramaticalização.

⁶⁶ Mestre em Letras (Estudos de Linguagem) pelo PPGLT da UFRRJ. Pós-graduado em Ensino de Leitura e Produção de Textos pela UFRRJ e em Docência do Ensino Superior pela PUC-MG. Graduado em Letras – Português/Literaturas pela UNESA RJ. Professor de L. Portuguesa da rede pública do RJ e tutor da disciplina Linguística 2 do CEDERJ – programa vinculado ao curso de Letras da UFF.

⁶⁷ Mestre em Letras (Estudos de Linguagem) do PPGLT da UFRRJ. Graduado em Letras – Português/Inglês/Literaturas pela UFRRJ. Participante do grupo de pesquisa LeLEC, vinculado à UFRRJ

CINEMA, COMUNICAÇÃO E MÍDIA

A EXOTOPIA MÚTUA EM “HORTÊNCIA E PAULA”

Wagner de Alcântara Aragão⁶⁸

RESUMO

Tem-se neste trabalho uma análise dialógica do discurso da série documental “Hortência e Paula”, lançada em 8 de março de 2026 pela plataforma de vídeo sob demanda (streaming) Globoplay e pelo canal de televisão por assinatura Sportv. Dirigida por Eduardo Hunter Moura, a série é dividida em quatro episódios, que narram a trajetória das basquetebolistas Hortência e Paula, ora como jogadoras rivais, nos clubes, e ora como grandes companheiras, quando defendendo a seleção brasileira. A narrativa se dá, na maior parte, por meio de relatos das próprias atletas, protagonistas do documentário, uma se enunciando sobre a outra. Assim, este estudo tem como objetivo geral identificar como o conceito de exotopia, do filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin, é perceptível nos discursos de Hortência sobre Paula, e de Paula sobre Hortência, enquadrados pela série documental. A premissa é a de que a enunciação de uma em relação à outra, explorada pela obra, torna-se estratégica para que o filme logre êxito em estabelecer relações dialógicas com os discursos social e historicamente construídos sobre a relevância de ambas no basquete nacional e internacional, e a respeito delas próprias, como desportistas e personalidades públicas. O referencial teórico-metodológico basilar, como adiantado, é a análise dialógica do discurso, abordagem emergida dos estudos do Círculo de Bakhtin. Para tal análise, o estudo se vale também do recurso da decomposição do filme de que trata Manuela Penafria (2009), a fim de averiguar como os elementos da narrativa audiovisual se articulam e se conectam, para a formação de seu(s) discurso(s). A subjetividade, tida por Bertrand Lira (2022) como marca do documentário brasileiro, e a mise-en-scène da narrativa documental abordada pelo mesmo autor, também são bibliografias agenciadas. Como resultado, há a constatação de que, nos relatos nos quatro episódios, Hortência e Paula discorrem menos sobre si próprias, e mais sobre a outra, em uma exotopia mútua. Nessas enunciações, as personagens por vezes referendam, por vezes contrapõem discursos difundidos sobre elas, quando estiveram no auge de suas jornadas, e sobre seus respectivos protagonismos, complementares, nas históricas conquistas do basquete feminino brasileiro.

Palavras-chave: Documentário. Exotopia. Hortência e Paula. Série documental. Análise dialógica do discurso.

⁶⁸ Jornalista e professor. Pesquisador do Click – Comunicação e Cultura Ciber, grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Doutor em Comunicação (UFPR, 2025) e mestre em Estudos de Linguagens (Universidade Tecnológica Federal do Paraná, UTFPR, 2018).

A FOTOGRAFIA CINEMATOGRAFICA NO VIDEOCLIQUE *HUMAN EXTINCTION* (2026) DO ARTISTA WOODZ

Amanda Macêdo de Moraes Guirra⁶⁹

RESUMO

A fotografia cinematográfica de uma obra audiovisual contribui de inúmeras formas para o seu entendimento e conexão com o(a) espectador(a). Se tratando dos videoclipes, os componentes que formam a imagem e fazem parte da fotografia trabalham em conjunto com a canção para transmitir a mensagem e a atmosfera pretendida pelo(a) artista, seja para transpor a sua letra ou não. Desse modo, temos como objeto de investigação o videoclipe *Human Extinction* (2026)⁷⁰ do artista sul-coreano WOODZ, dirigido por Lafic tendo direção de fotografia por Sangwoo Yun, devido a ligação da sua construção imagética com a mensagem proposta pelo músico. Assim, o objetivo desta pesquisa é apurar como as escolhas técnicas e estéticas dentro da direção de fotografia do videoclipe se entrelaçam com a narrativa apresentada na obra a partir da metodologia indicada por Coutinho (2015) para a análise da imagem: leitura, interpretação e síntese. Utilizamos como base teórica autores(as) que abordam videoclipe (Valente, 2003), cinematografia (Bordwell e Thompson, 2013) e fotografia cinematográfica (Scansani 2019; 2020). A narrativa de *Human Extinction* (2026) nos apresenta a situação de três personagens enquanto WOODZ aparece como performer e como uma personagem onisciente que observa sem se envolver diretamente com os acontecimentos. O videoclipe também traz mensagens escritas na tela falando sobre o que está escondido e o que está visível a partir de metáforas utilizando a relação entre luz e sombra que se aplicam ao enredo. A composição dos quadros, planos, enquadramentos e a iluminação contam a história das personagens, deixando explícito os sentimentos de solidão, medo, desespero, aversão e introspecção de cada uma. Esses elementos, junto a um jogo forte de sombra e luz, cores frias e desbotadas, trazem um ar mais pesado e realista para o videoclipe, enquanto a utilização de ângulos fora do eixo com movimentos instáveis na performance de WOODZ contrastam com este aspecto, causando um estranhamento, mas ajudando na tensão e complementando a entonação do cantor e o instrumental da canção ligados ao rock. Desta forma, percebemos que a fotografia cinematográfica em *Human Extinction* (2026) colabora de maneira fundamental para a compreensão da sua narrativa e reflexão.

Palavras-chave: Análise da Imagem. Fotografia Cinematográfica. Videoclipe. WOODZ.

⁶⁹ Pós-graduanda nos cursos de Especialização em Gestão Cultural pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC) e Fotografia pelo Instituto Facuminas EAD. Bacharela em Comunicação Social – Rádio e TV (UESC).

⁷⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=elyhLAHsXGg>

A REPRESENTAÇÃO DO MILAGRE E O SAGRADO EM *A CANÇÃO DE BERNADETTE* (1943)

Pedro Henrique Oliveira⁷¹

RESUMO

Este trabalho analisa como o filme *A Canção de Bernadette* (1943), dirigido por Henry King, constrói a representação de Santa Bernadette Soubirous e as aparições marianas ocorridas em Lourdes no século XIX dentro do estilo clássico de Hollywood. O problema central da pesquisa consiste no desafio de filmar o que é invisível e transcendente em uma arte que, como o cinema, é historicamente vinculada ao realismo e ao registro do mundo sensível. O objetivo geral é identificar as escolhas visuais e narrativas que permitem ao filme representar o sagrado sem romper com a transparência narrativa do cinema clássico ortodoxo. A metodologia adotada consiste em análise fílmica, baseada nos textos de Manuela Penafria, Francis Vanoye e Anne Goliot-Lété, bem como em um referencial teórico que utiliza autores como André Bazin, Pedro Faissol, Béla Balázs e Luiz Vadico. A pesquisa parte da hipótese de que o milagre, nesta obra, não se constrói por meio de efeitos grandiosos ou de uma espetacularização visual, mas sim da organização metódica da *mise en scène* e da montagem. Como principais resultados, observamos que o uso do campo-contracampo cria uma cisão clara entre o espaço da vidente e o espaço da aparição, preservando a hierofania do evento. Além disso, o uso constante de *close-ups* no rosto da personagem principal intensifica a identificação do espectador com sua experiência espiritual e interior. Conclui-se que o filme consegue equilibrar a dimensão religiosa (hierofania) com o realismo cinematográfico, demonstrando que o cinema clássico elabora soluções estéticas sofisticadas para representar o que excede a visão comum.

Palavras-chave: *A Canção de Bernadette* (1943). Milagre. Cinema Clássico. Representação. Sagrado.

⁷¹ Graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Curador da Cinemateca UFS. Pesquisador do Laboratório de Política, Comportamento e Mídia (LABÔ/PUC-SP).

A SIMBOLOGIA DA CAVEIRA DO JUSTICEIRO E SUA INFLUÊNCIA SEMIÓTICA NOS NAVY SEALS RETRATADOS NO FILME AMERICAN SNIPER

João Vitor Santos Cruz⁷²

RESUMO

A Marvel Comic, fundada em 1939, criou milhares de personagens entre heróis e vilões que ao longo dos anos foram adaptados para filmes e séries trazendo para o público interpretações dos seus icônicos personagens. Alguns deles possuem formação militar, pois a editora sempre acompanhou as interações da sociedade. Stan Lee, a grande mente criativa da editora serviu o Exército onde era dramaturgo e cartunista. Assim, criou durante a Segunda Guerra Mundial o Capitão América. Posteriormente, foi criado um personagem, veterano da Guerra do Vietnã, altamente condecorado, que após tragédia pessoal, decide utilizar suas táticas em busca de vingança. Frank Castle, o Justiceiro, utiliza a caveira no peito e roupas pretas para levar a mensagem aos seus inimigos que a presença da morte os alcançou. Além disso, tem a função de atrair o fogo inimigo para a área mais protegida do seu uniforme de kevlar ou colete. A caveira no uniforme militar pode significar sabedoria, força, superação e a vida sobre a morte. O crânio, como distintivo militar, pode ser identificado na Prússia no Regimento Husard, durante o reinado de Frederico, o Grande (COTTA, 2012). Em 2014, Bradley Cooper estreou o filme American Sniper, inspirado no livro homônimo, que traz a biografia e história real do Navy Seal e atirador de elite mais letal dos Estados Unidos, Chris Kyle. Durante sua incursão na Guerra do Iraque, ele utilizou a caveira do personagem Justiceiro pintada em seu uniforme, servindo como motivação em combate e para amedrontar os insurgentes. Este trabalho tem como objetivo, fazer um resumo da pesquisa em andamento sobre a mística da utilização dessa caveira pelos militares da Marinha Americana, pelo pelotão "Charlie", SEAL Team 3 e como metodologia serão utilizadas Histórias em Quadrinhos, acervos, artigos e a obra American Sniper. A pesquisa será qualitativa e fará uma revisão sistemática do material selecionado. Como resultado parcial da pesquisa, destaca-se que no pouco tempo ocioso que os combatentes tinham, utilizavam para treinamentos táticos, atividades físicas, troca de cartas com seus familiares e leitura de HQs.

Palavras-chave: Cultura Pop. Justiceiro. Caveira. Navy Seals. Histórias em Quadrinhos.

⁷² Mestrando em Desenvolvimento Regional e Urbano (UNIFACS/FAPESB) e graduado em Letras com Espanhol (UEFS).

A SINESTESIA NO AUDIOVISUAL COMO MEIO DE DECOLONIZAÇÃO DOS SENTIDOS

Marília Cerioli Hermoso⁷³

Marcelo Abilio Publio⁷⁴

RESUMO

A presente pesquisa parte da questão da hegemonia da visão no audiovisual, entendendo-a como uma característica que molda a percepção do público. Considera-se que a predominância da visão sobre as demais dimensões sensoriais limita a experiência perceptiva e reforça modelos colonizadores previamente estabelecidos. Em contrapartida, destaca-se a sinestesia como um campo que abrange as múltiplas formas de inter-relação entre os sentidos humanos. De acordo com Presa (2008), a sinestesia é derivada das palavras gregas *syn*, (união) e *aisthesis* (sensações). O termo, portanto, refere-se à união dos sentidos. Algumas hipóteses, como a de Maurer e Mondloch (2005), apontam que todos os indivíduos nascem com potencial sinestésico, ainda que essa capacidade seja, em grande parte, atenuada ao longo do desenvolvimento sociocultural e do amadurecimento do cérebro. Diante disso, propõe-se o resgate da sinestesia como um campo de disputa frente ao colonialismo dos sentidos, posicionando-a como uma ferramenta múltipla no audiovisual. Como objetivo geral, busca-se analisar e propor caminhos para um uso mais consciente das associações sensoriais no desenvolvimento de projetos audiovisuais, sob a perspectiva do design prospectivo. Parte-se da hipótese de que a aplicação intencional da sinestesia pode ampliar a experiência do espectador, além de contribuir para o tema nos âmbitos acadêmico, artístico e social. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, que articula revisão bibliográfica sobre os temas: sinestesia, percepção sensorial e linguagem audiovisual. Pretende-se também explorar obras e experimentações práticas e seus processos criativos; além de entrevistas com sinestetas para coleta de possíveis padrões, de forma que amplie a visibilidade da condição vivenciada por essa comunidade. Como resultados esperados, pretende-se demonstrar que a sinestesia pode atuar como uma metaestrutura no design audiovisual, resgatando uma estética multisensorial decolonizadora, orientando decisões mais integradas e proporcionando experiências mais plurais. Resumidamente, este estudo é relevante em quatro frentes: científica, ao propor um diálogo interdisciplinar entre design, neurociência, estética e comunicação; cultural, ao ampliar as possibilidades criativas no audiovisual e nas artes; social, ao desmistificar a colonização dos sentidos humanos como singulares; e prospectiva, ao apresentar a sinestesia como ferramenta metaestrutural capaz de gerar novas possibilidades futuras.

Palavras-chave: Hegemonia Visual. Audiovisual. Sinestesia. Decolonização dos Sentidos. Design Prospectivo.

⁷³Bacharel em Design pela UFSC, com bolsa sanduíche no Politécnico de Milão, Itália. Possui MBA em Marketing pela ESPM e atualmente é mestranda em Design Prospectivo na UTFPR.

⁷⁴Professor pesquisador do PPGDP-UTFPR. Doutor em Cinema pela Universidade de Picardie Jules Verne, França. Membro do CRAE – Centre de Recherche en Arts et Esthétiques e da NEF Animation, além de cofundador do Núcleo de Design de Animação da UTFPR.

ANIMAÇÃO ADULTA BRASILEIRA: ANÁLISE DE FILMES A PARTIR DO PROJETO PROGRAMADORA BRASIL

Ryan Barros Ruiz⁷⁵

Marcelo Abílio Públio⁷⁶

RESUMO

A animação voltada ao público adulto é um segmento importante para ampliar a compreensão do que a animação pode oferecer artisticamente. Enquanto há pesquisas crescentes sobre a animação brasileira, esse recorte específico ainda é pouco investigado e boa parte de sua história permanece obscura. Mal compreendida, ela sofre diversos preconceitos no país, como demonstram a remoção do bloco de TV *Adult Swim* em 2008, pressionada pela Comissão de Defesa do Consumidor, e a nota de repúdio da Sociedade Brasileira de Pediatria, direcionada à produção de *Super Drags* (2018) antes mesmo do seu lançamento. Para tentar compreender esse segmento, esta pesquisa possui finalidade teórica de caráter exploratório, pois ainda há a necessidade de se levantar categorias e conceitos específicos a esse tema. Esse trabalho busca identificar características da animação adulta brasileira para além das condições necessárias para que seja reconhecida como tal. Isso é feito a partir do recorte de 4 curtas-metragens de animação produzidos no Brasil entre 1999 e 2004 e distribuídos em meios não comerciais pelo projeto Programadora Brasil, classificadas pela curadoria do projeto como “animações para adultos” e com classificação indicativa para maiores de 16 e 18 anos. Será feita uma análise descritiva do conteúdo. Assim, prevê-se o surgimento de características comuns ou semelhantes. Haverá foco em como são apresentados temas como sexualidade, violência e uso de substâncias ilícitas ou controladas. Este trabalho é parte de pesquisa sobre animação adulta brasileira desenvolvida a partir do programa de iniciação científica da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.

Palavras-chave: Animação Adulta. Animação Brasileira. Cinema Nacional.

⁷⁵ Ryan Barros Ruiz é graduando em tecnologia em Design Gráfico pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) onde desenvolve pesquisa em iniciação científica a respeito da animação para adultos no contexto brasileiro.

⁷⁶ Marcelo Abílio Públio é doutor em Cinema pela UPJV, na França. Professor pesquisador, membro do Mestrado em Design Prospectivo da UTFPR. professor na Universidade Tecnológica Federal do Paraná, no curso de Desenho Industrial nas áreas de Narrativas Visuais (Fotografia, Cinema, Audiovisual, Animação e experimentações).

ARQUITETURA, CINEMA E O CONTROLLING GAZE

Fernanda Aguiar Carneiro Martins⁷⁷

RESUMO

O panóptico enquanto instrumento arquitetural e ótico, concebido pelo jurista britânico Jeremy Bentham, ressurgiu na perspectiva do filósofo pós-estruturalista francês Michel Foucault não mais unicamente como artefato favorável ao exercício do poder em instituições como prisões, escolas e hospitais. No seu entender, o panóptico constitui a maior inovação no século 18 e, ao ganhar amplitude, sua significação histórica e política nos levará a acreditar que “tudo é espacial” (PERROT In. FOUCAULT, 1977, p. 192). Foucault reconhece que uma história do espaço, coincidindo com uma história do poder, resta ainda por ser feita. Seu papel crucial deve compreender desde as maiores estratégias geopolíticas às pequenas táticas do *habitat*. Foucault defende ainda: “O enraizamento espacial consiste em um domínio econômico e político que deve ser estudado em detalhe” (FOUCAULT, 1977, p. 193). A presente comunicação se propõe a investigar o diálogo entre a arquitetura e o cinema, em *O som ao redor* (2012), de Kléber Mendonça Filho, e *Açúcar* (2017), de Renata Pinheiro e Sergio Oliveira, sob a perspectiva do estudo do espaço, o qual uma vez detectado no âmbito das relações de poder, surge aliado a um *controlling gaze*. Sob esse ângulo, trata-se ainda de estabelecer um paralelo com a pesquisa do antropólogo e sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. Mesmo se as narrativas de *O som ao redor* e de *Açúcar* têm lugar na sociedade contemporânea, ambos os filmes oferecem argumentos para investigar aspectos do período colonial ainda presentes nos dias de hoje. Eis a pertinência do presente enfoque unânime ao interrogar a inter-relação espaço, poder e olhar de controle, refletindo sobre a cultura da “casa grande”. De todo modo, é interessante examinar, que o cinema do nordeste contemporâneo oferece chaves até então inéditas.

Palavras-chave: Arquitetura. Cinema. *Controlling Gaze*. *O Som ao redor*. *Açúcar*.

⁷⁷ Professora Associada IV do Colegiado em Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, é fundadora e coordenadora do LACIS – Laboratório de Análise e Criação em Imagem e Som (CNPq), com Pós-Doutorado (seu segundo) na Universidade Paris Nanterre em 2025.

CINE-OFICINA COMO PESQUISA-AÇÃO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM CINEMA FEMINISTA, UMA PROPOSTA COM O FILME “CARNE”

Rita de Cássia Ribeiro Benites⁷⁸
Keyla Andrea Santiago Oliveira⁷⁹

RESUMO

Sob uma abordagem feminista, este estudo propõe uma pesquisa-ação que tem como metodologia a realização de um cineclube-oficina destinado a professores da educação básica de Campo Grande/MS. A proposta do cine-oficina consiste em analisar as percepções e os conhecimentos desses educadores acerca da temática feminista, bem como compreender de que forma as obras audiovisuais selecionadas impactam os participantes. O cine-oficina é composto por produções audiovisuais feministas, incluindo curtas e longas-metragens, animações e documentários. Nesta pesquisa, entende-se como critério de seleção “feminista” as obras que: (I) são produzidas ou coproduzidas por mulheres; (II) suscitam reflexões e percepções feministas ao abordarem temáticas que atravessam as vivências das mulheres, como violência, misoginia, padrões de beleza, sexualidade, maternidade, classe, racismo e trabalho doméstico; e (III) são realizadas, prioritariamente, por cineastas brasileiras e/ou latino-americanas. Para a análise dos dados, a pesquisa se fundamenta em estudos de autores teóricos críticos que articulam cinema, feminismo e educação, como Theodor Adorno, e outras como Nancy Fraser, Naomi Wolf, Angela Davis, Djamila Ribeiro, Mary Del Priore, Luiza Lusvardi. A metodologia prevê a investigação das percepções dos educadores a partir de três etapas: debates após a exibição dos filmes, produção artística coletiva e entrevistas. Esses materiais, após serem coletados e registrados, serão analisados à luz do referencial teórico adotado. Como parte do percurso metodológico, o curta-metragem “Carne” (2019), dirigido por Camila Kater, foi selecionado para abordar a temática “Corpo e Imagem”. A obra se destaca por sua estética documental-artística ao apresentar histórias íntimas de mulheres que relatam experiências e memórias que têm sobre o seu próprio corpo. O filme então, integra o conjunto das 10 produções que serão exibidas na oficina, sendo este como uma das propostas iniciais. Espera-se que este estudo contribua para a validação da hipótese de que a experiência com o audiovisual feminista pode ampliar repertórios e sensibilizar educadores para a construção de uma sociedade menos violenta e misógina, configurando-se, assim, como uma alternativa relevante para a formação inicial e continuada de professores.

Palavras-chave: Cinema. Feminismo. Educação. Teoria Crítica.

⁷⁸Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação na linha de pesquisa Formação de Professores e Diversidade da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Integrante do grupo de pesquisa GECCAE (Grupo de Estudos Críticos em Cultura, Arte e Educação). E-mail: rcbenites@gmail.com

⁷⁹Mestre e doutora em Educação pela Universidade Federal de Goiás. Docente da graduação em Pedagogia e Mestrado e Doutorado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Líder do grupo de pesquisa GECCAE (Grupo de Estudos Críticos em Cultura, Arte e Educação). E-mail: keylaandrea@uems.br

CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO E DISPUTAS DA MEMÓRIA: APROXIMAÇÕES ENTRE “BRANCO SAI, PRETO FICA”, “KASA BRANCA”, “AINDA ESTOU AQUI” E “O AGENTE SECRETO”

Beatriz Lizaviêta Vasconcelos Viana⁸⁰

Italo Cosme Costa Santos⁸¹

RESUMO

Branco Sai, Preto Fica (Adirley Queirós, 2014), *Kasa Branca* (Luciano Vidigal, 2024), *Ainda Estou Aqui* (Walter Salles, 2024) e *O Agente Secreto* (Kleber Mendonça Filho, 2025) são obras do cinema brasileiro contemporâneo que elaboram a memória de diferentes formas, articulando experiências íntimas, traumas coletivos e processos históricos de apagamento. Em *Branco Sai, Preto Fica*, Adirley Queirós mistura documentário e ficção científica a partir da invasão policial a um baile black na periferia de Brasília, marcada pela violência contra a população negra presente no local. O episódio deixou sequelas físicas e psicológicas em Marquim do Tropa e Sartana, sobreviventes da ação que interpretam a si mesmos no filme. A narrativa incorpora ainda Gleide Firmino, enviado do futuro para investigar o caso e produzir provas capazes de responsabilizar o Estado pela violência cometida. Já em *Kasa Branca*, acompanhamos Dé (Big Jaum) e seu esforço para proporcionar à avó, Dona Almerinda (Teca Pereira), um último reencontro com suas memórias antes que o Alzheimer as apague definitivamente. Com o apoio dos amigos Adrianim (Diego Francisco) e Martins (Ramon Francisco), Dé busca reconstruir, por meio de fotografias, não apenas a trajetória da avó, mas também reencontra as memórias afetivas de uma Chatuba (Mesquita, RJ) pulsante. Em *Ainda Estou Aqui*, Eunice Paiva (Fernanda Torres/Fernanda Montenegro) luta pelo reconhecimento do assassinato do marido, Rubens Paiva (Selton Mello), por agentes da ditadura militar brasileira, buscando impedir o apagamento de sua trajetória da história nacional e a responsabilização do Estado pela morte. Por fim, n’*O Agente Secreto* acompanhamos duas narrativas. Nos anos 1970, vemos Marcelo (Wagner Moura), que retorna ao Recife numa tentativa de recuperar a vida interrompida pela repressão. No presente, Flavinha (Laura Lufesi) pesquisa arquivos da ditadura e confronta Fernando (Wagner Moura), filho de Marcelo, cuja recusa em revisitar o passado simboliza um país incapaz de enfrentar sua memória autoritária. Para compreender as aproximações entre essas obras, serão utilizadas como metodologias a constelação fílmica (SOUTO, 2025) e a análise fílmica (AUMONT; MARIE, 2004). Busca-se discutir com essa apresentação como o cinema brasileiro contemporâneo articula memória, esquecimento e permanência diante de traumas históricos e sociais não enfrentados.

Palavras-chave: Memória. Cinema brasileiro contemporâneo. Constelação fílmica. Análise fílmica.

⁸⁰Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM UFC) e graduada em Cinema e Audiovisual pela mesma instituição.

⁸¹Graduado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Pós-graduando em Direito Constitucional Aplicado. Atua como Técnico Audiovisual na Universidade Federal do Ceará (UFC) e é membro suplente da Comissão de Cultura e Arte da UFC.

CINEMA BRASILEIRO NEODISTÓPICO: ESPERANÇA E RESISTÊNCIA EM *BRANCO SAI, PRETO FICA*

Felipe Benicio de Lima⁸²

RESUMO

Embora o caráter especulativo não constitua um traço do cinema brasileiro, é inegável que houve nos últimos anos uma guinada em direção à distopia e ao neodistópico nas produções nacionais, como atestam filmes como *Branco sai, preto fica* (Adirley Queirós, 2014), *Divino amor* (Gabriel Mascaro, 2019), *Bacurau* (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019), *Medusa* (Anita Rocha da Silveira, 2021), *Mato seco em chamas* (Joana Pimenta e Adirley Queirós, 2022), *O último azul* (Gabriel Mascaro, 2025). Tal guinada suscita problemas de ordem crítico-metodológica na medida em que se faz relevante uma análise aprofundada, primeiro, das características temáticas e formais dessas obras, com atenção à maneira como a distopia é ressignificada, reformulada e expandida; segundo, dos elementos históricos, políticos, sociais e culturais que passam à ordem da ficção e que se transformam na matéria crítica inerente à ficção distópica. Com base nessas premissas, a presente comunicação tem como objetivo analisar o filme *Branco sai, preto fica*, enfocando as formas de resistência frente à opressão — elemento crucial em narrativas distópicas. Situado no campo dos Estudos Culturais, mais especificamente na interface entre os Estudos de Cinema e os Estudos Críticos da Utopia, o trabalho apresenta como base teórica e conceitual as reflexões de Baccolini e Moylan (2003), Moylan (2016) e Claeys (2017) sobre distopias; Benicio (2023) sobre o neodistópico; Levitas (2001), Sargent (2010) e Vieira (2016) sobre utopia e utopismo; Bloch (2005) e Chul-han (2024) sobre esperança; Almeida e Moura (2017, Kalil (2023) e Nagib (2006) sobre a utopia e distopia no cinema brasileiro. Os resultados parciais demonstram que elementos como deslocamento espaço-temporal, sistema hegemônico opressor, protagonistas rebeldes e a crítica ao presente histórico por meio construções simbólicas constituem os traços da tradição distópica que são recuperados pelo filme de Queirós; ao mesmo tempo, no que se refere à esperança e às ações de resistência, a narrativa elege a arte e a cultura produzidas na periferia como as armas com as quais o sistema opressor pode ser enfrentado. Por fim, espera-se contribuir com as discussões a respeito do cinema brasileiro neodistópico, bem como com a fortuna crítica do filme *Branco sai, preto fica*.

Palavras-chave: Cinema brasileiro. Distopia. Neodistópico. Esperança.

⁸² Doutor em Estudos Literários (PPGLL/UFAL), professor do curso de Letras-Inglês (FALE/UFAL) e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura (PPGLL/UFAL). Integra o grupo de pesquisa Literatura e Utopia (CNPq/FALE/UFAL) e coordena o projeto de extensão Cinetopias.

DESVENDANDO O NOIR: UMA INVESTIGAÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS E EVOLUÇÃO DE GÊNERO

Thiago Antônio Santos Gil Clemente⁸³

RESUMO

O presente trabalho investiga os processos de construção discursiva do *noir* e sua evolução para o *neo-noir*, tratando-os como categorias cinematográficas em constante disputa. O tema central analisa a instabilidade constitutiva do *film noir*, que opera simultaneamente como gênero, estilo e constructo crítico retrospectivo. O problema de pesquisa foca na natureza ambígua dessas definições, buscando entender como tal fluidez permitiu a sobrevivência e a reterritorialização de seus códigos na contemporaneidade. O objetivo geral é analisar essa trajetória teórica, tensionando os paradigmas tradicionais da teoria de gêneros. A fundamentação teórica ancora-se na abordagem de Rick Altman, especificamente no tensionamento entre a dimensão semântica — composta por ícones visuais como a *femme fatale*, o detetive cínico e o jogo de luz e sombra — e a dimensão sintática, que rege a organização do espaço-tempo narrativo e a estrutura das tramas. A hipótese sustenta que o *noir* funciona como um laboratório conceitual onde essa oscilação entre elementos visuais e estruturas relacionais redefine os limites classificatórios. A pesquisa também incorpora a perspectiva de James Naremore sobre a gênese retrospectiva do termo e as "notas" de Paul Schrader sobre o estilo como estado de espírito. Metodologicamente, utiliza-se a análise fílmica comparativa de pares paradigmáticos, como as versões de 1950 e 1988 de *D.O.A.*, para observar como o deslocamento de crises existenciais reflete novas ansiedades sociais via consciência metacrítica. Como resultados esperados, o estudo pretende demonstrar que o *neo-noir* não é apenas uma repetição estética, mas um agenciamento de enunciação que utiliza a metacriticidade para expandir as fronteiras do gênero. Ao final, a pesquisa busca catalogar as permanências e rupturas desse discurso, fornecendo uma ferramenta analítica robusta que evidencie como essas categorias expõem os limites dos modelos tradicionais de classificação cinematográfica e as transformações da subjetividade no cinema.

Palavras-chave: Cinema noir. Neo-noir. Teoria dos gêneros. Rick Altman. Análise fílmica.

⁸³Thiago Antônio Santos Gil Clemente: Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduado em Jornalismo.

“É IGUALZINHO NO CINEMA”: DESEJO MIMÉTICO E MEDIAÇÃO CINEMATOGRAFICA EM "LISBELA E O PRISIONEIRO", DE GUEL ARRAES

Ana Kamilly Vale Oliveira⁸⁴

RESUMO

O presente trabalho analisa o filme *Lisbela e o Prisioneiro*, dirigido por Guel Arraes, a partir da teoria mimética de René Girard, com enfoque na construção do desejo da personagem Lisbela e em sua relação com o imaginário cinematográfico. Segundo Girard (2009), o desejo humano é mediado por modelos que orientam aquilo que o sujeito passa a desejar. Assim, os indivíduos aprendem a desejar por imitação, reproduzindo comportamentos e fantasias observados em outros sujeitos ou representações simbólicas. Dessa forma, a mediação ocupa um papel central na constituição do desejo mimético. No filme, essa dinâmica manifesta-se na relação de Lisbela com os filmes que assiste no cinema. Sua percepção do amor, do heroísmo e das relações afetivas é construída a partir dos melodramas e filmes de aventura que alimentam seu imaginário. Desse modo, a protagonista interpreta a realidade como uma extensão das narrativas cinematográficas, projetando principalmente em Leléu características dos heróis ficcionais que admira. O cinema torna-se, assim, mediador de seus desejos e sugere e orienta seus comportamentos. O trabalho dialoga ainda com a dissertação de Valquíria Elias Ferreira Rezende (2010), que discute a adaptação da obra e a presença da metalinguagem cinematográfica, bem como com os estudos de Ana Lúcia Andrade (1999) acerca da autorreflexividade no cinema. Busca-se, dessa forma, demonstrar que o filme constrói uma reflexão sobre o próprio ato de ver e, ao mesmo tempo, viver o cinema.

Palavras-chave: Desejo mimético. Mediação. Metalinguagem. *Lisbela e o Prisioneiro*.

⁸⁴ Graduanda em Licenciatura em Letras Português e Inglês pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Tem como foco a área de Literatura e integra o Grupo de Estudos Girardianos da UFMA, certificado pelo CNPq.

EDUCAÇÃO POLÍTICA, COMUNICAÇÃO PÚBLICA E A PERCEPÇÃO DE JOVENS NA SOCIEDADE PLATAFORMIZADA

Priscilla Radighieri⁸⁵
Paulo Antônio de Sousa Marquêz⁸⁶

RESUMO

Em tempos de polarização política, desinformação, economia da atenção e plataformização da sociedade, este trabalho busca examinar a formação política nas escolas e o papel das emissoras legislativas na educação cidadã dos adolescentes. Para isto analisa, inicialmente, o trabalho de educação política da rádio Legislativa de Sorocaba-SP e sua contribuição para a formação de um cidadão consciente, crítico e participativo. Como parte deste processo, desenvolve podcasts com a participação de pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento. Faz pesquisa de campo em duas escolas de Ensino Médio da cidade de Sorocaba: uma pública e outra particular. Realiza oficinas de educação política nas escolas, entrevistas semi-estruturadas e questionários com alunos e professores. Além disso, simula com os alunos eleição com temas de interesse público. Trata-se de um Estudo de Caso (Yin, 2014) de natureza qualitativa, procedimento que pode trazer dados relevantes sobre como os atores percebem e interpretam seu ambiente, experiências e interações, com metodologias mistas: Análise de Conteúdo (Bardin, 1977) no que tange ao conhecimento, percepção política e ações sociais, e Pesquisa-Ação (Peruzzo, 2017). O referencial teórico perpassa autores das áreas de Rádio, Educação Política, Educomunicação e Educação Midiática: Zuculoto (2013); Bucci (2013); Freire (2001); Kaplún (1984); Soares (2000, 2011, 2014, 2018, 2022, 2024); Buckingham (2015, 2022); Caldas (2006, 2011); Martins (2019) e Santos (2021). Os resultados da pesquisa de mestrado defendida no Labjor/Unicamp em 2025 apontam a urgência da educação midiática e da educomunicação para a formação do pensamento crítico e combate à desinformação em meio à governança do algoritmo, o papel da educação política dos jovens nas escolas e dos meios de comunicação pública para a democratização do conhecimento e participação cidadã. Além disso, destacam a influência das redes sociais no jovem entre 16 e 18 anos e a oportunidade da ampliação de espaços de fala à juventude por meio de uma linguagem simples no novo modelo de rádio, veículo que transforma positivamente o ambiente escolar e promove educação política e cidadania.

Palavras-chave: Educação política. Jovem. Educomunicação. Comunicação pública. Rádio Câmara Sorocaba.

⁸⁵Jornalista, radialista, mestra em Divulgação Científica e Cultural pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e doutoranda em Ciências da Comunicação no PPGCOM/ECA-USP. E-mail: p.radighieri@usp.br.

⁸⁶Relações-Públicas. Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura – Universidade de Sorocaba/Uniso. Pesquisador do Grupo Internacional de Pesquisa MidCid. E-mail: paulomarquez.rp@gmail.com.

ENQUADRANDO O 'OUTRO': ESTRATÉGIAS DE LINGUAGEM E DISCURSOS MISÓGINOS NA MINISSÉRIE ADOLESCÊNCIA E EM CANAIS DIGITAIS.

Maria Clara de Souza Rocha⁸⁷

RESUMO

Este trabalho analisa as estratégias de linguagem na minissérie *Adolescência* e no canal *Tiozão – Independência Emocional*, investigando como ambos mobilizam discursos misóginos na contemporaneidade. Partindo da premissa de que a categoria "mulher" é um território de disputa simbólica, a reflexão utiliza as bases de Simone de Beauvoir (1970) para compreender a identidade feminina como uma construção social cujo status de 'Outro' é mantido por mecanismos disciplinadores. A reflexão, expandida a partir do artigo "Masculinismo e Misoginia na Sociedade Brasileira", investiga os mecanismos discursivos no terceiro episódio da produção britânica. O debate mostra-se urgente visto que, conforme Alambert (1986), as formas discriminatórias se tornaram mais refinadas e sofisticadas no ambiente on-line, exigindo uma investigação sobre como a misoginia digital pune a agência feminina ao tentar restringi-la à posição de "Outro". Sob essa ótica, a metodologia consiste em uma discussão teórico-bibliográfica aliada à análise da linguagem fílmica, com foco na relação entre câmera e atuação. A análise empírica de *Adolescência* revela como a decupagem, através de close-ups, expõe a vulnerabilidade do protagonista James frente à psicóloga. Planos fechados na profissional isolam suas reações, evidenciando a tensão gerada por uma mulher em posição de autoridade racional. Em contrapartida, no canal "Tiozão", observam-se padrões gestuais e vocais satíricos que ridicularizam o campo emocional feminino, reforçando a tentativa de desumanização da subjetividade da mulher. Diante do exposto, as hipóteses sugerem que, embora os formatos sejam distintos, ambos os objetos convergem em um mesmo cerne discursivo pautado em estereótipos de gênero e na naturalização da violência simbólica. Em conclusão, a articulação entre os procedimentos técnicos e o referencial teórico permite identificar padrões de comportamento que moldam ideologias na esfera digital. Assume-se, assim, que a conduta do protagonista em cena reflete a absorção de discursos propagados por uma multiplicidade de canais de viés masculinista, tais como o do 'Tiozão', demonstrando como a linguagem audiovisual é utilizada para sustentar discursos que invalidam a experiência feminina.

Palavras-chave: Linguagem Fílmica. Misoginia. Estudos de Gênero. Cultura Digital. Representação Audiovisual.

⁸⁷ Discente da Faculdade de Comunicação da UFJF. Bolsista do PET FACOM UFJF. email: mariaclara.desouza@estudante.ufjf.br.

ENTRE MARÉS: A INTERSEÇÃO NOS ÁLBUNS “BOM MESMO É ESTAR DEBAIXO D’ÁGUA DELUXE” DE LUEDJI LUNA E “AMARÍSSIMA” DE MELLY

Juliana Carolina⁸⁸

RESUMO

A presente pesquisa pretende desenvolver uma análise cultural teórica conceitual dos álbuns visuais para compreender o contexto político (amor entre mulheres, raça, sexualidade) e performance atuantes nas obras audiovisuais de *Bom Mesmo é Estar Debaixo D’Água Deluxe* (2023) da cantora Luedji Luna e *Amaríssima* (2024) de Melly. No álbum visual, as artistas afirmam pertencimento, reivindicando lugares da população LGBTQIAPN+ no mundo com suas performances. Diante disso, como as obras audiovisuais de *Bom Mesmo é Estar Debaixo D’Água Deluxe* (2023), de Luedji Luna, e *Amaríssima* (2024), de Melly, articulam dimensões políticas na narrativa sobre o amor entre mulheres negras? Entendendo que trabalhamos com obras que também estão dentro de álbum visual, o compreendemos como um formato que traz uma nova proposta estética frente à cultura musical contemporânea, tendo como referência os estudos de Cara Harrison (2014) e Sá e Dalla Vechia (2014). O álbum visual é híbrido e mescla elementos artísticos que funde com o cinema. Como uma hipótese central da pesquisa, partimos sobre como essas obras trazem corpos afrodiaspóricos que expressam suas dimensões políticas de afeto, pertencimento, estética e poética. Luedji Luna e Melly apresentam corpos que dialogam com duas gerações diferentes e que se encontram lá em 2023, justamente entendendo que “o show tem que continuar” através da nova geração, promovendo uma nova roupagem para a música pop da Bahia. A pesquisa funcionará sob análise cultural para que possamos compreender as dinâmicas do seu público, as performances no palco e no *streaming*, a visualização da cenografia, entendimento das sonoridades e corporeidades. A imagética na cultura digital é importante para um maior alcance do público e sucesso da obra e o formato do álbum visual abre margem para explicitar mecanismos de luta realizada através da música como afirmação política, apresenta a construção estética e poética, objetivando a compreensão do público através da visualidade dos gestos.

Palavras-chave: Álbum Visual. Performance. LGBTQIAPN+. Raça.

⁸⁸ Juliana Carolina é Assistente e Op. de Câmera, Fotógrafa e Produtora Cultural. Mestranda em Comunicação (PPGCOM/UFRB) e bolsista CAPES. Egressa do B.I em Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas (UFRB). E-mail: jucarols2@gmail.com

ENTRE O AZUL E O ROSA: A CONSTRUÇÃO NARRATIVA DE JINX EM *ARCANE* (2021-2024) E O USO DA COR COMO RECURSO AUDIOVISUAL

Sofia Ferreira Santos⁸⁹

RESUMO

O presente trabalho analisa a construção narrativa da personagem Jinx (ou Powder), da série animada *Arcane* (2021–2024), com foco nos recursos do audiovisual e na maneira como estes estruturam sua trajetória no enredo. Inserida no universo de *League of Legends*, a série aprofunda narrativas preexistentes ao explorar a relação entre as irmãs órfãs Powder e Violet, sendo a primeira citada o núcleo dramático desta investigação. O problema de pesquisa consiste em compreender de que modo elementos narrativos e visuais – especialmente a cor dos olhos da personagem – atuam como dispositivos de construção de sentido no desenvolvimento da protagonista. Assim, o objetivo geral é analisar como a transformação de Powder em Jinx é construída narrativamente por meio de estratégias do audiovisual, como a composição cromática, a *mise-en-scène* e a progressão do conflito interno da personagem. Parte-se da hipótese de que a mudança da cor dos olhos – do azul ao rosa – não constitui apenas um recurso estético, mas opera como um signo narrativo que acompanha e intensifica a virada dramática da personagem. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com abordagem interpretativa, baseada em revisão bibliográfica dos estudos de roteiro, construção de personagens e teoria das cores, aliada à análise de cenas da série. Os resultados indicam que a construção de Jinx se dá a partir da articulação entre conflito interno e elementos visuais, em que o azul, associado à identidade inicial de Powder, e o rosa, à emergência de Jinx, estruturam visualmente a progressão narrativa. Observa-se ainda que essa transformação não ocorre de forma linear, mas por meio da coexistência tensionada entre diferentes instâncias da personagem, reforçando sua complexidade dramática, abordada por meio do conceito psicanalítico da clivagem do eu. Conclui-se que *Arcane* mobiliza recursos do audiovisual de forma integrada para construir uma personagem cuja subjetividade é narrada não apenas pelo enredo, mas também pela imagem.

Palavras-chave: Narrativa Audiovisual. Construção de Personagem. Cor no Cinema. *Arcane*. Animação.

⁸⁹ Graduanda na Licenciatura em Letras/Inglês pela UNESP/Assis, desenvolve pesquisa em adaptação de clássicos literários para HQ, como bolsista de Iniciação Científica (CNPq/PROPE). Integra grupos de pesquisa nas áreas de literatura, formação do leitor e estudos interartes, com interesse em relações entre literatura, fotografia, cinema e imagem.

ET IN ARCADIA EGO: A RECEPÇÃO DE BRIDESHEAD REVISITED (1981) E MAURICE (1987) COMO CRONOTOPOS DE RE-EXISTÊNCIA QUEER EM SUBCULTURAS DIGITAIS

Paula Maria Laureano⁹⁰

RESUMO

Este estudo netnográfico, de caráter qualitativo, tem como objetivo investigar a recepção de dois produtos midiáticos que representam experiências *queer* ambientadas em universidades de elite inglesas no início do século XX: a série *Brideshead Revisited* (1981), adaptação do romance de Evelyn Waugh e o filme *Maurice* (1987), adaptação da obra literária homônima de E. M. Forster, na subcultura *dark academia* radicada na plataforma *Tumblr*, a partir da Estética da Recepção de Wolfgang Iser. Identifica-se que, dentre as cenas selecionadas para remediação por integrantes de subcultura, prevalecem representações de gestos afetivos e proximidade corporal. Sob o aspecto cromático, predominam tons claros, sobretudo verdes e marrons; quanto à composição, imagens nas quais indivíduos são representados em ângulos indiretos, deslocando-se o foco de suas expressões faciais para aspectos da moda e do ambiente, no qual elementos arquitetônicos clássicos coexistem com elementos naturais de modo a transformar *campi* universitários em *loci amoeni* assemelhando-se à Arcádia neoclássica. Observa-se que a recepção frequentemente emprega a combinação entre um conjunto de mídias audiovisuais e literárias como modo de ampliação de possibilidades semânticas do texto, alçando-as à condição de significados compartilhados em um cânone subcultural e criando zonas de indeterminação que originam o que Iser denomina jogo estético, forma pela qual o leitor cria o texto recepcionado negociando sentidos (Hall, 1995) e transformando-o em experiência. Os objetos estéticos oriundos destes processos podem, contudo, reproduzir hierarquias simbólicas intrínsecas aos códigos pelos quais são constituídos, sobretudo em aspectos raciais. Conclui-se que a representação de existências *queer* em ambientes historicamente distantes é capaz de originar heterotopias nas quais concebem-se modos de existir, sentir e pensar livremente em um ambiente em que a heteronormatividade não é hegemônica. Desta forma, a recodificação do passado imaginado é capaz de promover a re-existência ao atualizar a percepção do presente significada pela memória cultural.

Palavras-chave: Estética da Recepção. Representação. *Queer*. Subcultura digital. Poéticas de resistência.

⁹⁰ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. (PPGCC/UNISO) ORCID.
E-mail: paulamlaureano@gmail.com 0009-0003-8495-226X. Orientada pelo Prof. Dr. Guilherme Augusto Caruso Profeta.

FESTIVAL DO MINUTO CÉSAR LATTES E O MUNDO QUÂNTICO: PROMOÇÃO DO ENGAJAMENTO DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA À PESQUISA CIENTÍFICA

Flávio Gimenes Alvarenga⁹¹
Vitória Isabel Lemos de Mattos⁹²
Laércio Ferracioli⁹³

RESUMO

Este trabalho relata a ação de divulgação científica financiada pelo CNPq e voltada à aproximação entre Universidade, escolas de Educação Básica e sociedade, baseada na trajetória do Físico Paranaense César Lattes como eixo de discussão da Física de Partículas, descoberta do Méson Pi, Raios Cósmicos e desenvolvimento da Ciência Brasileira. A ação foi organizada em quatro etapas: montagem da Exposição *César Lattes e o Mundo Quântico*, itinerância da Exposição por escolas públicas na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia/2025, realização do Festival do Minuto com vídeos produzidos por estudantes das Escolas e implantação de Bolsas de Iniciação Científica Júnior/CNPq aos vencedores do Festival. As três primeiras etapas foram desenvolvidas em 2025, enquanto a etapa de orientação das BIC-Junior dos vencedores está em curso. O enfoque desse relato é na realização do *Festival do Minuto César Lattes e o Mundo Quântico*. O Edital da chamada do Festival convocava os estudantes a transformar temas da Exposição em vídeos curtos, exercitando *síntese, criatividade, pesquisa e comunicação pública da ciência*. Os resultados mostraram a participação de estudantes de três municípios do Espírito Santo: Piúma, ao sul do Estado, São Mateus, ao norte e na Capital, Vitória. A temática principal dos vídeos inscritos foi Cesar Lattes e suas realizações, e foi observado a utilização de recursos de Inteligência Artificial em vários deles. Os vídeos foram avaliados por um júri de Professores de Física e a premiação do Festival foi no Cine Metrôpolis do Campus de Goiabeiras da UFES com participação de Diretores, Professores, Pedagogos, estudantes e alguns pais, tendo forte valor simbólico: estudantes assistiram suas produções projetadas em um cinema de um espaço universitário, cultural e público. Um resultado marcante dessa iniciativa foi a forte adesão de meninas, aspecto relevante para promover a participação feminina em áreas científicas historicamente marcadas por desigualdades de gênero: do total de 123 inscritos, 82 foram meninas ou 67% dos inscritos. Além do fato que 14 dos 16 vencedores da BIC-Junior foram meninas que estão sendo orientadas em temas de Física abordados na Exposição. Ações dessa natureza mostram a importância da promoção da ciência no contexto da Educação Básica.

Palavras-chave: César Lattes. Divulgação Científica. Festival de Vídeos. Educação Básica.

⁹¹ Possui Doutorado em Física pela Universidade Federal Fluminense (2000). Atualmente é professor Associado IV da UFES. Tem experiência na área de Cosmologia; e na área de Ensino de Física com trabalhos de inserção da Física Contemporânea no Ensino Médio. Docente do Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física.

⁹² Possui ensino médio pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (2022). Graduanda em Física na Universidade Federal do Espírito Santo e Bolsista de Iniciação Científica CNPq na área de Ensino de Física.

⁹³ Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de Física UFES/SBF. Membro do Comitê POP Ciência MCTI e Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq em Divulgação Científica.

GESTOS FABULATIVOS DA NEGRITUDE A PARTIR DO FILME *MORDE & ASSOPRA* (2020)

Bruno Penedo⁹⁴

RESUMO

Os cinemas negros tem possibilitado o tensionando de regimes de visibilidade hegemônica, possibilitando a emergência de uma cadeia cinematográfica que inauguram narrativas da negritude em sonoridades e imagens em movimento. A problemática emerge da precariedade da autonomia de pessoas negras contarem e criarem suas próprias histórias e vivências. Diante desse contexto, este presente trabalho tem como objetivo analisar o filme *Morde & Assopra* (2020) de Stanley Albano como possibilidade de articular táticas de fabulação e imaginação radical e de questionar paradigmas sobre a colonialidade. O filme mobiliza questões sobre as relações de imposição de poder, hierarquias perpetuadas na sociedade brasileira, racismo e sistemas de invisibilidades da cultura negra através da performance negra cuir, além de incorporar possibilidades de imaginação e celebração da negritude. Como metodologia utilizou-se a análise fílmica, onde buscou-se a descrição e a interpretação tanto interna e externa do filme segundo Francis Vanoye, Anne Goliot-Lété e Manuela Penafria. Sua articulação se deu com os estudos de(s)coloniais e ao conceito de fabulação crítica de Saidiya Hartman. Desse processo emergiram duas temáticas: a denúncia crítica do racismo e a mudança radical de paradigma. Os resultados apontam para a compreensão de gestos de fabulação crítica e do deboche como estratégias de denunciar apagamentos e a invisibilidade da população negra no campo do cinema, das artes e das relações sociais. Somando a isso, destaca-se a proposição fabulativa de incorporar e reposicionar signos da cultura afro-brasileira como forma de reparação racial. Esses gestos criativos inauguram possibilidades narrativas que ampliam o repertório social e cultural da negritude, assim como contribui para efetivação de práticas antirracistas no campo do cinema e da comunicação.

Palavras-chave: Cinema negro; Antirracismo; Audiovisual negro; Fabulação crítica.

⁹⁴ Mestre em educação, cultura e comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Doutorando em educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

LET'S GONNA MAKE AMÉRICA SUPER AGAIN: CAPITÃO-PÁTRIA E A DESCONSTRUÇÃO DO SUPER-HERÓI ESTADUNIDENSE NO SERIADO THE BOYS (2019-2025)

Emmanuel Correia⁹⁵

RESUMO

O presente trabalho propõe desenvolver uma análise sobre o personagem Capitão-Pátria (Homelander), protagonista do seriado *The Boys* (2019-2026). Os super-heróis na mídia estadunidense são representados, segundo Kellner (2001), Xavier (2014) e Morin (2002), exercendo a função de símbolos que representam e celebram as crenças dos Estados Unidos, buscando criar uma ligação com o público, que deve acreditar nos preceitos defendidos pelos personagens. Seja nos quadrinhos, nos seriados televisivos ou no cinema, os super-heróis eram representados defendendo os valores da sua nação e do mundo frente a ameaças externas, exemplificadas por países orientais⁹⁶ ou por seres de outras dimensões e universos. Entretanto, busca-se tratar sobre o rompimento dessa “narrativa” por meio do Capitão-Pátria, destacando que o personagem não defende os fracos e oprimidos, mas grupos conservadores e conglomerados empresariais. Neste contexto, para a análise do referido personagem, utiliza-se a metodologia da História Social do Cinema, na qual, segundo Valim (2013), em uma obra audiovisual são visualizados fatores relacionados à narrativa e ao cenário político e cultural do período em que foi lançada. Dentre os elementos analisados, cabe destacar a frase “Let’s gonna make América super again”, proferida pelo personagem e que aponta um desejo de tornar os Estados Unidos fortes novamente, utilizando valores conservadores para alcançar tal objetivo. A análise do personagem e dos elementos citados possibilita considerá-lo uma consequência das mudanças políticas e culturais dos Estados Unidos de Donald Trump, servindo para expor os perigos dos ideais defendidos por essa figura política.

Palavras-chave: Super heróis. Capitão-Pátria. Extrema direita. Estados Unidos.

⁹⁵ Doutorando em História pelo Programa de Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1378-2964>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3819139760304101>. E-mail: emmanuelcorreia03@gmail.com.

⁹⁶ Caso dos vilões soviéticos no período da Guerra Fria, que se fizeram presentes em narrativas, como, por exemplo, nos quadrinhos do Capitão América.

METAMORFOSE E CONTEMPORANEIDADE NAS ADAPTAÇÕES CINEMATOGRAFICAS DE *A BELA E O MONSTRO*

Luís Miguel Oliveira de Barros Cardoso⁹⁷
Teresa de **Lurdes** Frutuoso Mendes⁹⁸

RESUMO

As relações intersemióticas entre Literatura e Cinema modelam os estudos de Literatura Comparada e de Estudos Fílmicos, desde a alvorada da Sétima Arte, com as primeiras adaptações cinematográficas da literatura infantojuvenil realizadas por Georges Méliès. O problema de pesquisa centra-se nas metamorfoses estéticas e éticas das adaptações do texto narrativo, original de Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont, em diferentes adaptações, revelando as intenções do realizador e a conjugação com o contexto social e artístico que enforma a obra de arte. O principal objetivo é analisar as adaptações de *A Bela e o Monstro* realizadas em 1991 (Gary Trousdale e Kirk Wise) e 2017 (Bill Condon), identificando as metamorfoses intersemióticas, narrativas e sociológicas que foram introduzidas nas narrativas fílmicas. Em termos metodológicos, a análise comparativa (de conteúdo) esteve centrada nos processos de análise narratológica de Barthes, Stam *et alii*, de acordo com as categorias da narrativa (personagens, espaço, tempo, ação e narrador), incidindo na construção narrativa literária e fílmica, bem como nas opções estéticas e éticas no processo de adaptação. A análise permite demonstrar que as versões cinematográficas de 1991 e de 2017 revelam diversas transformações que resultam de dois fatores: opções cinematográficas, incluindo política de estúdio, e transposição da narrativa original para um enquadramento social e ético marcado pelo contexto histórico e pelas dimensões sociais da contemporaneidade que têm vindo a marcar as mais recentes produções dos estúdios da Disney. Os resultados obtidos demonstram ainda que os textos fílmicos se encontram estruturalmente ligados ao texto literário matriz, principalmente a versão de 2017, mas que incluem mudanças marcadamente sociológicas, como objetos e personagens interpretadas por atores negros e uma ambiguidade de orientação na definição da personagem principal e do seu criado, o que constitui uma inovação introduzida pelo realizador. Estas adaptações confirmam que as relações entre a Literatura e o Cinema continuam plenamente atuais, confirmadas pelo fluxo contínuo de filmes inspirados em narrativas literárias, mas que não deixaram de incluir novas opções estéticas, éticas e sociológicas, acompanhando a evolução dos tempos e da sociedade em geral, nomeadamente a norte-americana. A criação cinematográfica torna-se, assim, objeto de reescrita narrativa, (re)criação estética, renovação ideológica, o que também se concilia com a conexão estabelecida com o público, as suas expectativas, desejos e autorreconhecimento identificativo no Cinema.

Palavras-chave: Literatura e Cinema. Adaptações. Narrativa. *A Bela e o Monstro*.

⁹⁷ Doutorado em Línguas e Literaturas Modernas (Literatura e Cinema) pela Universidade de Coimbra, Portugal. Professor na Universidade Politécnica de Portalegre (Portugal) e investigador no CARE - UPP e no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.

⁹⁸ Doutorada em Estudos Literários pela Universidade de Lisboa, Portugal. Professora na Universidade Politécnica de Portalegre (Portugal) e investigadora no CARE - UPP e no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa.

MISE EN ABYME COMO PROCEDIMENTO FORMAL EM NARRATIVAS LÉSBICAS DE CINEMA E LITERATURA

Monalisa Almeida Cesetti Gomyde⁹⁹

RESUMO

[Nesta comunicação, pretendo traçar um panorama da ocorrência do procedimento formal *mise en abyme* (Bal, 1994; Dallenbach, 1991) nas duas narrativas lésbicas que estudo comparativamente na minha pesquisa de doutorado: *A Última Filha* (2022), romance de estréia da escritora franco-argelina Fatima Daas; e *Watermelon Woman* (1997), longa-metragem escrito e dirigido por Cheryl Dunye, que também atua no papel de protagonista. Tal aproximação incipiente visa entender as similaridades e diferenças no emprego da narrativa abismal em cinema e literatura, considerando, sobretudo, como são apresentadas as digressões e incursões na narrativa em abismo que emula o processo narrativo geral da obra. Além disso, busco traçar as primeiras hipóteses acerca da função simultaneamente estética e identitária do uso do *mise en abyme* em narrativas que buscam explicitamente atingir uma significação lésbica dentro um gênero que classifico provisoriamente como autoficcional. O objetivo é compreender como a ontogênese lésbica racializada das autoras é formalmente mobilizada nas obras para além de uma mera representação que não opera deslocamentos estruturais, partindo do pressuposto de que há um estranhamento intrínseco entre as autoras e os gêneros e formas da tradição branca, masculina e heterossexual ocidental. Este pressuposto segue a reflexão de Candido (1960), acerca do choque entre o dado local de autores brasileiros frente aos moldes da tradição europeia, causando um dilaceramento autoral propício à elaboração de inovações formais. Concluirei com especial atenção às problemáticas do uso do *mise en abyme* em um cinema autoficcional, que demandaria uma série de procedimentos específicos ao cinema, como o papel de direção de câmera e do desvelamento do dispositivo de forma simultânea com a sua aparição dentro da diegese.

Palavras-chave: Mise en Abyme. Narrativas Lésbicas. Cheryl Dunye. Fatima Daas.

⁹⁹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (UNESP -FCLar), mestra em Política de las Mujeres (Universidad de Barcelona), mestra em Estudos Literários (UFSCAr), bacharela em Estudos Literários (UNICAMP). Bolsista FAPESP.

NARRATIVAS EM DISPUTA: ESPECTATORIALIDADE QUEER E AS REDES SOCIAIS

Amanda Victoria Decothé da S. Ferreira¹⁰⁰

RESUMO

O cinema queer, apesar de diverso e dificilmente definido, tem como principal característica a relação de reconhecimento e identificação entre obra e espectador. Por isso, narrativas que não adotam elementos e personagens queer, muitas vezes são acolhidas por esse público como parte de sua cadeia de símbolos e significados culturais, isso nos leva a entender a espetatorialidade queer como baseada principalmente nos regimes de identificação. Durante a década de 2020, a experiência de espetatorialidade do audiovisual tem se estendido do cinema para as plataformas de redes sociais digitais. Hoje o fenômeno dos *edits*, ou seja vídeo montagens de até um minuto que utilizam cenas de filmes e séries de TV, vem sendo observado não apenas como parte dessa experiência de espetatorialidade, como também uma forma do espectador se apropriar das narrativas apresentadas no cinema e TV, construindo a uma interpretação própria a partir da sua subjetividade. Levando tais aspectos em consideração, é possível perguntar: Que papel as redes sociais digitais assumem na construção da espetatorialidade queer no mundo contemporâneo? Neste trabalho proponho analisar a produção de novas mídias, para as redes sociais digitais, a partir de obras cinematográficas como um modo de espetatorialidade engajada, onde o espectador assume o papel de materializar o próprio olhar e experiência, transformando a obra original em um novo produto. A partir dessa análise, o principal objetivo será observar de que maneira esses vídeos podem gerar reconhecimento e identificação entre mídia e vivências queer, ocasionando até mesmo, disputas sobre a narrativa do filme. Para a metodologia foi selecionado uma obra específica, o filme *Close* (2022), dirigido por Lukas Dhont, que conta a história da amizade entre dois meninos, que é interrompida pelas expectativas e embates impulsionados pelos padrões da masculinidade hegemônica. Durante a análise serão propostas categorias de análise de conteúdo, como “afetos mobilizados”, “regimes de identificação” e “circulação do estranho”. Para isso serão utilizados autores como Henry Jenkins (2022) e Richard Grusin juntamente com a análise fenomenológica de Vivian Sobchack em “*The address of the eye*” (1992) a respeito de uma espetatorialidade corporificada.

Palavras-chave: Espetatorialidade. Cinema Queer. Redes Sociais Digitais. Mediação. Edits.

¹⁰⁰ Historiadora e crítica de cinema, mestre em Cinema e Audiovisual pelo PPGCine-UFF, atualmente Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ na linha de pesquisa, Tecnologias de Comunicação e Cultura.

NOTAS SOBRE ALTERIDADE E REPRESENTAÇÃO DE MIGRANTES NO CINEMA DE HORROR CONTEMPORÂNEO

Ícaro Ricarte¹⁰¹

RESUMO

O presente trabalho investiga a consolidação de um subgênero contemporâneo do cinema de horror que desloca o foco narrativo para a experiência migrante, enfatizando vulnerabilidades sociais, conflitos institucionais e processos de despossessão associados às migrações transnacionais. O problema de pesquisa questiona de que maneira filmes de horror recentes ressignificam a figura do migrante e deslocam o horror do “outro” monstruoso para estruturas sociais de exclusão e hostilidade. O objetivo geral consiste em cartografar os principais eixos temáticos e estéticos presentes nessas produções, articulando-os a debates teóricos sobre alteridade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e analítico, fundamentada em revisão bibliográfica e análise fílmica de obras produzidas entre 2015 e 2025, entre elas *Savageland* (2015), *Atlantique* (2019), *O Que Ficou Para Trás* (2020), *Ninguém Sai Vivo* (2021), *A Babá* (2022), *Lenda Maldita* (2022) e *Family Home* (2023). O referencial teórico mobiliza contribuições de Stuart Hall (2016) com o conceito de representação; Abdelmalek Sayad (1998) para estudos de alteridade; Alice Haylett Bryan (2021), a partir das noções derridianas de hospitalidade e hostilidade; e Orquídea Morales (2018), no debate sobre horror latino e transnacionalidade. Os resultados apontam que esse conjunto de filmes promove uma inversão das convenções tradicionais do gênero ao transformar o migrante de ameaça em protagonista da experiência do horror, frequentemente associada a políticas migratórias violentas, precarização social e xenofobia. Identificam-se como temas recorrentes a casa como espaço ambivalente de acolhimento e violência, a espectralidade vinculada à culpa do sobrevivente, o corpo migrante como território de inscrição de múltiplas violências e o questionamento das fronteiras simbólicas entre hóspede e inimigo. Conclui-se que o horror sobre migração constitui um campo cinematográfico e acadêmico em expansão, relevante para refletir sobre estética, política e recepção no cinema contemporâneo.

Palavras-chave: Horror. Cinema. Migração. Alteridade.

¹⁰¹ Mestrando em Comunicação pelo PPGCOM/UFPE e bacharel em Rádio, TV e Internet pela UFPE.

O NOME QUE NÃO SE DIZ: AUTOCENSURA E MEMÓRIA EM *O AGENTE SECRETO*

Italo Cosme Costa Santos¹⁰²

Beatriz Lizaviêta Vasconcelos Viana¹⁰³

RESUMO

O presente trabalho analisa *O Agente Secreto* (Kleber Mendonça Filho, 2025), filme que narra a perseguição de Armando, pesquisador universitário nordestino, por um empresário operador da ditadura empresarial-militar. Embora o título e a campanha de marketing evoquem o imaginário dos filmes de espionagem, trata-se não de um filme de denúncia convencional, mas de uma investigação sobre os mecanismos cotidianos do autoritarismo. Nesse sentido, o foco narrativo recai não sobre a violência ostensiva, como torturas, fardas e coturnos, mas sobre o fardo administrativo que sustenta e perpetua o regime: o carimbo, o protocolo, o expediente. Para tanto, a direção recorre a um recurso espacial preciso: o quadro do presidente Ernesto Geisel afixado nas repartições públicas. Longe de ser mero elemento de época, o retrato opera como um Panóptico (FOUCAULT, 1987), isto é, um dispositivo de vigilância que dispensa a presença física do poder para exercê-lo de forma contínua. Seja quando relegado ao segundo plano, sugerindo que o autoritarismo já se naturalizou como mobiliária, seja quando imposto em primeiro plano, evidenciando o peso da autoridade institucionalizada, o quadro demonstra que a opressão não precisa ser barulhenta quando já é, ela mesma, a norma do ambiente. Além disso, o roteiro opera outra camada de controle ao recusar sistematicamente o uso da palavra “ditadura”. Essa ausência, contudo, não é casual; ao contrário, encena a autocensura em tempo real. Como observa Pollak (1989), em contextos autoritários as memórias subterrâneas sobrevivem precisamente nessa zona de silêncio compulsório, visto que nomear já configura um ato de risco. De igual modo, a histeria em torno da Perna Cabeluda no Recife ilustra esse mecanismo com precisão: uma vez que o inominado não pode circular livremente, disfarça-se em eufemismo para escapar da repressão.

Busca-se, assim, discutir como *O Agente Secreto* articula mise-en-scène e roteiro para revelar que a violência autoritária mais duradoura não habita a câmara de tortura, mas o funcionário que bate o carimbo sob o retrato de Geisel, sem pensar, apenas obedecendo, operando o que Arendt (1999) nomeou como banalidade do mal.

Palavras-chave: Cinema Brasileiro. Ditadura. Banalidade do Mal. Panóptico. Autocensura.

¹⁰² Graduado em Cinema e Audiovisual pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Pós-graduando em Direito Constitucional Aplicado. Atua como Técnico Audiovisual na Universidade Federal do Ceará (UFC) e é membro suplente da Comissão de Cultura e Arte da UFC.

¹⁰³ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM UFC) e graduada em Cinema e Audiovisual pela mesma instituição.

O PRINCÍPIO ESPERANÇA DE ERNST BLOCH NA SÉRIE “ANDOR”: O MANIFESTO DE KARIS NEMIK

Maria Fernanda Silva dos Santos¹⁰⁴

Felipe Benício de Lima¹⁰⁵

RESUMO

O presente trabalho está inserido no campo dos Estudos Críticos da Utopia e tem como objeto de estudo a série televisiva de ficção científica *Andor*, criada por Tony Gilroy para o serviço de *streaming Disney+* e exibida entre 2022 e 2025. Com uma abordagem qualitativa e por meio da análise de sua linguagem audiovisual, o trabalho consiste em investigar de que modo uma contranarrativa de resistência é construída na série, a partir de um horizonte utópico de esperança em meio à sua realidade distópica. Partindo do pressuposto de que a obra se apropria de elementos da distopia crítica, descrita por Tom Moylan (2016) e Raffaella Baccolini (2000) como ficções distópicas que preservam impulsos utópicos, o objetivo geral é compreender como fissuras que dão espaço à resistência contra a tirania imperial são representadas na narrativa. Dessa forma, foi selecionado o manifesto do jovem rebelde Karis Nemik, devido ao seu potencial de investigação da esperança utópica, visto que o personagem mobiliza afetos, desperta consciências e delinea as potencialidades de organização coletiva diante da força opressiva do Império. Ao analisar criticamente processos históricos e falhas do presente que exigem mudança e, com isso, projetar alternativas, é possível observar que a base da luta rebelde está estreitamente ligada ao Princípio Esperança de que fala Ernst Bloch (2005), que o caracteriza como um afeto expectante inerente ao sujeito humano e que orienta a busca pela utopia no horizonte de cada realidade.

Palavras-chave: Distopia Crítica. Princípio Esperança. Ernst Bloch. Utopia. Andor.

¹⁰⁴ Mestranda em Estudos Literários (PPGLL-UFAL) e graduada em Letras/Inglês (FALE-UFAL). Membro do grupo de pesquisa Literatura e Utopia.

¹⁰⁵ Orientador do trabalho e professor do curso de Letras-Inglês da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas. Possui doutorado e mestrado em Estudos Literários (PPGLL-UFAL) e é graduado em Letras/Inglês (FALE-UFAL). Integra o grupo de pesquisa Literatura Utopia.

PRODUÇÕES ANIMADAS POR MULHERES NO NORDESTE BRASILEIRO

Heloisa de Oliveira Prado¹⁰⁶
Elisangela Lobo Schirigatti¹⁰⁷

RESUMO

Os pólos produtivos de animação no Brasil são vários e dispersos, indo além do eixo Rio-São Paulo, o que dificulta o registro e a construção da história da animação nacional em outras regiões do país. O artigo em questão visa a identificação e caracterização das produções de obras animadas advindas do nordeste brasileiro contribuindo com o entendimento do contexto e da trajetória nesses locais. A pesquisa qualitativa teve o âmbito exploratório e descritivo, considerando as animações exibidas em festivais e mostras de animação realizadas no ano de 2023 e que foram animadas por mulheres. Os dados foram extraídos do volume II do Catálogo ABRALA (2026), Registro e divulgação da produção da animação brasileira e latino-americana, projeto de pesquisa da UTFPR, que é apoiado pela Associação Brasileira de Cinema de Animação (ABCA) e Red Sur a Sur - Red Latinoamericana de Estudios en Animación. A abrangência da coleta de dados envolveu 12 festivais e mostras de animação: ANIMARTE! - Festival Internacional de Animação Estudantil do Brasil, ANIMAGE - Festival Internacional de Animação de Pernambuco, ANIMATIBA - Festival Internacional de Animação de Curitiba, AnimaVerso Festival, Baixada Animada - Mostra Ibero-Americana de Cinema de Animação, CINEFORTE - Mostra Audiovisual de Cabedelo-PB, Dia Internacional da Animação, FCCJ - Festival Curta Campos do Jordão, Festival ComKids Brasil/ Festival Comkids Prix/ Jeunesse Iberoamericano, Festival, SACI - Semana de Animação e Cinema, Mostra de Cinema Infantil de Florianópolis e MUMIA - Mostra Udigrudi Mundial de Animação. No total, foram identificadas 08 obras de animação produzidas por mulheres: “Ciranda Feiticeira”, “Era uma noite de São João”, “Jussara”, “Era uma vez em Icapuí”, “Eternidade”, “Minha Primeira Memória”, “Aquarelando” e “Quintal”. Após a análise interpretativa, observou-se temáticas com preferência em tratativas culturais, com destaque para os festejos populares nordestinos, visando a preservação dos mesmos. Além dos hábitos do dia a dia e desafios psicossociais enfrentados pelos personagens, as obras ressaltam as belezas cênicas locais, comidas típicas e artesanatos.

Palavras-chave: Núcleo de Design de Animação. ABRALA. Animação Experimental.

¹⁰⁶ Graduanda em Design na Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Voluntária de Iniciação Científica do projeto de pesquisa ABRALA, Registro e divulgação da produção da animação brasileira e latino-americana.

¹⁰⁷ Profa. Dra Elisangela Lobo Schirigatti é designer e docente do Departamento Acadêmico de Desenho Industrial da Universidade Tecnológica Federal do Paraná em Curitiba/PR. É fundadora e coordenadora do Núcleo de Design de Animação da UTFPR e do Encontro Nacional de Animação Experimental - ExperimentAnima.

QUANDO AS VOZES INDÍGENAS SE ENCONTRAM: PADRÕES DE REPRESENTAÇÃO MUSICAL EM ANIMAÇÕES DA TURMA DA MÔNICA E DISNEY

Julie Ane Melhado Lemes¹⁰⁸

RESUMO

O filme de animação *Turma da Mônica em Uma aventura no tempo* (2007), de Mauricio de Sousa, narra as aventuras dos personagens Mônica, Magali, Cascão e Cebolinha em quatro períodos históricos. Nesse contexto, Cascão é enviado por uma máquina do tempo para o século XVII, ambientado numa aldeia em meio a um conflito entre a turma do personagem indígena Papa-capim e um colonizador bandeirante. A trilha sonora deste universo narrativo consiste em músicas instrumentais com uso predominante de tambores, e uma canção, “Triste floresta”, composta por coral, tambores e uma base harmônica de cordas sintetizadas/pads. O uso de tambores para representação de povos nativos foi um procedimento amplamente difundido entre os anos 1910 e 1950, tanto no cinema *live-action*, conforme documentado por Gorbman (2000), Pisani (2005) e Deloria (2004), quanto na animação, segundo Daniel Goldmark (2005, p. 87). Porém, percebe-se que a canção “Triste floresta” se afasta dessa convenção musical na medida em que se aproxima de canções presentes em duas animações dos estúdios Disney associadas a outros povos originários, a saber: “Steady as the beating drum”, de *Pocahontas* (1995), que traz os indígenas norte-americanos; e “Transformation”, de *Irmão Urso* (2003), que representa povos Inuit. Em face a essa perspectiva, através de uma abordagem qualitativa documental iconográfica (Godoy, 1995), propõe-se investigar a identidade musical da cultura indígena em *Turma da Mônica em Uma aventura no tempo* a fim de verificar de que modo a recorrência de determinadas texturas instrumentais nos filmes de animação (Disney e Mauricio de Sousa) contribui para a construção de um estereótipo musical dos povos originários. Com base na análise de Janice Tulk (2010), verifica-se que as convenções musicais no filme de Mauricio de Sousa convergem com as de *Pocahontas* e *Irmão Urso*, sugerindo a emergência de um estilo composicional que pode ser situado entre as novas soluções musicais para a representação dos povos nativos explicitados por Gorbman (2000, p. 244), e apontam para o tratamento homogeneizado dos procedimentos musicais.

Palavras-chave: Animação brasileira. Música indígena. Disney.

¹⁰⁸ Julie Ane Melhado Lemes é bacharel em Música pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), pós-graduada em Direção de Arte e Processos Criativos pela mesma instituição, e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Música da UNESPAR, sob a orientação do Prof. Dr. Joêzer Mendonça. Sua pesquisa tem foco na trilha sonora de animações brasileiras.

ROTA HOLLYWOOD-BOLLYWOOD: TRADUZINDO A CULTURA ATRAVÉS DO CINEMA

Luísa Anício Andrade de Oliveira¹⁰⁹

RESUMO

Produzindo um grande número de filmes anualmente, a indústria cinematográfica indiana de língua hindi, comumente denominada Bollywood, é um dos maiores polos audiovisuais do mundo. Desde seu início até os dias atuais, Bollywood atravessa dois séculos diferentes. Dentro de um período de tempo tão extenso, é possível encontrar uma incrível variedade de versões e adaptações de material originado em outras indústrias, especialmente de filmes de Hollywood. Esta pesquisa pretende compreender o processo de tradução de um filme de uma cultura cinematográfica para outra visando comparar e discernir as alteridades culturais e técnicas entre essas duas indústrias por meio de uma revisão bibliográfica e da análise de quatro casos específicos de refilmagens Bollywoodianas de produções de Hollywood. Os critérios de seleção abrangentes para a seleção inicial da filmografia foram a disponibilidade, o sucesso de bilheteria individual de cada filme e a proeminência do elenco em seu período de produção: desde sua implementação até hoje, Bollywood possui uma forte cultura de “mega-estrelas” similar ao *star-system* da antiga Hollywood, onde o nome dos atores é utilizado como o principal atrativo para o público e influencia o nível de distribuição do filme (Rai, 2023). Portanto, os filmes selecionados tiveram uma arrecadação considerável ao lançamento, e são protagonizados por grandes nomes do meio: *Chori Chori* (1956, dir. Anant Thakur), uma refilmagem de *Aconteceu Naquela Noite* (1934, dir. Frank Capra); *Sholay* (1975, dir. Ramesh Sippy), uma amálgama de *Sete Homens e Um Destino* (1960, dir. John Sturges) e três filmes de Sergio Leone, *Por uns Dólares a Mais* (1965), *Três Homens em Conflito* (1966), e *Era Uma Vez no Oeste* (1968); *Ghajini* (2008, dir. A.R. Murugadoss), uma adaptação de *Amnésia* (2000, dir. Christopher Nolan); e por fim, *Laal Singh Chaddha* (2022, dir. Advait Chandan), refilmagem de *Forrest Gump* (1994, dir. Robert Zemeckis). Com isso, busca-se ampliar a compreensão sobre o processo que pode ser chamado de “indianização”, além de identificar possíveis nichos criativos presentes em seu desenvolvimento.

Palavras-chave: Cinema mundial. Adaptação. Linguagem audiovisual.

¹⁰⁹ Graduada do curso de Licenciatura em Cinema e Audiovisual; Universidade Federal Fluminense (UFF); Niterói - Rio de Janeiro.

SEXUALIDADE E LUTA DE CLASSES EM PRIDE (2014): CONVERGÊNCIAS E PERSPECTIVAS

Levi Correia de Sousa de Almeida Lima¹¹⁰

RESUMO

Este trabalho investiga a interseccionalidade entre sexualidade e luta de classes a partir da análise do filme *Pride* (2014), que retrata a aliança histórica entre o grupo *Lesbians and Gays Support the Miners* (LGSM) e as comunidades mineiras britânicas durante a greve de 1984-1985. O problema de pesquisa centra-se em como a obra articula essa convergência de lutas como uma manifestação prática de apoio mútuo frente às políticas neoliberais do governo de Margaret Thatcher. O objetivo geral é analisar o cinema como um dispositivo político de resistência, inserido no debate entre Letras, Arte e Sociedade, capaz de interpretar e desvelar ideologias. Metodologicamente, o trabalho fundamenta-se na análise fílmica qualitativa e nos estudos interartes, decompondo elementos da linguagem cinematográfica, como a trilha sonora e a montagem para compreender o cinema como uma linguagem híbrida que constrói sentidos sociais e históricos. A fundamentação teórica ancora-se na tradição libertária, mobilizando conceitos como apoio mútuo, ação direta e horizontalidade, além da perspectiva anarcofeminista para discutir as fraturas de gênero e a invisibilidade lésbica. As hipóteses sugerem que a solidariedade orgânica entre grupos marginalizados desafiou as hierarquias do Estado e do capital por meio da auto-organização. Os resultados indicam que a coalizão retratada não foi apenas um ato de caridade, mas uma estratégia de sobrevivência que promoveu transformações subjetivas e políticas duradouras, culminando na inclusão dos direitos LGBTQIAPN+ na agenda do movimento sindical. Conclui-se que o filme, ao ser analisado sob a ótica das Letras e das Artes, atua como um arquivo vivo de memória e um potente instrumento de debate social, reafirmando a coalizão interseccional como ferramenta de transformação e resistência contra a neutralidade das imagens no mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Cine-Fórum UEMS. Cinema e Política. Luta de Classes. Apoio Mútuo. Interseccionalidade.

¹¹⁰ Levi Correia de Sousa de Almeida Lima é mestrando em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e pesquisador das relações entre cinema, política e sexualidade. Atua como professor e desenvolvedor de materiais educacionais focados na aquisição natural de idiomas para o público adulto.

TEORIA DE CINEASTAS E A REAÇÃO EM *TINTA BRUTA* (2018): UMA DISCUSSÃO SOBRE POLÍTICAS QUEER

João Paulo Wandscheer¹¹¹
Miriam de Souza Rossini¹¹²

RESUMO

Este trabalho consiste em uma continuidade de uma pesquisa que relaciona o cinema queer e o pensamento dos diretores Marcio Reolon e Filipe Matzembacher acerca do longa-metragem *Tinta Bruta* (2018). Neste estudo, expandiremos discussões que já realizamos sobre a reação do protagonista Pedro perante a perseguição que ele sofria na faculdade – e que possuía motivações homofóbicas. Esgotado, o personagem cega o olho de um antigo colega com um soco, tendo de responder a um processo judicial. Partimos da *Teoria de Cineastas*, a qual possuí, segundo Graça, Baggio e Penafria (2015, p. 21), o intuito de elaborar teorias na área acadêmica através de um estudo sistemático do “pensamento artístico de cineastas”, dando atenção, em especial, a processos criativos. Neste texto, utilizaremos depoimentos dos diretores, concedidos à revista de crítica independente *Zinematógrafo*, em uma entrevista publicada na edição de janeiro de 2019 e conduzida por Leonardo Bomfim, Juliana Costa e Pedro Henrique Gomes. Em suas respostas, os cineastas mencionam que o caráter reativo do protagonista Pedro está ligado ao *impeachment* que retirou Dilma Rousseff da presidência em 2016: uma violência que os atravessou e impactou a escrita do filme. Os relatos dos cineastas nos permitem afirmar que a reação vem a ser uma forma de o cinema queer colocar em tensão normas sociais e preconceitos: seja por meio da reação dos próprios diretores a conflitos políticos que vêm marcando o Brasil, seja através das reações de um personagem. Os diretores revelam pensar politicamente desde o início dos seus processos de criação, mas ressaltam que não pretendiam elaborar, por exemplo, diálogos que contivessem ofensas homofóbicas. Os cineastas mencionam que dedicar muito tempo de tela a atos explícitos de homofobia pode ser, por vezes, bastante agressivo. Ao mesmo tempo, descrevem Pedro como um personagem que é violentado e que violenta. Ou seja, *Tinta Bruta* busca outra perspectiva sobre a agressividade, direcionando-a mais diretamente a opressões e regulações sociais – e não àqueles que são alvo de tais violências. Aspecto este que nos levará a refletir sobre o ponto de vista relacionado tanto aos acontecimentos do filme quanto aos tensionamentos políticos que ele provoca.

Palavras-chave: Teoria de Cineastas. Cinema queer. Política.

¹¹¹ Doutorando em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e bolsista Capes. Desenvolve atualmente uma pesquisa sobre cinema queer brasileiro e natureza. É também diretor, roteirista e ator.

¹¹² Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), atuando junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e ao Departamento de Comunicação (Decom). Coordenadora ARTIS – GP em Estética e Processos Audiovisuais. Equipe editorial REBECA – Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual - Socine.

TRUE CRIME: UM ESTUDO DAS PRODUÇÕES DA NETFLIX

Gabriel Bhering¹¹³
Mariana Almeida e Silva¹¹⁴
Iluska Coutinho¹¹⁵

RESUMO

O presente artigo investiga o *true crime* brasileiro como forma cultural no audiovisual contemporâneo, a partir do mapeamento de produções disponíveis na plataforma Netflix e da análise das categorias de crimes nelas representadas. O problema de pesquisa consiste em compreender de que maneira a seleção temática dos crimes e sua relação com os gêneros narrativos audiovisuais revelam padrões comunicacionais na construção do crime como objeto midiático. O objetivo geral é identificar quais tipos de crimes são mais recorrentes nas produções de *true crime* brasileiro e analisar como esses padrões se relacionam com processos de dramatização, circulação e produção de sentido no audiovisual. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, baseada na construção de um corpus composto por produções nacionais disponíveis na plataforma, organizadas em tabela a partir de critérios como título, ano do caso, ano de lançamento e categoria do crime. Os resultados indicam que a seleção dos casos não ocorre de forma aleatória, concentrando-se principalmente em crimes familiares e íntimos, feminicídios, crimes econômicos e estruturais e acontecimentos de grande repercussão midiática. Observa-se que tais escolhas estão menos relacionadas à gravidade jurídica dos crimes e mais ao seu potencial de mobilização simbólica, identificação social e sustentação de narrativas dramáticas. Verifica-se também que determinadas tipologias criminais tendem a se articular a formatos audiovisuais específicos, evidenciando que a relação entre tema e forma participa diretamente da construção de sentido dessas narrativas. Conclui-se que o mapeamento realizado permite identificar tendências relevantes na organização narrativa do *true crime* brasileiro no streaming audiovisual contemporâneo.

Palavras-chave: *True Crime* Brasileiro. Audiovisual. Narrativa. Série. Documentário.

¹¹³ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM - UFJF), bolsista CAPES.

¹¹⁴ Jornalista e mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora–UFJF. Bolsista CAPES.

¹¹⁵ Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora–UFJF. Orientadora.

ANÁLISE DO FILME *YUME* (SONHOS) DE AKIRA KUROSAWA A PARTIR DE PESQUISAS ACADÊMICAS

Kleber Wilson Bezerra¹¹⁶

RESUMO

O cinema de Akira Kurosawa é amplamente reconhecido pela sua capacidade técnica e pela sensibilidade ao transitar entre a tradição clássica japonesa e as influências narrativas do Ocidente. No entanto, é em *Yume* (Sonhos, 1990) que o realizador atinge o seu expoente máximo de subjetividade, apresentando uma antologia de oito curtas-metragens que funcionam como um testamento espiritual, ético e social. Produzido numa fase tardia da sua carreira, o filme não é apenas uma compilação de visões oníricas, mas um campo de disputa entre a memória cultural e as crises da civilização contemporânea. Este estudo propõe uma análise detalhada da obra, fundamentada nas investigações recentes de Gomes (2023) e Marques (2019), com o objetivo de investigar como o filme articula a tensão entre a preservação da identidade nipônica e os impactos desestruturantes da modernidade. A fundamentação teórica desta análise divide-se em dois eixos complementares. Por um lado, recorre-se a Gomes (2023), que, através da lente da Antropologia Visual, identifica em *Yume* um "documento cultural" essencial. Para este autor, Kurosawa utiliza o ecrã para resgatar a espiritualidade xintoísta e rituais ancestrais que se encontravam sob a ameaça do apagamento histórico devido à ocidentalização acelerada do Japão. Por outro lado, a investigação de Marques (2019) oferece o suporte sociológico necessário para compreender a "realidade mágica" da obra. Marques argumenta que as visões oníricas de Kurosawa servem como uma denúncia contundente dos horrores da era técnica, abordando temas como a devastação nuclear, a falência do capitalismo predatório e a degradação ambiental. Desta forma, ao cruzar a perspectiva antropológica da preservação com a leitura sociológica da crítica à modernidade, este estudo pretende demonstrar que *Yume* transcende a esfera do fantástico. A obra revela-se um manifesto urgente sobre a necessidade de equilíbrio entre o progresso e a tradição, sugerindo que a sobrevivência da humanidade depende da reconciliação do homem com a natureza e com a sua própria herança simbólica.

Palavras-chave: Yume. Sonhos. Akira Kurosawa. Cinema.

¹¹⁶ Graduado em Pedagogia pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo – UNIVESP. Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá – UNESA

ARTE, CORPO E PERFORMANCE

ENTRE CORPO E CENA: ARTE DE VAGÃO COMO PERFORMANCE-INTERVENÇÃO

Melissa Gava Payer¹¹⁷
Jimena de Garay Hernández¹¹⁸

RESUMO

O objetivo do trabalho é cartografar processos de subjetivação de artistas de vagão que se apresentam nos trens da área metropolitana do Rio de Janeiro. Os objetivos específicos são: conhecer como as experiências dos artistas se relacionam com a arte e seus territórios; investigar como os marcadores sociais de diferença produzem territórios existenciais na interface arte e periferia; conhecer circunstâncias nas quais a arte é acionada como movimento de singularização diante da marginalização produzida pelo sistema capitalista em territórios periféricos. Nossa pesquisa é qualitativa, de método cartográfico, com a realização de entrevistas e observações de performances e os efeitos que elas suscitam registradas em diários de campo. Nossa análise, a partir das observações e entrevistas, nos ajuda a entender a arte de vagão como um tipo de performance que gera intervenções nos territórios físicos e existenciais das pessoas que as protagonizam e nas espectadoras, de modo a revelar dinâmicas sociais de relacionamento e interferir na forma com que os corpos ocupam o espaço urbano. Nos resultados apurados refletimos questões ligadas a vergonha dos passageiros diante de intervenções artísticas inesperadas, a indiferença diante da presença desses artistas, bem como os atravessamentos de gênero e raça associados ao processo. Entendemos que o que surge no campo está em constante movimento, e ao considerar os processos de subjetivação, pensamos que a arte de vagão atua na interface arte e subjetividade ao produzir intervenções criativas que criam certa inscrição expressiva, política e cultural afetada por uma outra maneira corporal de ocupar a cidade. Em uma arte que se improvisa no encontro cotidiano, não há tempo de ensaiar, e, por isso, a afetação é imediata, seja através do incômodo ou do prazer. Enquanto uma performance que intervém, o público passa a ser incluído na cena, mesmo que tente se manter indiferente.

Palavras-chave: Performance. Corpo. Subjetividade.

¹¹⁷ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Psicóloga. Pesquisadora do GEPSID (Grupo de Estudos e Pesquisas Subjetividades e Instituições em Dobras).

¹¹⁸ Professora associada do Instituto de Psicologia da UERJ. Psicóloga, doutora em Psicologia Social. Pesquisadora do GEPSID (Grupo de Estudos e Pesquisas Subjetividades e Instituições em Dobras).

OS URSOS E NÓS: IMAGEM E REPRESENTAÇÃO DO CORPO E DAS CULTURAS POPULARES EM UM PROCESSO FÍLMICO

Maria Acselrad¹¹⁹

Sergio Ricardo De Godoy Lima¹²⁰

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo refletir sobre o fazer fílmico envolvido no processo de realização do curta-metragem *Os Ursos e Nós*, dirigido por Maria Acselrad, com direção de fotografia de Vanessa Alcântara e trilha sonora de Sergio Godoy. Animal absolutamente atípico no Brasil, os ursos ocupam um lugar no imaginário popular pernambucano, sobretudo nas periferias, onde mobilizam comunidades inteiras em torno de uma singular tradição carnavalesca. Ali, onde encantam e assustam, de forma irreverente, os ursos desfilam presos por coleiras e focinheiras, sob a escolta de caçadores italianos, mas também de forma livre, anárquica e vibrante. Produzido entre 2024 e 2025, o documentário de caráter etnográfico e sensorial busca compreender esta tradição popular por meio de um esforço em direção às formas e os sentidos a ela atribuídos por suas comunidades, mobilizando um exercício de escuta enquanto gesto (Flusser, 1994) daquilo que é, frequentemente, silenciado, preterido ou marginalizado. Ao mesmo tempo em que, recentemente, tornaram-se símbolo da cultura pernambucana, apropriados pela indústria cultural, os ursos ainda são muito pouco reconhecidos na sua diversidade, intensidade e complexidade. Daí que alinhado a um movimento de contra-imagens (Boas, 2024), que evita reproduzir relações de desigualdade de poder e de submissão para com o grupo filmado, o processo de realização do curta-metragem revelou uma relação complexa entre dança e música, humano e animal, imagem e representação, na qual o ritmo foi o eixo central de articulação entre as linguagens, desencadeando e potencializando uma reflexão acerca do princípio da alteridade, tanto para aqueles que filmavam, quanto para os que eram filmados. O curta-metragem é um dos resultados da pesquisa intitulada *Outrar-se: criação e performance* (em dança e música) como gestos de escuta, coordenada por Maria Acselrad e Sergio Godoy.

Palavras-chave: Corpo, Imagem, Representação, Música, Dança, Escuta.

¹¹⁹ Dançarina, antropóloga e documentarista. Professora do Depto. de Artes da UFPE e do Programa de Pós-graduação em Antropologia da UFPE. Doutora em Antropologia pelo PPGSA/UFRJ. Coordena o Pisada: pesquisas interdisciplinares em dança e antropologia (PISADA). Dedicar-se à pesquisa e criação junto às danças populares e tradicionais do Brasil.

¹²⁰ Pianista, tecladista e compositor. Professor do Depto. de Música da UFPE. Doutor em Música pela Universidade de Aveiros/Portugal. Integra o Pisada: pesquisas interdisciplinares em dança e antropologia (PISADA). Atua nos campos da criação e da performance, tradições musicais, relação com a dança.

POÉTICAS DO RASTRO NA MONOTIPIA DE TRAÇADO

Mar Costa Bucceroni¹²¹

RESUMO

Este trabalho investiga a *práxis* da monotipia de traçado, compreendendo o corpo como agente fundamental na produção da imagem e na investigação da materialidade plástica. A partir do conceito de "cisão do ver" proposto por Georges Didi-Huberman (2010), o problema de pesquisa questiona como a interposição do papel atuando como um véu entre o gesto do artista e a superfície entintada condiciona a manifestação do rastro no suporte. O objetivo é analisar a autonomia da mão e a inteligência dos materiais no processo criativo, utilizando as proposições de Henri Focillon em "Elogio da mão"(2012) para compreender o membro como um órgão de descoberta que opera em um hiato visual. A metodologia consiste em uma pesquisa fundamentada na prática *in situ*, de ateliê, observando a fricção direta do corpo (unhas e polpas dos dedos) sobre a tinta de base oleosa, sem o auxílio de instrumentos mediadores de grafismo. Como resultado prático dessa investigação e através dela, originaram-se monotipias que materializam as discussões propostas sobre a poética do toque. A hipótese central, articulada às reflexões de Fayga Ostrower (1995), sugere que a suspensão do olhar em favor do tato permite que o incidente fortuito e o acaso se tornem catalisadores da criação, transformando o rastro físico em um eco do ser sensível. Os resultados indicam que a técnica estabelece uma ontologia do contato, na qual a matriz é sacrificada em prol de uma imagem única e irreproduzível. Conclui-se que o desenho no verso da página consolida o rastro como o índice de um acontecimento espacial e temporal, revelando a cartografia de um corpo que pensa e descobre a si mesmo através da matéria.

Palavras-chave: Monotipia. Acaso. Poéticas Visuais.

¹²¹ Mestrando no Programa de Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), licenciado em Artes Visuais com habilitação em Artes Plásticas pela mesma instituição.

ESTUDOS SOCIAIS, CULTURA E CRÍTICA CONTEMPORÂNEA

A DRAMATURGIA DE OLAVO BILAC E COELHO NETTO PARA CRIANÇAS: DESENVOLVIMENTO DE UMA EDIÇÃO MODERNIZADA DO LIVRO *THEATRO INFANTIL*

Letícia Nataly Peruchi de Oliveira¹²²

João Paulo Hergesel¹²³

RESUMO

Este trabalho apresenta a etapa inicial de uma pesquisa de Iniciação Científica que investiga a dramaturgia infantojuvenil escrita por Olavo Bilac, renomado poeta parnasiano, e Coelho Netto, expoente da prosa e da crônica no Brasil do início do século XX. Embora ambos figurem como autores canônicos da literatura brasileira, suas produções voltadas especificamente ao campo teatral permanecem, em grande medida, subexploradas pela historiografia literária contemporânea. Por esse motivo, o problema central desta investigação busca identificar e analisar as estratégias mais eficazes para a produção de uma edição modernizada e crítica da obra *Theatro Infantil* (1905), utilizando recursos avançados de design digital e, de maneira criteriosa, soluções de Inteligência Artificial (IA). O objetivo geral consiste em desenvolver uma edição em formato digital que amplie a acessibilidade e o engajamento do público jovem atual, garantindo o respeito aos direitos morais e à integridade estética dos textos originais. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como aplicada e de natureza qualitativa, dividindo-se em duas fases complementares: a primeira compreende uma revisão bibliográfica abrangente sobre os campos da ecdótica, da literatura para crianças e do design editorial contemporâneo; a segunda foca na execução prática da edição, empregando ferramentas de IA generativa (tais como ChatGPT e Midjourney) como suporte auxiliar à criatividade e ao rigor técnico humano. A fundamentação teórica ancora-se em autores como Grazioli (2007) e Araújo (2019), além de diretrizes éticas sobre o uso de tecnologias emergentes na produção cultural. Complementarmente, utilizam-se as reflexões de Santos (2023) e Mota (2021) para situar a dramaturgia infantil como um relevante veículo de formação social, ética e estética. Espera-se que os resultados contribuam para a salvaguarda do patrimônio literário nacional e promovam a democratização cultural por meio do acesso digital gratuito a clássicos revitalizados.

Palavras-chave: Produção Editorial. Literatura Infantil. Design Digital. Inteligência Artificial. Dramaturgia Infantil.

¹²² Estudante do Bacharelado em Design Digital da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: leticia.npo@puccampinas.edu.br.

¹²³ Orientador do trabalho. Professor da Escola de Linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) e pesquisador do Programa de Desenvolvimento Humano e Integral da mesma instituição. Pesquisador de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Multimeios da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Doutor em Comunicação (UAM), com pós-doutorado em Comunicação e Cultura (Uniso). Membro do grupo de pesquisa SOLARIS – Solidariedade, Ações Responsáveis e Inovação Social (CNPq/PUC-Campinas). E-mail: joao.hergesel@puc-campinas.edu.br.

A LITERATURA COMO REGISTRO DA TRAMA CULTURAL DO MONOTEÍSMO CRISTÃO

Rita de Cássia Oliveira¹²⁴

RESUMO

O romance de Mário de Carvalho, *Um Deus passeando pela brisa da tarde* lançado no ano de 1994 tem na sua narrativa traços da história do processo de transformação da cultura politeísta para a cultura monoteísta no ocidente, tendo a fictícia cidade de Tarcisis como o fio da trama, propriamente, o município de Fortunata Ara Tulia Tarcisis, nunca existiu” (Carvalho, 1994, p.10), mas como cuja história remonta o passado do século II E.C., no Império Romano, críticos situam como um romance histórico. Mas, para além de interpretar o romance de Mário de Carvalho como histórico posso compreender como se processa no coletivo e na subjetividade a transição e imposição de uma cultura, além de analisar como a introdução de uma cultura diferente da cultivada por uma coletividade introjeta conflitos subjetivos. Isto porque, o protagonista chamado Lúcio Valério é identificado como justo e honrado que vive o drama de tentar corresponder aos desígnios de Roma, ainda pagã, mas ameaçada pelos primeiros cristãos que quebram a sua unidade e equilíbrio com a fundação da Congregação do Peixe. Essa situação rompe com o cenário de equilíbrio de sua gestão como Magistrado romano e com a sua visão de mundo. Esse romance possui uma história rica em pormenores acerca da vida cotidiana e organização estrutural, política e social, de uma cidade romana que vivencia a sua transição religiosa e política, com descrição pormenorizada dos hábitos e ideais das posturas e dos códigos de valores morais de seus habitantes. Como método utilizei a hermenêutica e a pesquisa foi teórica e qualitativa. A intriga desta instigante história permitiu que eu identificasse em sua análise e interpretação a importância da literatura como registro não só histórico, mas antropológico ao contar como o politeísmo foi sendo corroído pelo cristianismo até o seu desaparecimento, o romance *Um deus passeando pela brisa da tarde* revela que o processo de dominação de uma cultura sobre outra implica tanto na formação coletiva de um povo como, também, na formação da subjetividade.

Palavras-chave: Literatura. Romance. Mário de Carvalho. Um deus passeando pela brisa da tarde. Cultura.

A POESIA DE APHRA BEHN, UMA VISÃO SOBRE A SEXUALIDADE DA MULHER NO SÉCULO XVII

Maria Isabel de Souza Lima David Felix¹²⁵

Daniela Mantarro Callipo¹²⁶

RESUMO

Mesmo com a introdução das mulheres no ambiente da dramaturgia, a dominância permanecia sendo dos homens, tornando a produção feminina continuamente difícil. Desafiando essa dificuldade, em 1670, Aphra Behn tornou-se uma das pioneiras como escritora profissional, ao receber pela sua produção e ao sobreviver por meio da escrita. Para reviver seu nome, autoras como Arifa G. Rahman, Virginia Woolf e Ros Ballaster, a citam em seus trabalhos, ressaltando seus roteiros, cartas, poemas e romances. Sempre que mencionada, são explicitadas as questões que abordavam o conceito de “pureza” imposto às mulheres. Ao pesquisar Behn sob a ótica da crítica feminista, destacam-se certos recursos utilizados por ela para representar a sexualidade feminina. Embora tenha entrado na história da literatura por meio do teatro, esse não foi o único gênero a que ela se dedicou, visto que produziu cerca de 80 poemas, cartas e até romances narrativos, dentre os quais o que mais se destaca são as temáticas, que sempre tangem o universo do “ser mulher”. Neste trabalho, pretende-se investigar trechos de “On Her Loving Two Equally” e “The Disappointment”, com isso entender as formas com que o desejo e o erotismo são retratados nos poemas selecionados e quais os recursos utilizados pela autora para representar essa sexualidade, investigando o valor de suas produções para a literatura de autoria feminina e seu significado. A partir desses escritos, será feito um aprofundamento – em textos de autores como Bataille (1987), Woolf (1987), Rahman (2020) e Tood (2017) – enfatizando os aspectos teóricos mais relevantes para a análise de seus poemas por meio da crítica feminista.

Palavras-chave: Literatura Feminina. Crítica Feminista. Poesia Feminina. Sexualidade da Mulher. Protofeminismo.

¹²⁵Maria Isabel S. L. D. Felix é graduada em Letras com habilitação em Francês pela UNESP de Assis, e habilitação em língua inglesa na mesma instituição iniciada em 2026.

¹²⁶Daniela Mantarro Callipo é Mestre em Literatura Francesa pela USP, Doutora em Literatura Francesa pela USP, Pós-Doutora em Teoria Literária pela UNICAMP, docente de Língua e Literatura Francesas no Departamento de Letras Modernas da FCL, UNESP, Campus de Assis.

AUTORIDADE PATRIARCAL E CONTROLE DO CORPO DA MULHER NO CONTO “O PAI”, DE HELENA PARENTE CUNHA

Mayara Mayre Silva dos Santos¹²⁷

RESUMO

Este trabalho insere-se no campo dos estudos literários e de gênero e possui como tema a representação da autoridade patriarcal e seus efeitos na constituição da subjetividade da mulher no conto “O pai”, de Helena Parente Cunha, integrante da coletânea *Os Provisórios* (1980). Nesse contexto, o problema de pesquisa consiste em compreender como a figura paterna se estabelece como instância de vigilância, controle e disciplinamento do corpo e do comportamento da filha. Ainda que a narrativa evidencie o processo de decadência física e perda gradual da autonomia corporal do pai ao longo dos anos, essa figura não tem sua autoridade simbólica dissolvida. Assim, o objetivo geral é analisar de que modo a narrativa evidencia a permanência da lei paterna e seus mecanismos simbólicos de dominação, articulando-os às noções de abjeção, corpo e espaço doméstico na literatura de mulheres. Parte-se da hipótese de que a autoridade patriarcal se sustenta não apenas por meio de interdições explícitas, mas, sobretudo, pela internalização de normas que regulam as subjetividades. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa é de natureza qualitativa, de caráter bibliográfico, e se desenvolve por meio de uma leitura que privilegia a análise da simbologia do espaço doméstico e das cenas de interdição que nele ocorrem. Como fundamentação teórica, mobilizam-se: a teoria da abjeção formulada por Julia Kristeva (1982), conceitos da psicanálise lacaniana, contribuições da crítica feminista e outras abordagens teóricas pertinentes à análise proposta. No que se refere aos resultados, verifica-se que, no conto, Helena Parente Cunha constrói uma crítica contundente às formas persistentes e naturalizadas da dominação patriarcal, evidenciando que o corpo, a casa e a linguagem operam como dispositivos de controle e como espaços de inscrição da memória e da opressão. Além disso, observa-se que a escrita literária se configura, nesse sentido, como espaço de resistência, ao tensionar e ressignificar tais estruturas de poder.

Palavras-chave: Autoridade patriarcal. Subjetividade da mulher. Corpo. Espaço doméstico. Abjeção.

¹²⁷ Doutoranda em Letras: Linguagens e Representações na área de Literatura e Interfaces pela Universidade Estadual de Santa Cruz, UESC, Ilhéus/Bahia, Brasil. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. Mestra em Letras na área de Literatura e Práticas Culturais pela Universidade Federal da Grande Dourados (PPGL-FALE-UFGD).

‘BIUTIFUL’ E O DESESPERADOR INSTINTO DE SOBREVIVÊNCIA HUMANO

Sullivan Charles Barros¹²⁸

RESUMO

O filme *Biutiful* (2010), dirigido por Alejandro González Iñárritu, constitui uma reflexão sobre as dinâmicas sociais e culturais da contemporaneidade, articulando desigualdade, migração, precarização do trabalho e crise das subjetividades. Este trabalho tem como objetivo analisar como o filme representa o instinto de sobrevivência em contextos de desigualdade estrutural, evidenciando as tensões entre ética, precarização e subjetividade no capitalismo global contemporâneo, a partir da trajetória do personagem Uxbal. Metodologicamente, trata-se de uma análise fílmica qualitativa, de caráter interpretativo, que toma o filme como artefato cultural e fonte de problematização sociológica. A abordagem fundamenta-se em contribuições da Sociologia e dos Estudos Culturais, mobilizando discussões sobre colonialidade do poder, precarização e subjetivação no capitalismo contemporâneo, a partir de autores da crítica social contemporânea. A análise privilegia elementos narrativos, estéticos e simbólicos, articulando-os às dinâmicas estruturais que atravessam a obra. Ambientado em uma Barcelona marcada por fluxos migratórios e economias subterrâneas, o longa acompanha Uxbal, personagem que atua em redes ilegais de exploração de imigrantes chineses e africanos, ao mesmo tempo em que enfrenta um diagnóstico de câncer terminal e conflitos familiares. A narrativa evidencia as engrenagens de um sistema global que produz exclusões estruturais, aproximando-se de debates sobre desigualdade, territorialidades e práticas neocoloniais no espaço urbano europeu. A exploração da mão de obra imigrante revela a inserção de corpos racializados em regimes extremos de vulnerabilidade, nos quais a sobrevivência se impõe como imperativo. Nesse contexto, o percurso de Uxbal explicita uma subjetividade tensionada por estruturas de poder que condicionam escolhas e moralidades, tornando difusas as fronteiras entre vítima e agente em contextos de precarização. Conclui-se que *Biutiful* oferece uma leitura crítica das transformações políticas e simbólicas do presente, ao evidenciar como a sobrevivência, em cenários de desigualdade estrutural, se configura como um imperativo ético ambíguo, produtor de subjetividades marcadas pela culpa e pelo desejo de redenção.

Palavras-chave: Desigualdade Social. Migração. Precarização. Subjetividades. Ética Contemporânea.

¹²⁸ Professor de Sociologia - UFCAT. Doutor em Sociologia – UnB.

COLONIALIDADE, MEMÓRIA E IDENTIDADE NAS LITERATURAS NEGRAS CONTEMPORÂNEAS

Lais dos Anjos Ferreira¹²⁹

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da relação entre colonialidade, memória e identidade nos romances *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, e *A Mulher de Pés Descalços* (2017), de Scholastique Mukasonga, observando sob a perspectiva dos estudos de literatura comparada, de que maneira tais literaturas articulam colonialidade, memória e identidade na experiência das personagens afrocentradas presentes na narrativa. Ao conferirem centralidade às vozes de mulheres negras, as narrativas analisadas desafiam o que Chimamanda Adichie (2019) denomina de “perigo de uma história única”, promovendo a valorização das memórias coletivas e das trajetórias de resistência de povos submetidos a processos de colonização, apagamento e exclusão. Evaristo narra a trajetória de Ponciá, mulher negra marcada pela herança da escravidão no Brasil pós-colonial e sua busca por identidade; já Mukasonga, através da literatura de testemunho, narra, de maneira memorialística, a luta do povo tutsi durante a colonização e os conflitos étnicos ruandeses. Busca-se compreender como essas narrativas elaboram criticamente os efeitos da violência colonial sobre os corpos, territórios e subjetividades negras femininas. A pesquisa parte da contribuição de Bhabha (1998), Candau (2012), Hall (2006), hooks (2019), Moreno (2014), Oliveira (2023), Ricouer (2000), Tibério (2009), Halbwachs (1990) e Fanon (2008) para entender de que maneira as narrativas reelaboram experiências traumáticas ligadas à colonialidade, à diáspora e à violência racial; de mesmo modo, busca compreender como a memória atua como reconstrução identitária. Em ambas as obras, embora ambientadas em contextos distintos, o Brasil pós-colonial e o genocídio tutsi em Ruanda, é possível perceber como os traumas coloniais atravessam a linha do tempo, afetando as experiências contemporâneas de corpos historicamente marcados. A rememoração aparece como gesto político de preservação identitária e reconstrução subjetiva diante de sociedades definidas pela exclusão e pelo silenciamento. Assim, pretende-se discutir como a literatura negra, profundamente construída pelo caráter de denúncia social, produz espaços de resistência simbólica e elaboração crítica do passado, contribuindo para reflexões contemporâneas sobre memória, raça e gênero.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira e franco-ruandesa. Colonialidade. Memória. Identidade.

¹²⁹ Licenciada em Letras port/fran e mestranda em Literatura Comparada e Estudos Culturais pela Universidade Estadual Julio de Mesquita Filho - UNESP/Assis.

CORPOS EM RUÍNAS: AUSÊNCIAS E IDEOLOGIAS DE OPRESSÃO EM CAMINHANDO COM OS MORTOS (2023)

Francisco Heitor Pimenta Patrício¹³⁰
Juliana Miranda Cavalcante da Silva¹³¹

RESUMO

A presente pesquisa busca analisar a violência contra a mulher como fio condutor do romance *Caminhando com os mortos* (2023), de Micheline Verunschik. Para tanto, objetiva-se mapear as ferramentas e procedimentos literários utilizados na construção da narrativa, bem como a forma como esta é permeada pela violência, temática e estruturalmente. O livro acompanha os desdobramentos de um crime em uma pequena cidade do interior do Brasil, onde uma mulher é queimada viva pela mãe, pelo pai e pelo irmão, em um ritual “religioso” de purificação. O episódio de violência coincide com a instalação de uma religião extremista na cidade. A narrativa é contada a partir de uma personagem que tenta reconstituir as pistas e os fragmentos desse assassinato, ao mesmo tempo em que precisa lidar com a ausência de um grande amigo. Nesse sentido, a pesquisa é construída a partir da análise de quatro personagens femininas: Lourença (a mãe), Quitéria (a filha mais velha), Celeste (a filha mais nova) e Eulália (a perita). O corpo carbonizado que dá início ao romance é a consequência última da violência, mas não é a única. Para além da mulher queimada viva e depois dela, *Caminhando com os mortos* (2023) passeia por muitas outras mortes, literais e metafóricas, apresentando algozes e suas motivações para cada um dos crimes. Nossa hipótese é que o contraste entre a escrita poética de Verunschik e o detalhamento da destruição física e psíquica dos corpos das personagens contribui para a desconstrução de uma literatura que reproduz valores patriarcais, ao mesmo tempo em que desnaturaliza imposições sociais e religiosas e denuncia o preenchimento de ausências – do Estado, principalmente – com ideologias coloniais de opressão. Para nossa análise, utilizamos as teorias de Gonzalez (2019), Lugones (2019) e Dalcastagné (2012). A metodologia da pesquisa pauta-se na análise crítico-interpretativa da obra literária à luz do referencial teórico selecionado.

Palavras-chave: Violência. Feminicídio. Decolonialidade. *Caminhando com os mortos*. Micheline Verunschik.

¹³⁰Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Desenvolve estudos voltados para as seguintes áreas: Literatura Contemporânea, Teoria Literária, Representações do Sertão, Cinema e Diálogos Intersemióticos. E-mail: heitor2014@hotmail.com.

¹³¹Mestre em Letras pelo PPGL/UFPB, pesquisa feminismos e decolonialidade na ficção (audiovisual e literatura). Graduada em jornalismo e Direito, também pela UFPB. E-mail: julianamicasi@hotmail.com.

DEVIR-ANIMAL E XAMANISMO EM “CORUJA”, DE ORIDES FONTELA

Lucas Durães Fernandes¹³²

Angela Guida¹³³

RESUMO

Esta proposta de trabalho intenciona uma leitura do poema “Coruja”, da poeta brasileira Orides Fontela, por intermédio dos estudos teóricos que exploram o devir-animal e o xamanismo. Dessa maneira, de acordo com os estudos desenvolvidos pelo antropólogo brasileiro Viveiros de Castro, em observação das populações indígenas das Américas, o perspectivismo ameríndio se movimenta no sentido contrário ao pensamento filosófico-científico ocidental darwiniano que promove a evolução das espécies. Com isso, na concepção ameríndia, a humanidade era atributo comum a todos os seres, mas foi perdida pelos animais e, considerando os animais como ex-humanos e não os humanos como ex-animais, todos os seres da natureza constituem agentes subjetivos com uma espécie de “alma” semelhante. Porém, isso não significa uma homogeneidade de perspectivas: todos os seres compartilham da mesma capacidade de subjetividade, mas todo ponto de vista é único. É nesse contexto que a figura do xamã se manifesta, entendido como aquele capaz de transitar entre diferentes formas de existência, atravessando as fronteiras entre espécies para acessar a “alma” de outros seres e assumir a perspectiva de suas subjetividades. Como estas perspectivas não se equivalem, podemos inferir que o processo xamânico de diálogo transespecífico se constitui como devir-animal, tomando-se o conceito pelas discussões de Jens Andermann. O xamã, então, assume o ponto de vista animal e compreende sua existência. Nesse escopo, o poema de Orides Fontela adota a primeira pessoa, algo pouco usual na poética oridiana, em versos que transcrevem as ações da ave que o intitula. Ademais, além da voz lírica em primeira pessoa, a poeta já havia demonstrado afinidade com a ave noturna em documentário e utilizava símbolos animais de pássaros com frequência em seus poemas. Assim, pela leitura proposta, pretende-se responder a pergunta: é possível dizer que o poema “Coruja” compõe uma poética xamânica?

Palavras-chave: Orides Fontela. Devir-animal. Viveiros de Castro. Xamanismo.

¹³² Graduado em Letras (Português/Inglês) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Mestrando em Estudos de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

¹³³ Mestre em Teoria Literária (UFJF), doutora em Ciência da Literatura (UFRJ) e pós-doutora em Estudos Literários (UFMG). Atua como docente na graduação e no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (UFMS).

DILEMAS DE CLASSE E GÊNERO NO MELODRAMA HOLLYWOODIANO: UMA ANÁLISE FÍLMICA DE *TUDO QUE O CÉU PERMITE* (1955)

Mateus Oliveira Santos¹³⁴
Luana Fernandes dos Santos¹³⁵

RESUMO

Este trabalho consiste em uma análise fílmica da obra cinematográfica “Tudo que o Céu Permite” (1955), dirigida por Douglas Sirk. Buscou-se neste trabalho responder o seguinte problema de pesquisa: de que forma os dilemas de classe e gênero da sociedade estadunidense de meados dos anos 1950 são representados no filme de Sirk? Objetiva-se com este trabalho evidenciar as críticas à sociedade burguesa e as suas contradições apresentadas no longa-metragem, com enfoque nas questões ligadas ao gênero e às classes sociais. Para tanto, utilizou-se como referencial teórico os estudos de Edgar Morin sobre cinema e indústria cultural, com o intuito de refletir sobre os recursos que o diretor lançou mão a fim de garantir algum grau de liberdade em relação às padronizações, regras e convenções da indústria cultural e do gênero melodramático. Em seguida, recorreu-se à bibliografia das questões de classe e dos estudos de gênero da Sociologia para discutir a forma como esta obra expressa os valores, hierarquias e posicionamentos sociais do diretor, assim como uma certa forma de ver o mundo ou uma época. Metodologicamente, este trabalho analisa estritamente o discurso fílmico da obra a partir de uma decupagem analítica das cenas centrais e da articulação dos achados com as teorias de gênero de Simone de Beauvoir e Teresa de Lauretis, bem como as concepções de classe de Max Weber. Em conclusão, evidencia-se que o filme realiza, de maneira sutil, uma (re)construção crítica da sociedade norte-americana da época e das suas contradições de gênero e de classe, embora com limitações, uma vez que a obra não aborda as questões étnico-raciais latentes no país. Além disso, infere-se a partir das concepções teóricas de Lauretis que, apesar do posicionamento crítico da obra em relação aos papéis tradicionais de gênero, este filme opera enquanto um aparato da tecnologia social responsável pela construção de uma representação do gênero feminino que pode ser subjetivamente apropriada por cada telespectador e telespectadora. Não obstante, este trabalho mostra-se relevante para o campo da reflexão crítica acerca da relação entre mídia e sociedade.

Palavras-chave: Mídia. Gênero. Classe Social. Melodrama. Indústria Cultural.

¹³⁴ Técnico em Informática pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente é bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) e pesquisa as representações de gênero nas mídias e a presença feminina nos cursos da área de CTEM.

¹³⁵ Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal do Triângulo Mineiro (IFTM) e graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Atualmente é bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET) e pesquisa as representações de gênero nas mídias e a presença feminina nos cursos da área de CTEM.

DISTANCIAMENTOS ENTRE O FILME *JOANNA FRANCESA* DE DIEGUES E A CANÇÃO-TEMA DE CHICO BUARQUE: ARTE E SOCIEDADE

João Vitor Rodrigues Alencar¹³⁶

RESUMO

O objetivo desta comunicação é realizar um estudo comparado entre o filme “Joanna Francesa” (1973), de Cacá Diegues, e a canção-tema composta para ele por Chico Buarque, através dos referenciais teóricos e metodológicos que abordam a relação entre arte e sociedade a partir de seus aspectos formais, tal como formulados por Antonio Candido, Adélia Bezerra de Meneses e Ismail Xavier. Como em sua obra anterior, “Os herdeiros” (1970), o diretor volta a discutir os destinos da revolução de 1930, mas agora colocando no proscênio não mais as ambivalências do intelectual engajado brasileiro em meio ao centro dos acontecimentos do eixo Rio-São Paulo-Brasília, mas as de uma artista de cabaré francesa que acompanha um coronel até o interior de Alagoas, onde se depara com um anedotário vivo dos causos que caracterizam um Brasil mais profundo e inaudito. Essas escolhas relativas à protagonista, estrelada por ninguém menos que a musa da *nouvelle vague* Jeanne Moreau, e de tudo que a atriz e o movimento representam no tratamento espontâneo e livre da sexualidade no cinema, criam uma expectativa em relação ao elemento erótico do filme – especialmente quando capturados pelo ângulo acanhado que acompanha muitas obras do cinema brasileiro. Esse elemento talvez tenha inspirado a própria canção de Chico, em que uma francesa canta, alternando entre sua língua materna e o português, os desatinos que acompanham seus gestos de sedução e atração por um brasileiro. No caso do filme, todavia, ainda que o elenco e o tema de início indiquem tratamento do campo erótico com alguma sensualidade, logo fica claro que a matéria do filme exigirá um tratamento bem mais sério, violento e até mesmo grotesco. Ao longo do enredo a perspectiva erótica será representada com um distanciamento cada vez maior, finalmente se revelando como um elemento alocado no passado histórico a que o filme apenas faz alusão e que, por sua vez, contrasta em tudo com a cena com que Joana se depara na propriedade em que é hospedada – situação representada pelo engenho de fogo morto que sintetiza bem a maneira como a dimensão erótica é apresentada no filme.

Palavras-chave: Música Popular Brasileira. Cinema novo. Colonização. Literatura e outras artes. Ditadura militar.

¹³⁶ Graduado em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP) e professor do Instituto Federal do Pará (IFPA).

EDUCAÇÃO INTEGRAL EM TEMPO INTEGRAL: TRABALHANDO A VALORIZAÇÃO DO TERRITÓRIO — UMA EXPERIÊNCIA DE LAGEDO DO TABOCAL-BA

Ana Clara Sousa do Nascimento¹³⁷

Ivone Vieira da Silva¹³⁸

Renan Paulo Bini¹³⁹

RESUMO

Compreende-se como educação integral a educação que abarca todas as dimensões do educando, tais quais: cognitiva, social, emocional, cultural, física, entre outras. Já o tempo integral está ligado à jornada ampliada de ensino. Na Escola Municipal Antônio Carlos Magalhães, localizada no Povoado do Peixe, zona rural de Lajedo do Tabocal/BA, a modalidade de ensino integral foi implementada a partir de 2023. Nesse sentido, um dos objetivos desse modelo educacional consiste no trabalho pedagógico que valorize o território em que o educando está inserido. Sob essa perspectiva, em 2024 foi realizado o documentário *Povoado do Peixe: minha terra, minha história, minhas raízes — do povoamento a formação da comunidade*. Para tanto, cabe salientar que a elaboração desse material audiovisual surgiu devido a necessidade de registrar os saberes, as memórias e as culturas presentes na comunidade do Peixe, por meio de narrativas orais e fotografias antigas. Considerando que todo o material resultante dessa ação foi divulgado nas redes sociais, as memórias permanecem vivas, não só para que as gerações futuras tenham registros sobre o seu território de origem, bem como para o pleno exercício curricular educacional do município. Nessa ótica, essa ação pedagógica, de caráter qualitativo e quantitativo, consistiu em aulas expositivas e participativas, criação de questionários para entrevistas, visitas às casas dos moradores do povoado, além de atividades avaliativas. Com isso, foi possível perceber ao final do ano letivo que as histórias contadas pelos moradores da comunidade são produtos culturais e fontes férteis de conhecimento e saberes, os quais foram compartilhados com os estudantes, consolidando-se, assim, como uma medida socioeducativa.

Palavras-chave: Educação integral. Territórios. Narrativas orais. Audiovisual.

¹³⁷ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Educação, Cultura e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

¹³⁸ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Educação, Cultura e Linguagens (PPGCEL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

¹³⁹ Doutor em Letras. Professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), do Programa de Pós-Graduação em Letras: Educação, Cultura e Linguagens (PPGCEL) (UESB).

EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE E POLÍTICA DE DROGAS: CRÍTICA AO PROIBICIONISMO DA MACONHA E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS CONTEMPORÂNEAS

Vinícius Viana Gonçalves¹⁴⁰

RESUMO

O presente trabalho analisa a interseção entre Educação Popular em Saúde e política de drogas no Brasil, com foco crítico no proibicionismo da maconha e seus efeitos sociais, culturais e políticos contemporâneos. O tema situa-se no campo dos estudos sociais críticos ao problematizar a criminalização da *Cannabis* como dispositivo de produção de desigualdades e controle social, o problema de pesquisa investiga de que modo a política proibicionista contribui para a reprodução de opressões estruturais e como a Educação Popular em Saúde pode atuar na construção de alternativas emancipatórias. O objetivo geral consiste em analisar criticamente os impactos sociais da proibição da maconha e discutir a Educação Popular como estratégia de transformação social, parte-se da hipótese de que o proibicionismo não se fundamenta prioritariamente em evidências sanitárias, mas em construções históricas e políticas que reforcem desigualdades raciais, econômicas e territoriais. A metodologia adotada caracteriza-se como qualitativa, de natureza documental e bibliográfica, estruturada em ensaio teórico com análise de legislações, dados do sistema prisional, produções acadêmicas, relatórios institucionais e experiências comunitárias desenvolvidas no “Tempo-Comunidade” na cidade do Rio Grande/RS. Os resultados indicam que a criminalização da maconha intensifica o encarceramento em massa, atinge de forma seletiva populações negras e periféricas e limita o acesso a práticas terapêuticas baseadas na *Cannabis*. Evidenciam-se também potencialidades da legalização, como fortalecimento da agricultura familiar, desenvolvimento econômico regional e ampliação do acesso à saúde. Conclui-se que a Educação Popular em Saúde constitui ferramenta estratégica para desmistificar o proibicionismo, promover diálogo crítico e construir políticas de drogas orientadas pela justiça social, pelo respeito às diversidades culturais e pela promoção da saúde, contribuindo para uma leitura crítica das dinâmicas sociais contemporâneas.

Palavras-chave: Educação Popular Em Saúde. Política De Drogas. Proibicionismo. *Cannabis*. Justiça Social.

¹⁴⁰ Mestre em Direito e Justiça Social e Doutorando em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande. Especialista em Educação Popular em Saúde pela Fiocruz Brasília. E-mail: vvg82@outlook.com.br. ORCID: 0000-0003-4224-1649

ENTRE O CINEMA E A ESCOLA: UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DE EXPERIÊNCIAS AUDIOVISUAIS NO ENSINO MÉDIO

Raíssa Tamassia Côrtes¹⁴¹

RESUMO

O presente trabalho analisa experiências de produção audiovisual realizadas com estudantes do ensino médio de uma escola pública situada em um bairro periférico de Porto Seguro (BA), a partir de oficinas de cinema desenvolvidas no ano de 2025. Inserida na interface entre antropologia visual, cinema e educação, a pesquisa investiga como jovens se apropriam da linguagem audiovisual para narrar suas próprias histórias, elaborar experiências e construir espaços de auto-representação no cotidiano escolar. Procura-se discutir como a produção audiovisual, no contexto escolar, pode constituir espaços de encontro, expressão e construção compartilhada de narrativas. A pesquisa dialoga com autores da antropologia visual e do cinema, especialmente com perspectivas que compreendem o fazer fílmico como espaço de encontro, que possibilita a enunciação e a construção de subjetividades. Também se aproxima da noção de atitude etnográfica no ambiente escolar, entendendo a produção audiovisual como possibilidade de escuta e elaboração coletiva de experiências. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa-ação com inspiração etnográfica, desenvolvida a partir da atuação simultânea da autora como professora e pesquisadora. Foram utilizados procedimentos de observação participante, registros em diário de campo, acompanhamento dos processos criativos dos estudantes e entrevista semiestruturada com ex-alunos. As oficinas utilizaram dispositivos audiovisuais baseados nos “Cadernos do Inventar: cinema, educação e direitos humanos”, explorando exercícios de imagem, som, enquadramento e criação de filmes autorais, com proposta inicial de filme-carta. Os resultados apontam que a produção audiovisual possibilitou aos estudantes elaborar sentimentos, experiências e conflitos relacionados ao luto, solidão, identidade e pressões sociais. Os filmes produzidos evidenciam processos de auto-representação e construção de narrativas sobre si, revelando o cinema como espaço de reflexão e elaboração de experiências no ambiente escolar.

Palavras-chave: Antropologia visual, Pesquisa etnográfica, Cinema e educação, Produção audiovisual escolar.

¹⁴¹ Antropóloga, engenheira florestal, mestre em Práticas em Desenvolvimento Sustentável e produtora cultural. Atua com antropologia visual, cinema e educação, desenvolvendo projetos de audiovisual com jovens e comunidades no Extremo Sul da Bahia.

FRANCISCA: COMUNICAÇÃO DIGITAL NO COMBATE À DESIGUALDADE DE GÊNERO NA MÚSICA BRASILEIRA

Gabriella Cardoso Franco¹⁴²

Fernanda Nardy Bellicieri¹⁴³

RESUMO

Esta pesquisa investiga o uso da comunicação digital na visibilidade da produção musical de mulheres no Brasil. O problema empírico é a desigualdade de gênero no mercado musical, demonstrada, por exemplo, no último relatório “Mulheres na Música”, do Ecad (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição) – entidade brasileira responsável pela arrecadação e distribuição dos direitos autorais das músicas aos autores e demais titulares –, que aponta que as mulheres foram apenas 6% do total de titulares contemplados com rendimentos em direitos autorais na categoria de autor no ano de 2025 (sendo esta categoria a principal fonte de renda destas artistas). O mesmo relatório demonstrou que apenas 10% das músicas mais tocadas em shows no Brasil em 2025 contavam com mulheres na autoria. Já um levantamento da UBC (União Brasileira de Compositores) mostrou que a participação de mulheres nos rendimentos distribuídos para artistas no país segue a mesma desde 2024: 10% do total. O problema que motiva a pesquisa, portanto, é: como um portal de comunicação transmídia pode atuar para ampliar a visibilidade de mulheres na música brasileira? A pesquisa objetiva desenvolver um projeto de portal de comunicação transmídia que atue como instrumento de mediação cultural e promova uma representação mais ampla e intercultural da produção musical de mulheres no Brasil, a partir de conteúdos em diferentes formatos (vídeo, áudio e texto) com foco inicial em artistas e narrativas com pouco protagonismo no jornalismo cultural tradicional. Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, com abordagem qualitativa e delineamento exploratório, fundamentada na metodologia de Design Science Research (DSR). O portal transmídia Francisca, atualmente em fase de desenvolvimento, constitui simultaneamente artefato e o campo empírico da pesquisa, permitindo a articulação entre teoria e prática na construção e análise do produto comunicacional. Como resultados esperados, pretende-se contribuir para a ampliação e diversificação da visibilidade de mulheres na música brasileira, bem como para a compreensão de como estratégias transmídia podem influenciar a circulação e o reconhecimento dessas artistas.

Palavras-chave: Música brasileira. Desigualdade de gênero. Comunicação digital. Jornalismo cultural.

¹⁴² Gabriella Cardoso Franco é graduada em Jornalismo pela Universidade Mackenzie e mestranda em Comunicação Intercultural nas Organizações (MPCOM) na mesma universidade. Integra a linha de pesquisa de Narrativas Interculturais e Mediação nas Organizações, com interesse em jornalismo cultural, comunicação transmídia, gênero e música.

¹⁴³ Fernanda Nardy Bellicieri é mestre e doutora pelo Programa de Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Mackenzie e docente do MPCOM da mesma universidade. Desenvolve pesquisas nas áreas de Linguagens e Tecnologias e suas possíveis intersecções com o corpo, com foco na narrativa e o discurso em esferas artísticas, técnicas e conceituais.

GLITCH E DISSIDÊNCIA DE GÊNERO NO FILME *NEPTUNE FROST*

Maria Gizele do Carmo de Brito¹⁴⁴
Aluísio Ferreira de Lima¹⁴⁵

RESUMO

O filme *Neptune Frost* (2021), dirigido por Anisia Uzeyman e Saul Williams, apresenta uma narrativa afrofuturista que articula questões relacionadas à tecnologia, exploração do trabalho e gênero. O filme aborda as violências do capitalismo tecnológico, no qual a produção e o consumo de tecnologias digitais estão frequentemente associados à exploração de territórios e corpos. É ambientado em um contexto marcado pela mineração de coltan (mineral fundamental para a produção de dispositivos eletrônicos) para a utilização na fabricação de produtos de alta tecnologia, de computadores, celulares e drones, no qual Matalusa e outros mineradores estão presentes trabalhando incessantemente. O filme ao mesmo tempo em que denuncia esse sistema de extração e violências trabalhistas, também deixa evidente a crítica sobre normatividades de gênero com a presença de personagens centrais (Matalusa e Neptune) que desafiam classificações binárias a partir da estética do *glitch*, pois autodenominam possibilidades de existência e de autodefinição de si mesmos. Diante desse contexto, este artigo tem como objetivo analisar o filme *Neptune Frost* a partir do conceito de manifesto *glitch* desenvolvido por Legacy Russell, no qual o *glitch* como falha tecnológica é compreendida como um espaço de possibilidade para a desestabilização de sistemas normativos relacionados a gênero. Para Russell (2023, p. 21), o *glitch* não deve ser entendido apenas como um erro técnico, o *glitch* é uma recusa a ser talhada na linha hegemônica de um corpo binário, é uma recusa a se encaixar nas performatividades de gêneros. Performatividades essas tensionadas por Judith Butler (2018) que discute sobre como o gênero binário é socialmente produzido. Nesse sentido, o *glitch* aqui entendido funciona como um conceito central de análise para o filme, pois tanto sua estética quanto sua narrativa produzem essas rupturas nas estruturas dominantes de binarismo social, apresentando personagens que escapam dessas classificações fixas de gêneros. Assim, *Neptune Frost* pode ser lido como um filme em que a falha, o erro torna-se potências de autonomia identitária.

Palavras-chave: *Glitch*. Cinema; Feminismo digital; Tecnologia; Gênero.

¹⁴⁴ Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista CAPES,

¹⁴⁵ Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Produtividade PQ 1D do CNPq.

IDENTIDADES ENTRE TERRA E TERREIRO: PROJETOS DE SOCIEDADE E PRÁTICAS DISCURSIVAS EM MOVIMENTO

Vincent Abiorana¹⁴⁶
Angélica de Souza Lima¹⁴⁷

RESUMO

O presente trabalho insere-se no campo dos estudos sociais e culturais contemporâneos e tem como tema a constituição de identidades em contextos coletivos, problematizando os processos de subjetivação em territórios atravessados por colonialidade, poder e desigualdades. Partindo de problemas de duas pesquisas, elaborou-se o seguinte: de que modo experiências coletivas em contextos rurais e em religiões de matriz africana produzem identidades e sentidos que tensionam racionalidades individualizantes e regimes hegemônicos de produção de subjetividade? O objetivo geral consiste em analisar os formatos de operação da coletividade na constituição de identidades em dois contextos distintos: comunidades rurais vinculadas à Educação do Campo e um terreiro de Umbanda. Como hipótese, sustenta-se que tais territórios funcionam como espaços contra-coloniais de produção de subjetividades, nos quais práticas discursivas, relações de cuidado e formas de organização coletiva engendram modos de existência situados. Metodologicamente, o estudo articula dados de duas pesquisas de mestrado em Psicologia, orientadas pelo construcionismo social e com inspiração etnográfica, envolvendo observação participante, entrevistas narrativas, grupos focais e análise documental. Os resultados indicam que, nos contextos rurais, a participação social, o engajamento coletivo e a luta pela permanência na universidade são centrais para a produção da identidade camponesa. No terreiro, ações como rituais, comensalidade e cuidado coletivo configuram um território relacional no qual práticas discursivas, espiritualidade e cotidiano produzem pertencimento e modos de ser. Conclui-se que, em ambos os contextos, a identidade emerge como construção dinâmica, relacional e territorializada, forjada na experiência compartilhada e na resistência às lógicas hegemônicas, evidenciando o papel desses territórios na produção de saberes e subjetividades críticas e contra-coloniais.

Palavras-chave: Identidade. Coletividade. Colonialidade. Território. Práticas discursivas.

¹⁴⁶Vincent Abiorana é psicólogo, doutorando em Psicologia pela UFPE, mestre e graduado pela UNIR. Atua em clínica e pesquisa com foco em dissidências de gênero e sexualidade, neurodivergências e trabalho de cuidado, a partir da Psicologia Social construcionista.

¹⁴⁷Angélica de Souza Lima é psicóloga, doutoranda em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), mestre e graduada pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Atua em clínica de orientação psicanalítica e desenvolve pesquisas sobre Educação do Campo, identidades coletivas e processos sociais em contextos rurais.

JUVENTUDES DISSIDENTES E SUAS TRANSFORMAÇÕES IDENTITÁRIAS NA LITERATURA DISTÓPICA

Talita de Souza Lins¹⁴⁸
Felipe Benício de Lima¹⁴⁹

RESUMO

Nas últimas décadas, as narrativas distópicas juvenis passaram a expressar, cada vez mais, as inquietações do presente. Como um gênero que alcança um grande número de leitoras e leitores, essas obras vêm incorporando novas demandas sociais e ampliando suas formas de representatividade. Partindo dessa perspectiva, este trabalho busca responder à seguinte questão: de que maneira as distopias juvenis contemporâneas atualizam a crítica social presente nas obras pioneiras do gênero e como as questões relacionadas à identidade e às desigualdades sociais passam a ser representadas nessas narrativas? Diante disso, busco apresentar um breve panorama sobre as características das distopias literárias com protagonismo jovem nas últimas décadas, tomando como ponto de partida *O Doador de Memórias* (1993), de Lois Lowry, passando por obras de grande circulação, até chegar a *A Ilha dos Dissidentes* (2013), de Bárbara Morais. Para isso, a pesquisa assume caráter qualitativo e exploratório, partindo de um levantamento bibliográfico, que inclui tanto a leitura das obras distópicas selecionadas quanto de análises críticas sobre algumas das principais narrativas. Além disso, o trabalho apoia-se em referenciais teóricos dos Estudos Culturais (Hall, 1992), especialmente na perspectiva de cultura em transformação e dos Estudos Críticos da Utopia (Baccolini; Moylan, 2003; Moylan, 2016), com ênfase nos estudos sobre narrativas distópicas juvenis (Hintz e Ostry, 2003). A partir desse embasamento, realizo uma análise da narrativa distópica brasileira escrita por Bárbara Morais, buscando identificar continuidades e transformações nas formas de representação identitária. Para essa leitura crítica, recorro também a contribuições da crítica feminista (hooks, 2013; Davis, 2026), que possibilitam refletir sobre questões de desigualdade, identidade, protagonismo e representatividade nas narrativas analisadas. Como resultado esperado, a análise sugere que há uma atualização das características das distopias juvenis conforme as demandas sociais, com a ampliação da diversidade e reformulação da ideia de protagonismo, o que reforça a compreensão dessas obras como espaços de reflexão crítica sobre as dinâmicas sociais e culturais na contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura. Distopias juvenis. Identidade. Desigualdade social.

¹⁴⁸ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, graduada em Letras-Português pela Faculdade de Letras desta universidade. Integra o grupo de pesquisa Literatura & Utopia.

¹⁴⁹ Doutor e mestre em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, graduado em Letras-Inglês pela Faculdade de Letras desta universidade. Integra o grupo de pesquisa Literatura & Utopia.

MATERIALISMO LACANIANO NOS ESTUDOS LITERÁRIOS NO BRASIL: APONTAMENTOS PARA O ESTADO DA ARTE DE UMA VERTENTE TEÓRICO-CRÍTICA EM EXPANSÃO

Rafael Lucas Santos da Silva¹⁵⁰

RESUMO

Nesta comunicação, propõe-se apresentar e discutir um mapeamento introdutório da recepção do Materialismo Lacaniano nos Estudos Literários brasileiros, tendo como eixo a atuação de Marisa Corrêa Silva na recepção e orientação acadêmica. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico e documental, configurada para contribuir na composição de estudo de estado da arte, a partir de dissertações e teses que utilizaram essa vertente teórico-crítica associada a Slavoj Žižek. O projeto intelectual desse filósofo é um verdadeiro repertório crítico, criativo, dialético e impulsionador para uma nova tendência crítica bastante fértil para os estudos literários/culturais: o Materialismo Lacaniano. Inicialmente vinculado à filosofia política, tem gradualmente expandido seus limites. No campo acadêmico brasileiro, a pesquisadora Dra. Marisa Corrêa Silva foi pioneira na aplicação sistemática do Materialismo Lacaniano de Slavoj Žižek, propondo o desenvolvimento de metodologia para efetuar tal aplicação desde 2007, com uma pesquisa que tem contribuído para a sistematização e aplicação desse aporte teórico, especialmente em contextos de formação acadêmica no Ensino Superior, com impactos no desenvolvimento crítico de discentes e pesquisadores. Trata-se de uma sistematização que propõe um diálogo constante entre teoria e prática, promovendo um ensino que estimula o questionamento e pesquisa nos Estudos Literários de modo crítico e interdisciplinar. Conforme Silva (2009), o Materialismo Lacaniano propõe-se como uma alternativa à prática tradicional da crítica literária psicanalítica, uma vez que “a aplicação de Lacan resgata o subjetivo, o psicanalítico e as pressões do Inconsciente para o campo da coletividade, do social”, possibilitando abrir caminho para uma abordagem que “enriquece a compreensão do texto literário” (Silva, 2009, p. 212). Os resultados preliminares apontam que os redirecionamentos de horizontes interpretativos efetuados a partir da vertente do Materialismo Lacaniano, presentes no trabalho de Marisa Corrêa Silva, e orientados por ela, reafirmam, do ponto de vista teórico-crítico, a importância de uma crítica materialista e dialética, contribuindo para a formação de leitores mais conscientes das tensões históricas e políticas que permeiam as obras literárias e a sociedade contemporânea, à luz da psicanálise lacaniana e das contribuições críticas de Slavoj Žižek.

Palavras-chave: Materialismo Lacaniano; Teoria da Literatura; Metodologia nos Estudos literários; Marisa Corrêa Silva.

¹⁵⁰ Doutor em Letras na área dos Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM/PLE).

MEMÓRIA SOCIAL, LINGUAGEM E HIERARQUIAS DE PERTENCIMENTO: POSIÇÕES DE FALA NA GUALIN DO TTK

Bárbara Paixão¹⁵¹

RESUMO

Este trabalho parte de uma perspectiva museológica para investigar a Gualin do TTK (Língua do Catete) — ludolíngua de inversão silábica associada ao bairro do Catete (Rio de Janeiro) — como expressão cultural urbana constituída na interface entre memória social, sociabilidade e produção de pertencimento. Retomando a pesquisa de Paixão (2010), o estudo compreende a Gualin não apenas como fenômeno linguístico, mas como prática cultural que materializa vínculos coletivos, identidade e patrimônio imaterial. Ancorado na noção de quadros sociais da memória (Halbwachs), o objetivo é analisar como os regimes de reconhecimento e participação na Gualin estruturam formas hierarquizadas de pertencimento. A pesquisa mapeia a trajetória da prática desde a “Velha Gualin” até a “Meia Gualin”, conforme a periodização técnica proposta por (VITAL, 2020), observando sua consolidação como filtro simbólico entre 1980 e 2000 nas culturas do skate, pichação, funk e hip-hop. A partir de uma abordagem qualitativa e etnográfica, utiliza-se o documentário “Tributo ao TTK” (Amazon Music, 2021) como dispositivo de mediação para observar como território e pertencimento são performados no plano audiovisual, evidenciando como linguagem, território e memória coletiva se articulam nessa expressão cultural, com destaque para tensões de gênero no acesso à prática. Propõe-se o conceito de posição liminar de fala para nomear formas de inserção parcial e instável em práticas culturais — entre o pleno pertencimento e a exclusão. Nesse sentido, o estudo busca explicitar os mecanismos internos de hierarquização da Gualin, mostrando como essas expressões produzem pertencimento ao mesmo tempo em que definem diferenças e limites de participação no interior do grupo.

Palavras-chave: Gualin do TTK. Expressão Cultural Urbana. Memória Social. Pertencimento. Patrimônio Imaterial

¹⁵¹ ABREU, Bárbara Fagundes Paixão Ramos Baptista de. Graduada em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

O FENÔMENO DA GLOBALIZAÇÃO E A IMPOSIÇÃO DA CULTURA DOMINANTE: UM ESTUDO DIALÓGICO SOBRE A PROPOSTA DE HOMOGENEIZAÇÃO CULTURAL

Marcus Vinicius Verissimo Gonçalves¹⁵²

Daniela Cristina Veríssimo Coeli¹⁵³

Camila de Araújo Beraldo¹⁵⁴

RESUMO

O fenômeno da globalização, amplamente estudado por diversos teóricos, geógrafos, historiadores ou ainda de outras áreas, no Brasil e no mundo, tem funcionado como forma de disseminação e exaltação da ideologia capitalista, revela-se assim pois está enraizado e fundamentado nos alicerces do capital, em que os fundamentos adotados por liberais e neoliberais tendem a ser semelhantes à lógica de mercado, no entanto, dentro do escopo sociocultural. Tal fenômeno tem por um de seus objetivos validar o pensamento da classe dominante subjugando os padrões culturais que já se mostram estabelecidos e concretizados regionalmente. De modo, ao impor a lógica da classe dominante, há o objetivo de homogeneizar os padrões culturais de modo que toda a sociedade seja subdividida em dominados e dominantes, ou ainda, dentro daquilo que se obtém com a lógica capitalista de mercado, entre o proletariado assalariado que vende sua mão-de-obra e a burguesia dona dos meios de produção. Neste sentido, existem focos de resistência culturais que permanecem firmes em oposição ao que lhes é imposto, mantendo-se assim, vivos os costumes e valores culturais e ideológicos dessas sociedades. Neste interim, busca-se dar profundidade a essa discussão através da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin e o Círculo, principalmente por sua concepção dialógica da linguagem. Objetiva-se também o trabalho com os estudos acerca da axiologia e signo ideológico, em que o discurso permeado pelos signos se estabelece como uma arena de vozes viabilizando o embate ideológico refletindo suas intenções sociais. Busca-se, deste modo, evidenciar o embate discursivo no qual o discurso capitalista tenta dominar as resistências culturais visando sua supremacia. O presente estudo utiliza-se de uma metodologia interpretativa, qualitativo-bibliográfica, explorando a heteroglossia e a responsividade do indivíduo em que o sujeito responsivo se posiciona frente aos discursos de poder.

Palavras-chave: Bakhtin. Linguagem. Globalização. Ideologia.

¹⁵² Mestre em Linguística Universidade de Franca (UNIFRAN) e Doutorando em Linguística Universidade de Franca (UNIFRAN).

¹⁵³ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Linguística, da Universidade de Franca/SP. Bacharel em Direito pela Universidade de Franca (UNIFRAN).

¹⁵⁴ Mestre em Linguística (UNIFRAN), Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp-Fclar), Pós-doutorado em Educação (Universidade de São Paulo).

TRAUMA E NARRAÇÃO NO ROMANCE *NÃO FALEI*, DE BEATRIZ BRACHER

Rosicley Andrade Coimbra¹⁵⁵

RESUMO

O presente trabalho propõe um estudo analítico do romance *Não falei*, de Beatriz Bracher (2004), pela perspectiva do trauma. Salientaremos como o trauma no século XX (Seligmann-Silva, 2023) concentrou-se no estudo de obras relacionadas a eventos catastróficos sob governos autoritários, como a ditadura militar no Brasil (1964-1985), e suas consequências não apenas na esfera individual, mas também na coletiva. Como obra de ficção, *Não falei* se destaca não somente pela temática relacionada ao regime militar, mas também pela maneira como busca, via estratégia literária, destacar o trauma e sua problemática para a representação. Além disso, outras questões também se destacam no livro, como o fato de a memória coletiva e a memória individual estarem tensionadas pelo trauma e como a escrita da história é deliberadamente manipulada pelos vencedores, que exibem os despojos de sua vitória em um desfile triunfal, enquanto os vencidos são silenciados e apagados (Benjamin, 1994). Narrar o trauma, nesse sentido, implica não apenas uma luta contra uma linguagem institucionalizada, mas também uma luta contra o esquecimento.

Palavras-chave: Trauma. Memória. Narrativa. Esquecimento.

¹⁵⁵ Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados e Doutorado em Letras pela Universidade Federal de Goiás. Atualmente desenvolve estágio pós-doutoral pela Universidade Federal de Goiás com bolsa PIPD/Capes (2025-2027), com período sanduíche na Universidad de San Andrés, sob a supervisão da professora Florência Garramuño. O presente trabalho é parte deste projeto de pesquisa.

UTOPIAS FEMININAS? QUANDO A RESILIÊNCIA ENCONTRA TERRENO FÉRTIL NO REALISMO FANTÁSTICO DE NADINE LABAKI

Flávia Abud Luz¹⁵⁶

RESUMO

A dinâmica sociopolítica libanesa é historicamente marcada por uma série de tensões sectárias, violências e resistência em que observamos que a convivência entre os diferentes grupos confessionais oscila entre a harmonia e o confronto direto, seja por meio de embates políticos ou violência, como ocorrido durante o período da Guerra Civil Libanesa (1975-1990). A violência, muitas vezes perpetuada como uma espécie de herança de conflitos confessionais não resolvidos, permitiu um ciclo de retaliações que fragmentou comunidades e instrumentalizou a pertença religiosa para fins de exclusão. Em *E Agora, Aonde Vamos?* (2011), filme dirigido e protagonizado pela cineasta libanesa Nadine Labaki desenvolve uma crítica consistente e até mesmo visceral sobre as feridas abertas na sociedade libanesa por conta da guerra civil e das divisões confessionais. A narrativa se inicia em um vilarejo isolado, cercado por artefatos de minas terrestres de conflitos anteriores, onde cristãos e muçulmanos (os maiores grupos confessionais do país) conseguem desenvolver uma convivência pacífica, porém frágil, visto que passa a ser constantemente ameaçada por notícias e fatos exteriores ao vilarejo que acabam por intensificar hostilidades existentes no cotidiano e escalar para um conflito aberto. O protagonismo feminino surge nesse contexto não apenas para a condução da narrativa em si, mas como a única força política capaz de interromper o ciclo de violências e vingança que fora iniciado pelas ações dos homens do vilarejo. Através das lentes de Labaki somos convidados a assistir uma realidade em que as mulheres foram capazes de tensionar as complexas relações entre poder, gênero e religião para alcançar uma nova forma de pacto junto a uma sociedade intrinsecamente diversa. As mulheres da aldeia — mães, esposas, irmãs e filhas — passam então a ser retratadas como agentes de uma resistência criativa e desesperada que por meio de ações inusitadas como a troca simbólica de religião e a contratação de dançarinas para distrair os homens, são capazes de sabotar a logística do conflito e desarmar a agressividade patriarcal, revelando que a "honra" masculina, muitas vezes, é alimentada por uma intolerância vazia. A partir da análise fílmica a presente comunicação tem por objetivo discutir a instrumentalização da religião e as possibilidades de resistência feminina no que diz respeito à construção de novas formas de convivência.

Palavras-chave: Gênero. Conflito Confessional. Resistência. Sociedade.

¹⁵⁶ Professora de Relações Internacionais, Doutora em Ciências Humanas e Sociais (Ufabc), Mestre em Ciência da Religião (Mackenzie), especialista em Política e Relações Internacionais. Desenvolve pesquisas nas áreas de teorias pós-coloniais e gênero.

O ESTADO PRÉ-CENA NO AUDIOVISUAL: PROCEDIMENTOS PARA MANUTENÇÃO DO ESTADO DO ATOR NO SET

Cleyton Alves¹⁵⁷

RESUMO

Este trabalho investiga o estado pré-cena do ator no ambiente do set de filmagem, tomando como eixo as noções de precisão energética e corpo ativo, compreendendo-o como um território de manutenção da presença. O problema de pesquisa centra-se em compreender como o ator pode sustentar estados emocionais e energéticos exigidos pela cena em um contexto marcado por interrupções técnicas, fragmentação temporal e longos períodos de espera. O objetivo geral é analisar e propor procedimentos que contribuam para a manutenção da prontidão do intérprete e para sua permanência em estado de presença no audiovisual. Parte-se da hipótese de que o estado pré-cena não se restringe a um momento anterior à ação, mas constitui um campo contínuo de preparação que impacta diretamente a qualidade da atuação. A metodologia adotada é de caráter qualitativo, articulando observações em sets de filmagem, práticas em sala de treinamento e experimentações corporais. Nesse contexto, são sistematizados procedimentos de manutenção do estado do ator, baseados em respiração consciente, relaxamento ativo, enraizamento, desbloqueio de tensões e na ativação do Tanden como centro energético do corpo. O trabalho dialoga com Ferracini (2001), ao abordar a arte de não interpretar como via de acesso à organicidade, e com Barba (1994), no campo da antropologia teatral, compreendendo o corpo do ator como lugar de produção de energia e atenção. Articula-se ainda com Alves (2023), ao investigar o Tanden como dispositivo de ativação do corpo cênico, e com Tokitsu (2012), na relação entre respiração, centro corporal e potência. Os resultados indicam que os procedimentos propostos atuam como dispositivos eficazes para a manutenção do corpo do ator em condições de dispersão e desgaste, permitindo-lhe reorganizar sua energia, sustentar seus estados e reativar sua presença entre os takes e planos. Conclui-se que esse cultivo amplia a capacidade do intérprete de habitar o set como um campo vivo de criação, no qual a presença não apenas antecede a imagem, mas participa ativamente de sua construção.

Palavras-chave: Tanden. Treinamento do Ator. Presença. Audiovisual. Corpo e Energia.

¹⁵⁷ Mestre em Artes Cênicas pela UFU e ator formado pela UFAL, atua nas áreas de preparação de elenco, treinamento do ator e direção. Atualmente, é professor da Academia de Atuação para Câmera - Escola Criativa. Continua a desenvolver novos projetos, tendo como ponto de partida o treinamento do ator e as artes marciais.

ENTRE CISNORMATIVIDADE E CAPACITISMO: PRÁTICAS DE CUIDADO, SUBJETIVAÇÃO E EXPERIÊNCIAS TRANS NEURODIVERGENTES

Vincent Abiorana¹⁵⁸

RESUMO

Inserido no campo dos estudos sociais e culturais contemporâneos, este trabalho analisa a produção de subjetividades em contextos de cuidado em saúde mental, a partir das vivências de pessoas transmasculinas e não binárias neurodivergentes. Parte-se do problema da ausência de modelos analíticos que articulem, de modo integrado, dissidências de gênero e neurodivergências, considerando seus atravessamentos históricos, institucionais e biomédicos, bem como os efeitos dessas articulações na organização dos serviços de saúde. O objetivo consiste em examinar como práticas de cuidado operam como dispositivos de subjetivação, produzindo, regulando e tensionando modos de existência e formas de reconhecimento social. Fundamentado na Psicologia Histórico-Cultural, em diálogo com perspectivas neuroafirmativas e transcitradas, o estudo mobiliza a análise de material empírico oriundo de práticas clínicas, compreendido como campo de produção de sentidos e práticas discursivas. A análise evidencia que pessoas transmasculinas e não binárias neurodivergentes são interpeladas por regimes de normatização que articulam cisnormatividade e capacitismo, produzindo efeitos como sobrecarga sensorial, dificuldades executivas, barreiras no acesso à saúde, incertezas quanto a protocolos de cuidado e regulação das expressões de gênero. Tais processos impactam o autocuidado, a adesão terapêutica e as possibilidades de reconhecimento social, além de tensionarem a relação com instituições de saúde e redes de apoio. Ao mesmo tempo, observam-se práticas de cuidado que operam na desestabilização dessas normatividades, como adaptações sensoriais, manejo da disforia, estratégias de mediação institucional e ampliação de repertórios de cuidado. Conclui-se que o cuidado constitui um campo de disputa na produção de subjetividades, sendo fundamentais abordagens interseccionais que articulem corporeidade, gênero e neurodivergência, bem como políticas públicas que ampliem condições de existência e acesso à saúde para essa população.

Palavras-chave: Processos de normatização. Transgeneridades. Neurodivergências. Cuidado. Subjetividade.

OS

¹⁵⁸ Psicólogo, doutorando em Psicologia pela UFPE, mestre e graduado pela UNIR. Atua em clínica e pesquisa com foco em dissidências de gênero e sexualidade, neurodivergências e trabalho de cuidado, a partir da Psicologia Social Construcionista e da Psicologia Histórico-Cultural.

ORGANIZADORES

Valdon Breno da Silva Maia

Graduando em Letras – Língua Portuguesa e Língua Francesa pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atua em pesquisas voltadas aos estudos discursivos e semióticos e desenvolve trabalhos no campo das artes visuais.

Marcus Vinicius Diniz de Lima

Cineasta e artista visual, graduando em Cinema e Audiovisual pela Universidade Estadual de Goiás. Desenvolve pesquisas em fotografia, vídeo e instalação, investigando trabalho manual, memória material, território e experiências sociais. Membro da Associação de Profissionais do Audiovisual Negro (APAN), estreou no cinema documental com *Bendito Seja o Beck* (2024). Em 2026, lançou *Domingo à Noite é um Pesadelo* e *O que as formigas me contaram*. Participou de exposições coletivas no Brasil, com destaque para *Do chão que habita* (Museu das Bandeiras) e (...) *Desde antes, até quando?* (A Pilastra Galeria-Escola).

Renan da Silva Dalago

Doutorando em Comunicação pelo PPG em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG). Bacharel em Publicidade e Propaganda pela UniCesumar, com segunda licenciatura em Letras - Português/Espanhol e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Mestre em Estudos Literários, pelo PPGLetras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG).



Coletivo Cine-Fórum é uma marca registrada